LIGA MILITAR REPUBLICANA

Bases da sua organisação

1.ª O grupo dos officiaes conhecidos como antigos republicanos e pertencentes á guarnição do Porto, constituir-se-ha em associação que se denominará — *Liga militar republicana* —.

2.ª Nesta liga poder-se-hão filiar outros officiaes, que, apezar de não serem conhecidos como republicanos, antes de 5 d'Outubro, deem provas de que podem vir a ser fieis servidores da Republica.

§ unico. A sua admissão far-se-ha segundo um formulario que será opportunamente estabelecido.

3.ª Pela assembleia geral da Liga, será eleita uma commissão executiva de 9 socios, na qual entrará, sendo possivel, um representante de cada unidade e serviço.

4.ª A Liga estabelecerá relações com todos as unidades d'aquem Mondego por intermedio de um official residente na localidade, o qual será considerado delegado da commissão executiva.

5.ª Este delegado terá poderes para organisar uma associação de officiaes republicanos analoga á associação central do Porto.

§ unico. Havendo na localidade mais de uma unidade e em cada unidade um delegado, os delegados resolverão entre si sobre a conveniencia da formação de um unico grupo nessa localidade.

6.ª A commissão executiva procurará directamente, ou por intermedio dos seus delegados, pôr-se em contacto com as organisações civis ou militares existentes, ou que venham a formar-se, prestando-se mutuo auxilio e harmonisando os processos de propaganda e combate.

§ unico. Quando em qualquer localidade não haja organisação civil, devem empregar-se todos os esforços para a promover.

7.ª A Liga, procurará, pela commissão executiva, ser ouvida nas estações superiores, prestando sempre com toda a lealdade as informações que por ellas lhe forem pedidas.

§ unico. Estas informações sahirão do archivo secreto da Liga, ao qual serão fornecidas pelos seus delegados em face de um questionario que lhes será proposto.

8.ª A Liga pôr-se-ha em relações com o Directorio do partido republicano, quando veja nisso conveniencia.

9.ª O fim da Liga é: defender as instituições republicanas, e com este intento, procurará:

a) Dirigir uma propaganda activa e energica a favor da Republica.

b) Promover a collocação de officiaes de confiança em logares de responsabilidade, e adoptar todas as medidas tendentes a evitar deslocações injustificadas.

c) Combater todas as vaidades e ambições que sejam prejudiciaes á Patria e ás instituições militares.

d) Desenvolver a instrucção civica e militar.

e) Contribuir para o aperfeiçoamento das instituições militares.

10.ª Para obviar ás despezas inherentes á sustentação da Liga, haverá uma caixa cujo fundo será formado pelas quotas e joias pagas pelos socios residentes no Porto.

§ 1.º Estas quotas serão pagas adeantadamente, mediante recibo.

§ 2.º As quotas são mensaes e não poderão ser superiores a 500 reis, e a joia não poderá ser superior a 1$000 reis.

Instrucções aos delegados da **Liga Militar Republicana**

I — E' interdicto ao delegado propôr alguem para filiado na Liga *sem previamente* ter enviado o seu nome para o presidente da secção de propaganda, acompanhado de um succinto relatorio em que se fundamentem as razões que levaram o proponente a suppôr que o official proposto possa prestar bons serviços á Liga.

II — E' interdicto revelar aos candidatos:

a) — Os nomes dos individuos que compõem a Liga.

b) — O local das suas reuniões.

c) — A maneira como a Liga está organisada.

III — Só poderão fazer parte da Liga:

a) — Os officiaes conhecidos como republicanos antes da implantação do novo regimen.

b) — Os officiaes que, não tendo feito nunca profissão de fé republicana antes de 5 d'Outubro, deem provas de virem a ser fieis servidores da Republica.

c) — Os officiaes cuja integridade moral não possa ser posta em duvida.

IV — Do relatorio do delegado deverá constar, a respeito de cada candidato:

a) — Qual a sua politica antes de 5 d'Outubro.

b) — Quaesquer provas da sua fé republicana.

c) — Factos que projectem alguma luz sobre a sua individualidade moral.

d) — Indicações sobre as suas condições de vida, de modo a poder concluir-se se o mesmo estará em circumstancias de arcar com as responsabilidades e consequencias inherentes á sua filiação na Liga.

e) — Tudo o mais que o delegado entenda dever dizer para completa illucidação do assumpto.

V — Depois de approvado o novo socio pela commissão executiva, e communicada a approvação ao delegado, começará este a sua alliciação, a qual terminará pela apresentação ao candidato da norma da declaração, que *será escripta pelo proprio punho do candidato* e assignada com letra bem legivel.

VI — Esta declaração será enviada *immediatamente e com todas as seguranças* ao presidente da secção de propaganda.

VII — Depois de accusada a recepção d'esta declaração, fica o candidato considerado como socio da Liga e portanto com todas as obrigações que são inherentes a esta qualidade.

VIII — Sendo um dos objectos desta Liga a defeza da Republica contra quaesquer tentativas de perturbação, sejam de que natureza forem, e convindo que a Liga possa *sem hesitação* lançar mão dos seus meios de defeza num momento opportuno, recommenda-se aos delegados a maior cautella no recrutamento dos candidatos, por isso que a Liga só deseja adhesões *absolutamente sinceras e desinteressadas*.

IX — A correspondencia será toda escripta na cifra que a Liga adoptar, e *sobre todos os assumptos relativos á Liga se guardará rigoroso sigilo*.

X — A correspondencia será toda dirigida ao presidente da commissão de propaganda.

Norma da declaração a que se refere o n.º V.

Eu, F... (posto), abaixo assignado, declaro que desejo ardentemente fazer parte da *Liga militar republicana*, para o que me comprometto pela minha honra a cumprir o que está preceituado nos estatutos da mesma, pondo neste cumprimento toda a minha vontade e dedicação, e sacrificando para isso os meus maiores interesses.

Prometto egualmente dedicar ao bem da Republica todo o meu enthusiasmo e trabalhar sempre para o engrandecimento da Patria, consubstanciada com ella.

..... de ..... de 191...

F.
(posto)

FOR MILITARY REPORT

resa até, dando a entender que era homem de
bão-bão, queijo-queijo e, como tal, de poucas
falas. Parecia-me bom observador e criterio
so e dizia-se que era bom oficial da sua arma.

O impresso fica aqui, junto a estas pagi-
nas e a carta dele é a seguinte:

«Porto — 7 - 1.º - 911 — N.º 1 — Camarada.
— Em vista do impresso que junto vos envia-
mos, convidámos-vos a fazer quaisquer
propostas relativas ao modo como a Liga po-
derá exercer a sua acção e faculdades ao seu
desenvolvimento. — As comissões paroquiais
e municipal do Porto projectam uma excur-
são a Lisboa de todo o povo republicano ao
Norte do Mondego, para cumprimentar o Go-
verno Provisorio da Republica — Convindo
que todas as unidades se façam representar
por uma delegação, tão numerosa quanto pos-
sivel, rogámos-vos que façais propaganda
desta ideia entre todos os camaradas e nos en-
vieis com brevidade uma nota do numero
aproximado de oficiais que tomarão parte na
excursão. — Ao snr. Ministro da Guerra va-
mos solicitar que autorize os comandantes
das divisões a conceder a necessaria licença.

— Oportunamente vos serão dadas mais amplas informações. — Saude e Fraternidade — O presidente da comissão — (a) José Cristão Pais de Figueiredo, cap. de art. 5. »

Como se vê eu era o único oficial que em Coimbra conhecia o caso; naturalmente dirigiram-se a mim por ser o comissario e como tal, de confiança — e assim fiquei o delegado da Liga na terra.

Nunca gostei muito destes encargos e só por honra da firma o aceitei. Naquela altura tinha que ser. Contudo quiz descarregar logo radicalmente a consciencia e como me aprouve no regimento 23 em 10 de Janeiro, entendi que antes de começar a propôr um e outro, seria melhor reunir os meios republicanos e expor-lhes o caso.

Assim fiz. E dessa reunião ficou assente a concordancia de todos e a resolução de trabalhar no sentido proposto. E com a certeza de que a delegação se organizaria e, vamos lá! mãos mal, escrevi nova carta em 16 de Janeiro p.º o Pais de Figueiredo e com ela iam seis propostas de oficiais.

«Meu Capitão: — Não respondi ainda á sua carta porque tive muitas duvidas quanto á organização da Liga. Pareceu-me, porem, resolvidas; e envio para aí as propostas conforme as instruções recebidas. Temos, agora, em Infantaria 23, felizmente, um bom nucleo de oficiais com tradições e alguns com ideas definidam.te republicanas; não é, pois, dificil a Liga ter aqui um excelente apoio. Estou convencido de que aceitarão todos de bom grado quando eu, segundo o preceituado no n.º V das Instruções lhes propuser a entrada na Liga. — Quanto aos grupos civis estão eles em Coimbra dependentes de um comité a que pertencem tres oficiais republicanos; por consequencia temos facilima comunicação. No entretanto pensei em organizar um outro nucleo de individuos sinceros e desinteressadamente republicanos mas com certa posição social, para efeitos, principalmente, de propaganda. — Quanto a oficiais não republicanos antes de 5 de Outubro, julgo melhor que a delegação, depois de instalada, os escolha. Eu, com franqueza, não quero, para mim, responsabilidades. Os que proponho são republicanos velhos. — Não sei se as m.as propostas irão coadunar os vossos

desejos, mas não sinceramente escritas e me parece que com verdade. — A respeito da excursão parece-me que não vi grande entusiasmo; no entanto continuarei a ver. — Creia-me, c/toda a consideração, et. etc. »

Propostas:

A) Major José da Silva Bandeira, de Infantaria 23. Republicano desde 1884, perseguido varias vezes como tal. Era major de Infantaria 15 quando este regimento recebeu ordem a 4 de Outubro para marchar para Lisboa; a ele se deve a ordem e firmeza da unidade até á sua entrada na capital, segundo depoimento de oficiais. E' excelente chefe de familia mas nunca colocou os interesses pessoais e as comodidades acima das suas ideias.

B) Capitão Alfredo Eduardo da Cruz, de Infantaria 23. Republicano desde a Escola do Exercito, actualmente Veneravel duma Loja Maçonica depois de uma eleição (ha um ano) vencida pelos elementos avançados que a constituiam. E' um caracter nobre, tolerante, generoso. Inteligente, muito instruido. Foi transferido, assim como eu, em Abril de 1910, de Inf.ª n.º 23 por que se colocou irredutivel com o coronel Inens

desde que nos recusámos a ir ao beija-mão ao Paço do Bispo em o dia 1º de Janeiro do presente ano. Creio que Vaz pertencido a vários comités revolucionarios em outras localidades.

C) Tenente Jorge Correia de Almeida, de Infantaria 23. Entrou no comité revolucionário de Coimbra desde Janeiro de 1910 quando este entrou em actividade de trabalhos. Rapaz sincero, bom caracter, cheio de fé e entusiasmo. Nunca receiou ir a reuniões. Foi este oficial que em Dezembro de 1908, numa jantar no Paço das Necessidades, falou com clareza ao ex-rei D. Manuel acerca do jesuitismo em Portugal, facto que lhe valeu a transferencia para Infant.ª nº. 23.

D e E) Tenente José Maria de Sousa Napoles e alferes Carlos de Mascarenhas Gomes, de Infantaria 23. Vieram para este regimento depois da revolta de Infantaria 15 onde eram republicanos decididos, pertencentes ao comité revolucionario de Tomar. O primeiro, ao tempo do 28 de Janeiro, pertencia ao regim.to 23 e fez parte do comité da cidade; é um caracter firme, resoluto, que lhe valeu então ser transferido sob hipocrito pretexto de disciplina pelo Jesuitismo — e que agora lhe valeu ser escolhido para admi

ministrador do concelho de Montemór-o-Velho por causa de uns tumultos políticos de caciques monarquicos.

F) Alferes Augusto Casimiro dos Santos de Infantaria 23. Ideias avançadas desde muito novo, embora bastante metafísicas. Rapaz de talento. Poeta. Ao tempo da revolução fez no 23 propaganda energica que lhe valeu adquirir prestigio entre os soldados e lhe valeria a desgraça de a monarquia renascer.

Surge agora o nome de Alexandre Martins Mourão, capitão do Guarda Fiscal no Porto que respondeu á minha carta e ás propostas. Não o conhecia e mais tarde, quando vim para Coimbra, viria a ser um mau elemento politico. Nunca gostei dele e ainda hoje faço dele a ideia dum sujeito sem principios e apenas arranjista. Teve contudo, aqui, grande influencia e foi aceite pela grande maioria dos republicanos como coisa boa, com aquela facilidade com que todos os ja jalvos admiram os audaciosos e intrujões q. conseguem levar a agua ao seu moinho — como acontece com os deputados de feira em dias de mercado concorrido.

Mas eis a história.

O capitão Maurão escreveu-me a carta que se segue:

«Guarda Fiscal. Comando da Circunscrição do norte. Porto, 27-1-911 — Meu caro Camarada — Rogo a especial fineza de enviar-nos as propostas para os nossos consócios em folhas separadas para poderem ser arquivadas depois de, em cada uma, ser lançada a informação da respectiva secção de inquérito da Liga como determinam as bases orgânicas. — É-me grato informar que as propostas já foram votados socios da Liga em assembleia geral, atentas as belas referencias que deles fez e o conhecimento proprio que membros da Liga deles possuem. — Mais me cumpre informar que a Liga possue já os elementos precisos para poder realizar os beneficios a favor dos seus socios a que aludem as nossas bases pois tem no ministerio da guerra bons auxiliares que devotadamente nos são dedicados.[1] Sobre este assunto ser-nos-ha en-

---

(1) Referencia á alinea b) da base 9ª da organização da Liga. Ver o impresso anterior.

viada circular que está a confeccionar-se. Proseguir, pois, nos vossos trabalhos de propaganda em favor da Republica. — Saude e Fraternidade — Somos com estima — Cam.da Corr.o — Pela comissão — (a) Alexandre Martins Mourão — cap.ão da Guarda Fiscal.»

Dias depois chegou nova carta do Mourão, confidencial, ou antes circular confidencial como se segue:

«Confidencial — Circular — Sendo urgente organizar o arquivo da Liga e faltando ainda algumas das declarações que tem de ser prestadas para cumprimento do n.º V das Instruções que vos foram dirigidas, rogo-vos a fineza de, sem perda de tempo, enviardes a vossa declaração bem como qualquer outra que tenhais em vosso poder — Saude e Fraternidade — Porto 4 de Fev.º de 1911 — Pela Liga — (a) Alexandre Martins Mourão, cap. inf.e»

Estava, pois, na altura de dar começo oficial á delegação e de facto, em 9 do mês de Fevereiro deu-se a primeira reunião legal q. consta da acta seguinte:

«Aos nove dias do mês de Fevereiro de mil novecentos e onze reunidos, a meu pedido na sala de armas do regimento de Infantaria nº 23 os seguintes oficiais: major José da Silva Bandeira, tenentes José Maria de Sousa Napoles e Jorge da Silveira Correia de Almeida e alferes Carlos Mascarenhas Gomes e Augusto Casimiro — foi-lhes por mim relatado tudo quanto a respeito da Liga se tem passado comigo, como consta das folhas um a doze do volume da correspondencia.(1) Todos estes oficiais aceitaram o convite para fazerem parte da delegação em Coimbra da mesma Liga ficando desde logo a mesma delegação constituída, tomando-se apenas as seguintes resoluções: que não houvesse dia certo de reunião; que eu continuasse a ser o delegado tal como foi escolhido pelo «comité» do Porto; que se pagasse a quota mensal de cem reis (100 rs.); e que se propusesse imediatamente para socios os seguintes oficiais: coronel Antonio Fernando do Rego Chagas, capitão Domingos da Ponte e Sousa e alferes Orlando Guaresma de Paiva, todos do 23, propostas que estão a folhas 13 da cor-

---

(1) E' a correspondencia que atraz ficou transcrita. O volume desapareceu.

respondencia.[1] Resolveu-se tambem que, quando fosse necessario, se estabelecesse ligação com o «comité» revolucionario de Coimbra, do qual fazem parte tres membros desta delegação. E nada mais havendo, encerrou-se a sessão. — O delegado — (a) B.P. Ten.te de Infant.a 23.»

Propostas mandadas no mesmo dia:

G) Coronel Antonio Fernando do Rego Chagas, de Infantaria 23. Antigo republicano e maçon. O «comité» militar de Coimbra tinha nele a maior confiança e nestes termos propôz que com ele se entendesse o falecido almirante Candido dos Reis quando em Junho passado andou pelo norte do país; e realmente comprometeu-se (então comand.te do D.R.R. 23) a tomar o comando do regimento na hipotese de revolução. E' um caracter muito sério que, naquele comando, se evidenciou constantemente, alem de o evidenciar em qualquer outro campo.

H) Capitão Domingos da Ponte e Souza de Infantaria 23. Informações colhidas dão-no

---

(1) São as propostas G-J que se seguem.

como republicano antigo e maçon. Pertence ao regim.to 23 há pouco mais de meio ano mas tempo suficiente para que se tenha avaliado as suas qualidades de caracter e brio profissional.

3) Alferes Orlando Guaresma de Paiva, de Infantaria 23. Pertenceu ao 15 de onde veio para o 23 depois da revolução. Aquele regim.to era rapaz de confiança do «comité» revolucionario — e aqui não tem desmerecido o conceito formado.»

Passáram-se dias sem q.a documentação acuse qualquer trabalho. A 22, porem, do mesmo Fevereiro, fez-se segunda reunião de que vai a seguir a acta:

«Aos vinte e dois dias de Fevereiro de mil novecentos e onze reunidos os socios seguintes: Bandeira, Napoles, Pimenta, Mascarenhas Gomes e Correia de Almeida, tomou-se conhecimento de uma denuncia feita ao aspirante a oficial do regimento Germano Roque dos ~~Santos~~ Santos, acerca duma conspiração contra a Republica — o que logo se participou para o Porto como consta das folhas 14 da correspondencia; resolveu-se por isso exercer rigorosa vi-

gilancia sobre o regimento e dar de tudo co-
nhecimento ao «comité» revolucionario fª
se tomarem as necessarias providencias. Fo-
ram aprovadas as propostas para socios dos
major Joaquim Maria Ferreira e aspirante
Prague dos Santos acima referido o que tambem
se participou para o Porto como consta de fls.
15 da correspondencia. E nada mais havendo
fª tratar encerrou-se a sessão. Etc.» (1)

No mesmo dia escrevi ao capitão Mar-
tins Mourão esta outra carta:

«Exmo Capitão: Envio hoje mais duas pro-
postas que foram aprovadas pela delegação as-
sim como mais duas declarações. Falta a do
capitão Alfredo Cruz que foi transferido para
Caçadores 5 — transferencia que, para nós, foi
motivo de pesar, atendendo ao excelente carac-
ter e valor deste nosso camarada. — A delega-
ção resolveu comunicar o seguinte á direc-
ção da Liga e que julgo muito importante:
as organizações secretas trabalham no desco

---

(1) As referencias a fls. 14 e 15 correspondem
á carta e ás propostas que se não seguir.

berta duma conspiração que parece ter a séde em Coimbra, cujo fim é promover levantamentos no norte do país; o que de positivo ha sobre o caso é pouco; no entanto julgamos dever nosso prevenir que um membro dessa conspiração afiança haver entendimentos com as guarnições de Bragança, Figueira da Foz, Leiria, Vizeu, Chaves e Penafiel. As nossas investigações são sérias e só farêmos obra com provas positivas. Contudo aí fica o aviso para que o tomem na devida conta. — Alguns dos nossos confrades desejam possuir o impresso com as bases da organização da Liga. Seria possivel enviar alguns? — Mais participo que alguns membros da delegação teem tomado parte em comicios de propaganda republicana, havendo tenções de continuar na obra de educação encetada. — Sem mais, creia-me V... etc. — (a) BR. »

Propostas:

J) Major Joaquim Maria Ferreira, de Infantaria 23. Foi sempre conhecido como professando ideias liberais embora nunca se manifestasse republicano. E' um bom caracter apesar de ser tido por timido — talvez porque

lutava com dificuldades para sustentar a familia numerosa. E' inteligente; como militar é considerado sabedor e ultimamente tem orientado a politica nas freguesias de Eiras e S. Paulo de Frades (conc.º de Coimbra) onde tem parentes, num sentido abertamente republicano.

K) aspirante a oficial Germano Roque dos Santos, de Infantaria 23. E' rapaz entusiasta, cheio de fé, valente e decidido. Na Escola do Exercito pertencia á organização secreta e em Coimbra tambem pertence a outra identica. E' tido entre os condiscipulos por sério e honesto e afirmou qualidades de trabalho enquanto estudante poisque, sendo recolhido do Colegio dos Orfãos, conseguiu fazer o curso de Infantaria quasi que por si.»

Poucos dias depois o capitão Pais de Figueiredo escreveu-me e mandou o numero com que deveriamos usar a cifra cujo codigo ou modo de usar não mandou. A carta segue:

« 28 - 2.º - 1911 — Ex.mo Camarada — E' da maxima conveniencia o descobrimento dos trabalhos que se andam efectuando contra a Re-

publica; informações até nós chegadas e de absoluta confiança dizem-nos que um tal Menezes Barreira, empregado da empresa de automoveis Oliveira & Cª de Coimbra (1) tem procurado aliciar alguns oficiais e anda fazendo propaganda pela provincia. — Consta-nos tambem que outro tanto faz o dono ou socio de uma empresa de automoveis daqui do Porto. — Ficamos aguardando as vossas comunicações, na certeza de que nos encontrarão sempre prontos a prestar-vos todo o auxilio. — O numero da cifra que em breve vos será remettida é 1843. — Enviam-se 6 exemplares das bases da nossa organização e dos seus estatutos. Para facilidade do serviço e maior rapidez de communicação, a correspondencia deverá ser dirigida para o signatario desta e para a rua Luis de Camões, 289, Vila Nova de Gaia. — Saude e Fraternidade — (a) José Cristão Pais de Figueiredo.»

A 3 de Março fez-se nova reunião da delegação. Consta da seguinte acta:

---

(1) Bacharel em Direito Pedro de Menezes Barreira, socio e não empregado da empresa.

«Aos tres dias do mês de Março de mil novecentos e onze, reunidos os socios: Bandeira, Correia de Almeida, Nafoles, Pimenta, Mascarenhas Gomes e Augusto Carimiro foi resolvido fazer-se uma larga exposição para o «comité» central do Porto, de algumas coisas anormais que se passam no Quartel-General da 5ª Divisão e mandar impressões acerca do pessoal do mesmo; tomou-se conhecimento duma carta do Porto que está a fls. 16 e 17 da correspondencia [1]; e resolveu-se dirigir o mesmo Quartel-General e sobre ele, se necessario fôr, tomar medidas energicas. E nada mais havendo, etc.»

Na verdade, notava-se um começo de reacção contra o regime; passado o momento do assalto, os reaccionarios começaram-se de que a Republica lhes não faria mal e começaram no trabalho conspiratório. No mesmo dia da reunião foi para o Porto a seguinte carta dirigida ao Pais de Figueiredo:

«Ex.mo Capitão: As informações que dá a

---

[1] É a carta copiada anteriormente.

respeito do Meneses Parreira foram comunicadas á Carbonaria para que possa ser vigiado e a sua vida investigada. — Esta associação secreta tem trabalhado bastante e sem descanço e está directam.te ligada connosco, pois que 3 membros da Liga pertencem á direcção central daquela agremiação e dois outros estão nela ajuramentados. — Um caso diferente, porem, julgamos dever relatar aos nossos camaradas da Liga para que dele tenham conhecimento. E' o caso de o Quartel-General da 5ª Divisão estar ainda constituído pela mesma gente que tinha antes de 5 de Outubro, gente que não inspira a menor confiança, antes, pelo contrario, nos tem provocado suspeitas. — O general Silva Monteiro é um espirito maleavel, indo ao sabor dos acontecimentos e das conveniencias, afirmando até em publico (como aconteceu uma vez com o actual Governador civil de Coimbra que ao signatario desta o contou) que a sua politica era o soldo, somente o soldo, que no fim do mês estava certo! Esta afirmação, partida de quem partiu e feita perante as pessoas que o ouviam e que eram de categoria social, causou desagradavel e justificada impressão. Foi essa politica que o levou a sancionar todas ou quasi to-

das as preferências do coronel Jaime e a não ouvir as reclamações que havia contra ele. E é ainda essa política dubia que o leva a conservar os mesmos ajudantes, dos quais um é reaccionario confesso e sobre o qual caíram suspeitas fundamentadas quando ainda o signatario desta era Comissario de Policia. Este ajudante é o capitão de Cavalª Alvaro Pimenta da Gama. — Ha dias ainda, querendo os oficiais da Liga proceder contra um cadete por causa dum facto ainda não desligado mas que talvez se desligasse pela prisão desse cadete, e levando essas oficiais o comandante do regimº a consentir, este ultimo participou-o ao general particularmente para se assentar no caminho que se deveria seguir; mais o general respondeu que se não procedesse e perante nova insistencia do coronel declarou que no caso de procedimento, ele abriria fogo no Quartel-general. E queriam saber do que se tratava? Da quasi certeza de q. o cadete, com o pretexto de acompanhar a Tuna Academica, fôra em missão a Badajoz e a mais alguma parte.(1) Por isso nos indi-

---

(1) Badajoz era então o centro de reacção e

grau tal resposta a tal atitude e principalmente por ser uma falta de respeito para com um homem que nos merece a nossa maior confiança, o coronel Rego Chapas. — Estes factos e outros que não enumero, pequenos uns, maiores outros, trazem desgostosos os oficiais republicanos de Coimbra — pois que embora tá no Quartel-general nos façam todos muita festa e mostrem o melhor sorriso, é certo também que o seu procedimento quer no serviço quer fóra dele, tem feito com que já algumas vêzes republicanos civis nos tenham perguntado: teem a certeza de que no Q.G. não se conspira? — Factos graves não se apuraram, é certo; mas também é certo que nos dias de incerteza cruel que foram os dias 4 e 5 de Outubro, os oficiais do Quartel-gen.al, exaltados e acêsos em lealismo monarquico, planearam já com alegria a chacina redentora em que todos nós seriamos sacrificados — o que talvez fosse exagero do momento mas seria sintoma de propositos. — Em resumo: nós não temos confiança de especie alguma no Quartel-General;

---

conspiração monarquicas e donde partiam todas as noticias falsas acerca do regime.

e Virante o ten.te de Infantaria José Joaquim Guedes de Melo que a tudo anda alheio e o alferes do Secretariado Militar José de Oliveira Miranda que ha dias lá foi colocado, todos os oficiais que o constituem são p.a nós suspeitos, já pelo seu procedimento antigo e ideias reaccionarias, já pelo seu actual porte. — Mas, enfim, a delegação da Liga quer apenas dar impressões, sinceras, é verdade, mas sem de forma alguma querer que elas possam ser tomadas como resultado de questões ou más vontades pessoais. Tudo é consequencia de factos acumulados a que a resposta incorreta do general, ha pouco, ao cor.el Chagas, veiu pôr certo remate impressivo. — Queiram os nossos camaradas da Liga tomar conhecimento disto e disto fazer o uso que entenderem — ficando com a certeza de q. esta delegação não tira os olhos de cima destes asuntos q. são importantes e continuará a informar com lealdade. — Saude e Fraternid.e — (a) B.P. »

Lembro-me bem destes episodios. É possivel que nós exagerássemos alguma coisa com a preocupação da defesa do regime nascente; mas tambem a verd.e é que sucessos posteriores vieram justificar os nossos receios.

Havia nervosismo como era natural e em alguns republicanos, como o major José da Silva Bandeira esse nervosismo ia ao ponto de ver conspiradores em toda a parte. Era necessario ter certo cuidado com as suas informações, muitas vezes fantasiosas.

Logo no dia seguinte ao da ultª comunicação, fez-se reunião dos delegados:

«Aos quatro dias do mês de Março de mil novecentos e onze, reunidos os socios Bandeira, Pimenta, Nazoles, Correia de Almeida e Marcelino Gomes, foi resolvido acrescentar á comunicação de ontem umas coisas referentes ao major da Administração Militar Anibal da Natividade Monteiro Pinto e ao capitão de Infantaria José Augusto Ferreira Lopes, como consta das fls. 20 da correspondª.[1] E nada mais havendo, encerrou-se a sessão, etc.»

O que havia para dizer destes dois oficiais consta da carta que se segue. Do primeiro não me recordo já; mas do segundo lembro-me muito bem e creio que ainda é vivo e de avan-

---

[1] É a carta que se segue.

çada idade. Pouco inteligente, teimoso, espírito estreito e reaccionario, nada realizou por consequencia, mostrou sempre má vontade aos republicanos; e como era já, nessa altura, rico, tinha a impressão de que o novo regime lhe cerceava a fortuna. Dai-me sempre bem com ele, mas era necessario cuidado nas relações porque era bastante rude.

Ora segue a carta, dirigida ao capitão José Tristão Paes de Figueiredo:

«Coimbra: 4 - Março - 1911 — Ex.mo Capitão — Já a carta de ontem estava escrita quando recebemos informações que cumpre participar. — Uma é a respeito da ida a Arganil do major da Administração Militar Annibal da Natividade Monteiro Pinto que ha pouco passou á inactividade. Esta ida á terra onde se acoita o Padre Matos tornou-se sobremodo suspeita, tendo-se afirmado que lá fizera propaganda anti-republicana. — Outra é respeitante ao capitão de Infantaria José Augusto Ferreira Lopes a quem a Monarquia concedeu uma situação de favor (na Comissão de empregos dos sargentos) para poder tratar dos negocios da Companhia Vinicola de que é um dos directores. Este capitão tem

feito em toda a parte. propaganda irritante contra nós e em Coimbra (onde vieram muitas vêzes no serviço da Companhia) é isso publico e notorio, tendo Vido já o arrojo de o fazer no proprio quartel do 23. — Pede o socio major Bandeira para indicar como oficial de confiança no regimento de Infant.ª 9, Lamego, o major Alberto Xavier Salvino para a hipotese de lá não haver oficial em que tenham confiança para a organização da Liga. — Saude e Fraternidade — Pela Delegação — (a) B.P. »

Lembro-me de que, numa das reuniões feitas na sala da biblioteca ou na chamada sala de visitas do regimento, com a porta para o corredôr fechada, esta abriu-se e apareceu ou naturalmente ou com intenção (quem sabe?) qualquer oficial que, se a memoria me não está a atraiçoar, foi o Luis Guilherme Nunes de Carvalho. Este deu comnôsco sentados á volta da mesa e eu a tomar notas para a acta e correspondencia — pois era eu que aguentava com todo o trabalho.

Viu-se bem na expressão dele que compreendeu o que, possivelmente, nós estariamos a fazer e é natural que fosse comentar lá fora

a reunião e suscitar-se a suspeita de que alguma coisa se tramava entre os chamados históricos. Isto deu azo a comentários nossos e não nos recordo se deixámos de fazer as reuniões no quartel — e ajuda a confirmar o que acima disse acerca do mal-estar que tais factos poderiam causar no ambiente. É possível, até, que estes pequenos incidentes produzissem reacções que levaram depois muitos a unirem-se aos conspiradores que, mais ou menos por essa altura se começaram a organizar.

Continuando... Em 16 de Março o capitão Cristão de Figueiredo escreveu e mandou o codigo da cifra para correspondencia entre os nucleos da Liga e uma circular confidencial. A carta e a circular vão copiadas adeante; o codigo da cifra fica apenso a esta pagina:

«Vila Nova de Gaia, 16-3º-1911 — R. Luis de Camões, 289. — Presado Camarada. — Recebi as vossas duas ultimas cartas quando estava em viagem para Lisboa. Não ha duvida de que a reacção trabalha activamente para pôr a Republica em embaraços. — A. L. M. R. conta hoje com o apoio decidido do Gire

1843

Sonio nº 91

Cifra 1640, ou qualquer outro numero

Exemplo para cifrar a phrase: «**Viva a republica**»

1 a	**Viva a republica**			
2 b	1640 1 640164016			
3 c				
4 d	v = 22 (no alphabeto)	+ 1 = 23	23 = x (no alphabeto)	
5 e	i = 9 »	+ 6 = 15	15 = o »	
6 f	v = 22 »	+ 4 = 26	25 + 1 = a »	
7 g	a = 1 »	+ 0 = 1	1 = a »	
8 h	a = 1 »	+ 1 = 2	2 = b »	
9 i	r = 18 »	+ 6 = 24	24 = y »	
10 j	e = 5 »	+ 4 = 9	9 = i »	
11 k		etc.		
12 l				
13 m				
14 n				
15 o				
16 p	e assim ficaria a phrase x o a a b y i p v h p i d g.			
17 q				
18 r				
19 s	Exemplo de traducção:			
20 t				
21 u				
22 v	x o a a b y i p v h p i d g			
23 x	1640 1 640164016			
24 y				
25 z				
1 a	x = 23 — 1	= 22	22 = v	
2 b	o = 15 — 6	= 9	9 = i	
3 c	a = 1 — 4	= 22	22 = v	*(a)*
4 d	a = 1 — 0	= 1	1 = a	
5 e	b = 2 — 1	= 1	1 = a	
6 f		etc.		
etc.				

(a) Em casos identicos retrocede-se o numero de letras representado pelo algarismo da cifra.

tario do partido republicano e acaba de estabelecer um acordo com a A. M. de Lisboa,(1) associação cujos fins são idênticos aos nossos. — Conseguido isto, para o que empregamos bastantes esforços, cremos que trabalhando agora com energia e tenacidade, teremos dentro em breve uma força importante que muito poderá influir no renascimento da Patria e na consolidação da Republica. — Em vista do nosso acordo com a A. M. de Lisboa, convinha que predisseis a declaração ao nosso camarada A. E. da Cruz, a fim de nela se poder incorporar, auxiliando-nos assim nos nossos trabalhos. — Cumpre-vos ainda circular a um impresso que se refére ao modo de cifrar a correspondencia. O numero da cifra é o que foi inscrito a lapis num dos exemplares dos estatutos que ha dias vos enviámos. — Saude e Fraternidade. — (a) José Tristão Pais de Figueiredo — P.S. Esqueci-me dizer-vos que vós sois o socio nº. 31 da L. M. R. »

« Circular confidencial. — Camarada — Tendo constado á L. M. R. de toute a segura que

---

(1) Associação Militar? Não me lembro.

elementos [redacted] reaccionarios preparam para breve uma insurreição no norte do país, rogamos que, com a urgencia possivel, nos envieis relatório circunstanciado do que succede na area da vossa delegação e, reservadamente, do que se passa no vosso regimento. — Esperamos da vossa discreção (sic) e patriotismo que as vossas diligencias serão conduzidas com o maior escrupulo, sendo conveniente que para fundamentar a vossa comunicação, acumuleis o maior numero possivel de factos. — Saude e Fraternidade. — Porto, 14 de Março de 1911 — Cam.ª e am.º — (a) José Tristão Pais de Figueiredo.»

Andava, realmente, coisa no ar... As suspeitas avolumáram-se e o futuro nos viria que havia razões para isso. Uns dias depois de se receber esta circular, fez-se nova reunião cuja acta segue:

«Aos vinte e dois dias do mês de Março de mil novecentos e onze estando presentes os socios: Nafoles, Carraia de Almeida, Mascarenhas Gomes, Augusto Casimiro e Figueira, resolveu-se responder á circular confidencial

de 14 de Março, dando notícias tranquilizadoras a respeito das conspirações em Coimbra, dos trabalhos das associações carbonárias e do estado do regimento 23 que actualmente não inspira receios quanto a tendencias reaccionárias, antes pelo contrário. Aprovou uma moção que vem a fls. 25 da correspond.ª (1) Aprovou que, pela Liga se pedisse ao ministro da Guerra para, quando se fizesse em execução a nova lei do recrutamento na parte respeitante aos Distritos de Recrutam.to e Reserva, se não prejudicasse o tenente do R.I.B. nº. 23 Joaquim Emiliano da Costa que nos merece confiança e a quem faz diferença sair de Coimbra. Resolveu se que se lembrasse para o Porto a necessidade da urgencia na aprovação das propostas já feitas por esta delegação. E nada mais havendo encerrou-se a sessão, etc.»

Desta reunião saiu a seguinte carta para o capitão Reis de Figueiredo:

«Coimbra, 23-Março-1911 — Ex.mo Camarada — Com respeito á circular confidencial de

---

(1) É a que vai copiada adeante.

14 de Março, Vamos que informar do seguinte: Quanto ás supostas conspirações, as associações carbonarias têm tido uma rigorosa vigilancia sobre a cidade e arredores de modo que tudo tem sido vigiado convenientemente. Até agora não ha mais nada de positivo alem do q. se poderão dizer em 22 de Fever.º ultimo; mas estamos plenam.te confiados naqueles grupos civis que têm verdadeira dedicação. — Quanto ao regimento, com satisfação podemos dizer que o julgamos actualmente limpo de suspeição. Não é que não possa haver um ou outro elemento máu, mas estamos convencidos de que não poderão fazer a minima coisa, atten. dendo não só ao espirito do regimento que lhe tem dado os oficiais republicanos, como pela rede carbonaria que nele ha estendida, rede que abrange já uma grande maioria de sargentos e muitos cabos e soldados. — Continuarêmos a dar só informações positivas, tais como as temos dado e que em parte têm sido confirmadas. — Com respeito ao nosso camarada capitão Alfredo Eduardo da Cruz, por carta de hoje recebida, podemos informar de que a convite do capitão Afonso Pala, já entrou para a A. M. de Lisboa. — Em reunião de ontem

esta delegação aprovou uma moção que remeto juntamente; e como as propostas já feitas — umas em 9, outras em 22 de Fever.º — para a entrada de oficiais do regimento ainda não tiveram resposta, ouso lembrar a conveniência de apressar a resolução das questões para podermos reunir o maior número de elementos. — Saude e Fraternid.e — (a) T.P.»

Moção a que se refere a carta:

«Considerando que a Republica está definitivamente implantada em Portugal mas q. precisa de tranquilid.e para a sua consolidação e desenvolvimento; — Considerando que é á classe militar que compete, mais que a nenhuma outra, manter essa tranquilidade necessaria; — Considerando que o exercito tem elementos bastantes para assegurar essa nossa tranquilid.e; — Mas atendendo a que a nossa classe tem elementos que apoiam as provações reaccionarias como se tem visto pelas conspirações descobertas ultimamente; — E atendendo ainda a que, embora não possam traduzir-se essas pretenções em resultados concretos, trazem a incerteza a creaturas indi-

ferentes ou de espirito timido, prejudicando assim a marcha normal da Republica; — A delegação de Coimbra da L.M.P. por unanimidade, propõe que se faça saber ao Governo da Republica que é necessario um exemplo severissimo a bem dos interesses superiores da Nação e que a mesma delegação dá todo o apoio moral e material a qualquer medida de força nesse sentido que o mesmo Governo haja por bem fazer. — Em Coimbra, aos 22 de Março de 1911 — Pela Delegação — (a) B.P. »

O capitão Reis de Figueiredo confirmou a isto com duas cartas escritas no mesmo dia e na mesma folha de papel:

« Porto, 28 de Março de 1911 — Camarada — Devendo realizar-se uma assembleia geral da L.M.P. nos termos do art.º 28 dos Estatutos, convido-vos a eleger o vosso delegado nos termos do art.º 24 e seu §1º — O fim é a apreciação do relatorio elaborado pela secção central nos termos da alinea e) do art.º 19º — A reunião terá lugar ás 8 horas da tarde do dia 31 de Março em uma das salas da redacção de «A Patria.» — S. F. — (a) José Tristão

Pais de Figueiredo.» = «28 - 3º - 911. — Camarada — Informo-vos que foi votada e aprovada a vossa proposta que se refére á admissão do coronel Chapas, pedindo-vos, pois, nos enviais a sua declaração. — A respeito das outras propostas ainda elas não foram votadas por não ter podido funcionar a secção de inquérito. — A moção por vós enviada foi apresentada á comissão executiva na sua ultima reunião que a tomou na devida consideração, concordando inteiramente com ela e resolveu tratar o assunto em assembleia geral. — S.F. — (a) José Cristóvão Pais de Figueiredo.»

Perante o convite para ir alguem ao Porto, á assembleia geral da Liga, fez-se reunião em 30 de Março cuja acta vai a seguir:

«Aos trinta dias do mês de Março de mil novecentos e onze, estando presentes os socios Bandeira, Napoles, Correia de Almeida, Mascarenhas Gomes, Pimenta, tomou-se conhecimento das comunicações outrem recebidas em virtude de uma das quais se convidou o Exmo Coronel Rego Chapas a fazer a sua declaração e a tomar parte na sessão. Em vista do con-

vité para a sessão de 31 (amanhã) resolveu-se que fosse o socio Pimenta representar esta delegação na assembleia geral da Liga e ao mesmo tempo fosse encarregado de expôr ao «comité» central o estado da politica em Coimbra que tende, ou parece tender, a aproveitar elementos monarquicos para lugares e missões de confiança, mostrando pôr de parte elementos de certo valor e reconhecidos como velhos republicanos, para esquecer o Quartel-General da 5ª Divisão que continua na mesma, merecendo pelo seu proceder a censura dos bons republicanos. — . . . . . »

Esta acta ficou incompleta não me lembro já por qual razão. Na papelada que guardei não encontro sinal explicativo. E assim fica. Nesse mesmo dia escrevi ao capitão Reis de Figueiredo informando-o de que era eu o representante da delegação á assembleia-geral e lá estaria á hora indicada.

E na verdade, no dia seguinte, 31 de Março, lá fui á tarde, numa carruagem atrelada ao Sud-express até á Pampilhosa e daí ao Porto puxada por qualquer maquina. E devo dizer que fui inteiramente á minha custa...

Deu-se, até, na viagem um episódio que nada teve com os trabalhos da Liga mas a que achei certa graça. Por isso o vou contar e estas minhas memorias nada perdem em o deixar arquivado.

Na Estação-velha entrou comigo para a carruagem o inspector primario Carvalho Mourão, velho republicano, um tanto ou quanto revolucionario que eu conhecia ha muito das reuniões na Drogaria Rodrigues da Silva, na Calçada, que ele frequentava com assiduidade quando vinha a Coimbra. Era um homem franco, com certa rudeza que não excluia boa educação; bom conversadôr, era inteligente e com alguma cultura, especialm.te em assuntos pedagógicos, segundo ouvia dizer. Foi pouco depois deputado ás Constituintes onde creio não fez má figura.

O compartimento para onde entrámos estava sem ninguem mas havia um sobretudo e uma maleta, sinal de que havia passageiro; esse passageiro apareceu daí a pouco: era o conselh.º Antonio Eduardo Vilaça, antigo ministro, que eu tambem conhecia pessoalmente do Luso, de outros tempos, quando ele, modestamente se instalava com a fa-

milia no Hotel Lusitano ou «da Carolina» como era mais conhecido. Cumprimentou-me afavelmente, perguntou por meu Pai, seu antigo companheiro de jôgo no hotel, e pelo resto da familia.

Não o apresentei ao Maurão porque não sabia se teria gosto em ser apresentado a um republicano velho e rêlho; mas a verd.ª é que a conversa em breve se generalizou entre os três em tom de afabilidade que eu achei engraçado porque percebi muito bem que eles se não conheciam nem de vista.

A certa altura o Vilaça foi ao corredôr da carruagem e o Maurão aproveitou logo para me perguntar em voz baixa quem era o companheiro tão agradavel; confessou que o não conhecia e não o sabia pessoa tão simpatica e correcta; e quando aquele voltou, a palestra seguiu até um ponto qualquer em que o Vilaça, ao falar de um caso que se dera com ele e necessitando confrontá-lo, voltou-se para o Maurão e disse-lhe:

— V.ª Ex.ª, é claro, não me conhece...

O Maurão atalhou logo com vago gesto de cortesia que o seu temperamento causador lhe e o melhor dos sorrisos:

— Ora essa... Então não conheço o Snr. Conselh.º Vilaça muito bem...

Eu ri-me para dentro e a conversa continuou, afavel, interessante, como entre velhos amigos. Mais adeante o Mourão necessitou ir á retrete; levantou-se e saiu ao corredôr. O velho conselheiro aproveitou a ausencia e perguntou-me quem era aquele individuo tão bom conversador e tão ilustrado. Eu expliquei-lhe quem era o homem sem omitir que era velho republicano que se ia propôr ás Constituintes. O Vilaça, sempre sereno e correcto não mostrou qualquer sinal de desagrado pelo retrato que fiz e a conversa continuou no mesmo tom amigavel quando o Mourão voltou ao seu lugar.

Coube, então, em certo passo do caminho, novo episodio identico: o Mourão falou de qualquer coisa da sua vida e, com certo ar de respeito, disse ao Vilaça:

— Vêc.ª não sabe quem eu sou...

O conselheiro, logo, gentilmente, atalhou com sorriso fino de cortesão:

— Oh snr. Inspector!... então não conheço Vêc.ª muito bem...

O Mourão, apesar do seu velho republi-

camisma, pareceu-me lisongeado e o cava-
co seguiu já com mais liberd.e de parte a
parte a ponto, lembro-me bem, de discu-
rem reformas do ensino.

E assim se chegou ao Porto quase sem se
dar por isso. Eu achei curioso o encontro dos
dois políticos e a maneira como se trataram;
na despedida, em S. Bento, houve abraços de
mútuo afecto, como de velhos amigos. O
Carvalho Mourão que ainda me acompanhou
mais adeante, ia entusiasmado com o conse-
lheiro Vilacinha...

E eu perguntava aos meus botões que
ideia iria a fazer do futuro constituinte, o ve-
lho ministro e cortesão monárquico, ao
mesmo tempo que concluia, de mim para
mim, com esta sentença:

— Ora aqui está para que serve a boa
educação...

E passado o episódio que não deixou de
ser curioso, continuemos com a história de
Lipa Militar.

Chegado ao Porto, fui jantar e a seguir
á redacção do jornal A Patria de que era dire-
tor, salvo erro, o Dr. Duarte Leite. A' porta
estava á minha espera um alferes ou tenente

Azevedo, cujo nome completo já me não lembra, meu conhecido, que me informou de q. a reunião teria de ser em outro local para onde me levou, local que já não sei dizer onde era. Encontrei-me com bastantes oficiais, uns conhecidos, outros não; e recordo-me do ar, não direi funebre, mas de certo modo pensativo com que todos estavam, de maneira a dar a impressão duma conspiração com riscos de liberdade ou de vida, em vez de reunião alegre para tratar de assuntos que se ligavam com a segurança do regime que todos queriam ver triunfar.

Fui bem recebido; e como a memoria já não é capaz de reproduzir com fidelid.e os trabalhos, o melhor é deixar á transcrição da acta que se fez no meu regresso, a narração do que se passou.

«Aos dois dias do mês de Abril de mil novecentos e onze, estando presentes os socios Napoles, Correia de Almeida, Mascarenhas Gomes, Augusto Casimiro e Pimenta, Vive de expôr a minha missão ao Porto cujo relato se pode resumir por este modo: Na reunião da assembleia geral da L.M.R. em 31 de Março,

esta delegação foi, desde o começo, notavelmente honrada porque, por proposta do capitão José Cristão Pais de Figueiredo, fui eu eleito presidente da mesma assembleia — honra q. foi concedida á delegação e que eu agradeci. Entrando nos trabalhos, foi lido o relatório da comissão de inquerito que é, afinal, o relatorio dos trabalhos de instalação da Liga e conjuntamente o acordo feito entre a Liga e a Liga Militar de Lisboa. Pelo relatório vi que os membros da comissão executiva foram duma escrupulosa boa vontade em conseguir resultados praticos de valor e entre eles devo notar a ligação oficial com o Directorio do Partido Republicano e o reconhecimento pelo Governo Provisorio; vi tambem que esses resultados não se conseguiram sem trabalho persistente dos seus membros, de modo que, julgando interpretar o sentir da assembleia, propús um voto de louvôr á referida comissão que foi aprovado e prejudicou assim o pedido de demissão que a mesma tinha feito. Em seguida e por proposta dum socio e para que a representação nas assembleias gerais fosse mais democratica, ficou resolvido que o art.º 24 dos Estatutos se alterasse do seguinte modo: « Artigo

"24: A assembleia geral da Liga será formada
"por todos os socios residentes no Porto, podendo
"aquelles que se acharem impossibilitados de compa
"recer, delegar as suas atribuições em qualquer
"socio da sua amizade.» Foi depois submetido
á aprovação o relatorio que deve ser enviado ao
Directorio acerca do estado do exercito na area da
Liga; é um bem feito relatorio, devido, creio eu,
ao capitão Osorio (1) e pelo qual se vê que nas ter-
ras onde a Liga tem delegações se póde contar
com as guarnições respectivas e em geral se nos
tra que não deve haver receio de que o exercito ve
nha a ser elemento perturbador; termina o re
latorio com a afirmação (tambem honrosa pa
ra a nossa delegação) de que se deve pôr de parte
qualquer ideia de perseguição ou suspeitas in-
fundadas, mas sim pedir castigo severo para to
dos aquelles que tentarem contra a segurança das
instituições seguindo muito a doutrina da nos-
sa moção, doutrina sobre a qual fundam a
sua maneira de ver pelo criterio e firmeza q.
ela representa. Liquidados estes assuntos da or
dem da noite, trocaram-se impressões sobre
varias coisas tais como: a pouca confiança

(1) Manuel José Pinto Osorio, de Espozende.

que merece a Guarda Republicana do Porto e o Quartel-General da 5ª Divisão do Ex.ro — cuja desorigão eu fiz em termos claros que creio calaram no animo de todos; ficando resolvido que esta delegação requisitasse uma exposição concreta sobre o caso para lá ser devidamente ponderada. Devo dizer que sobre a politica de Coimbra só falei em termos vagos, não concretizando nada porque logo á leitura do relatorio vi que a nossa Liga tinha o proposito de não intervir em coisa alguma da politica e por mais frases de alguns oficiais o vi confirmado. Quanto ao acordo com a A.N. de Lisboa, devo dizer que assenta em bases logicas — como é o mutuo auxilio, a informação mutua das propostas quer numa Liga quer noutra, etc. etc. E a sessão terminou deixando-me impressão de seriedade e de resolução para trabalhar que eu aqui transmito sem esquecer de afirmar que pelas provas de consideração que lá recebi me parece que a nossa delegação é vista como alguma coisa mais que um simples factor para encher. E nada mais havendo, etc. etc.»

E aqui cumpre explicar que é a ultima acta que encontro no conjunto de papeis rela-

tivos á Liga. Não se teriam realizado mais algumas reuniões da delegação? Não me lembro já, confesso.

Aproximávam-se as eleições, as conspirações monárquicas traziam-nos alertados ao que poderia vir e os dias iam passando nervosamente. Assim, a continuação desta história tem de ser feita pelos papeis guardados pois a memoria começa a falhar em certos pontos e é bom não deixar aqui incertezas ou erros.

Em 11 de Abril, mandou-me ao capitão Pais de Figueiredo a seguinte comunicação em cifra, á cautela:

«Confidencial. — Absoluta certeza Paiva Couceiro enviou proclamação manuscrita chefe estado-maior que reproduzia exemplares maquina escrever e distribuiu carta fechada. Veja se no Porto aconteceria mesmo. Por ora segredo completo. — (a) D.P.»

E no dia imediato nova carta para o mesmo destinatario. Vê-se que havia nervosismo e desse nervosismo me lembro bem. O ambiente era pesado e como dizia o celebre bispo de Vizeu, havia coisa no ar...

E uma das coisas que andava no ar era o proxº decreto da separação da Igreja e do Estado que já preocupava mtº boa gente.

Ora a carta era a seguinte:

« 12-Abril-1911 — Exmº Capitão — Além do que mandei dizer ontem, em cifra, nada mais se conseguiu averiguar. — Continuâmos no trabalho. O Governador Civil conhece tudo e já informou o Governo. O que houver direi. Com muita estima, etc. — (a) B.P. »

A 17, com mais calma, pelo menos aparente, seguiu também para o Paço de Figueiredo, outra comunicação:

« Exmº Capitão: — Acerca do que mandá nos dizer nada mais se apurou. Como o nosso ministro aqui passou há dias, fizemo-lo ciente de tudo e ele foi no propósito de substituir o chefe do Estado-maior e mandar uma sindicancia á Divisão. — Nestes ultimos dias, em resultado duma denuncia que tem visos de verdade, embora nós não possamos acreditar completamente nela, tem redobrado a vigilancia sobre elementos suspeitos, pois que dizem

estar marcado um dia proximo para levantamentos perturbadores no norte do País. — Ha razões para acreditar na vontade de o conseguir; mas nós, conhecidos da nossa força, temos razões para julgar da sua execução. No entanto, como medida preventiva e de combinação com o proprio comand.te do regimento, teem permittido no quartel tres ou quatro officiaes cuja nomeação teem sido feita de modo que sempre tenha um ou dois de confiança, conforme os officiaes de serviço. — Julgâmos o 23, como temos dito, livre de suspeitas; mas temos a certeza de que ha quem saiba e quer cumprir o seu dever se por acaso o nosso julgamento não fôr rigorosamente verdadeiro. — Ultimamente teem recaído bastantes suspeitas sobre o capitão de Cavallaria Antonio Dias Urbano, adjunto da Inspecção de Cavallaria da Divisão. Foi deputado franquista, influente em Santa Comba e ainda não conformado com a nova ordem de coisas — do que houver de importancia continuaremos a informar V.ª mas que conseguimos meter nas associações da conspirata um rapaz de confiança. — Saude e Fraternid.e — Com toda a consideração, etc. — (a) J.P. »

Esta foi seguida de outra, em cifra, certamente resultante de denuncia aparecida á ultima hora; era, como de costume, dirigida ao capitão Reis de Figueiredo:

« Coimbra, 18-Abril-1911 — Confidencial — Urgente fiscalizar com ripar guarnições Viana, Braga, Guimarães. Garanto seriedade informação. Conveniente talvez medidas preventivas secretas. — (a) SP. »

Hoje, passado quase meio seculo e depois de ter visto tanta coisa, posso dizer que muitas vêzes desconfiava das informações e com certa má vontade deixava que elas fossem levadas superiormente. A minha boa-fé, apesar das lições do Comissariado, não acreditava em tudo quanto me diziam mormente se o que ouvia vinha de exaltados e imprudentes. Infelizmente o tempo veio justificar, em parte, toda aquela cataduja de suspeitas.

Passado o susto dos primeiros tempos do novo regime, não ha duvida de que os monarquicos formaram barreira para o desacreditar e enfraquecer; e a verdade tem que se dizer: quasi ou menos 80% do exercito

não gostou da mudança e nos 20% que aparecia como defensor, havia muito safardana que aparentando de republicano só prejudicava a República. E, amargamente o disse: foram esses safardanas, em regra, os mais acarinhados pelos altos poderes.

Os governantes dos primeiros tempos não se podem queixar muito do que aconteceu depois. As afirmações feitas na assembleia geral da Loja em 2 de Abril, exaradas na acta que atrás ficou copiada, eram afirmações ditadas pela boa-fé dos republicanos e pela hipocrisia velhaca da maior parte dos outros (dos tais 80% de 9 de Fevereiro) que não queriam ser incomodados e deixavam correr o barco á espera do que viria.

E eu, ai de mim! também fui enganado...

Mas continuando...

O País de Figueiredo, cerca de mês depois, participou que foram aprovados alguns socios e nada diz acerca dos assuntos expostos nos documentos acima copiados. As eleições estavam á porta e é possivel que isso fizesse esquecer, algum tanto, as boas intenções da Loja.

"Porto, 13-5º-911 — Camarada — Informo-vos que foram aprovados numa das ultimas

sessões da comissão executiva, para socios da L.M.P. os seguintes oficiais cuja proposta fizeotes: Alferes Orlando Guaresma de Paiva — Sarg.to Germano Roque dos Santos — Major Joag.m Maria Ferreira — Cap.ão Domingos da Ponte e Sousa. — Peço-vos que envieis as suas declarações — Previno-vos de que a correspondencia, de ora em deante, deve ser dirijida ao cap.ão de Engenharia Manuel José Pinto Osorio, Rua Pinto Bessa, 569, Porto — Saude e Fraternidade — (a) José Cristão Pais de Figueiredo.»

O Pais de Figueiredo propôz-se a defender ás Constituintes; as eleições estavam proximas, precisava mexer-se para triunfar como, de facto, triunfou por um circulo do norte do País. Por isso passou o encargo ao capitão Pinto Osorio — que poucos dias depois nos mandou o seguinte aviso em cifra:

«L.M.P. — Porto, 19-5-911 — Cam.da — Informam que o ministerio Guerra está prevenido de que entre vinte e eleições rebentará revolução norte Mondego. — O ponto de concentração é Carminha. Informes de outra origem dão como provavel ataque a Valença por ele-

muitos vindos fronteira espanhola (1) — Queira tomar precauções e informar urgentemente. — O secretario — (a) Manuel Osorio — cap. de eng.ª na Inspecção.»

Nós respondemos logo em 22 como esta comunicação:

«Ex.mo Cam.da — Agradecemos as informações. Algumas coisas paliamos e por elas tomámos as necessarias precauções no regimento no qual confiâmos completamente. — Na cidade, os carbonários vigiam incessantemente; e com as prisões feitas ha dias parece ter-se ameripuado alguma coisa. — O caso das baterias da Figueira é caso liquidado. A intervenção no movimento das nossas residia apenas na fantasia do capitão Luis Augusto Ferreira que a esta hora deve estar a pagaro. — O que houver, contarêmos. — Saude e Fraternidade. — (a) BB.»

O caso das baterias da Figueira a que a

---

(1) As palavras que estão sublinhadas não as que vinham em cifra no documento.

carta se refére, resume-se numa tentativa que me pareceu platonica por parte do citado capitão Luis Augusto Ferreira — pessoa interessante, culta, a quem o coronel Rego Chagas foi sindicar levando-me como secretario.

O Chagas entregou um relatorio da sindicancia deixando em meu poder os depoimentos, dizia ele, para salvaguarda futura. Eu guardei o processo até ha poucos anos e entreguei-o no Arquivo Historico Militar para a secção dos reservados. Não posso, por isso, mencionar pormenores da tentativa; a memoria já me não diz nada a esse respeito.

Quanto ás prisões a que a carta se refére, vou deixar aqui um telegrama que não sei por que carga de agua me veiu parar ás mãos, Cá fica já que na correspondencia houve referencia ao caso e até para esclarecimento do periodo que se atravessava:

« Coimbra. Nº 1238. Palavras 91. Em 18 [1] ás 9 e 25 m. — Slavas Lisboa — Auxiliados pela policia carbonarios prenderam esta madrugada como conspirantes dr. Fortunato Al-

---

[1] Do mês de Maio.

reida, professor liceu, Pompeu Moreira farmaceutico, José Adelino Costa Pinto comerciante, Antonio Maria cabo policia nº 7, José Paixoto, policia nº 13, José Ramos estudante, Anibal Costa Alemão seu profissão (1) e alguns estudantes militares, D.ºs Bettencourt e Vaz Serra. Reclusos, estão incomunicáveis na Penitenciária. Carbonario audáz - lhes já ha dias no encalço e ha mais de oito dias que Penitenciaria estava preparada para os receber. Continuam-se a efectuar as prisões. Parece haver alguns padres envolvidos conspirata. Foram aprehendidos documentos. — (a) Matos. »

Não sei quem é o signatário Matos; como o telegrama era dirigido para a Havas é de crer que fosse dos tais com noticias tendenciosas que iam para o estrangeiro por conta do fundo organizado pelos monarquicos para despesas da campanha de descredito. Lá que se fizeram prisões, tambem é que se

---

(1) Filho do Conselh.º Dr. Manuel da Costa Alemão, professôr da Faculd.e de Medicina. Era estudante e completou a format.ª em Medicina; fez carga clinica, depois, na Figueira da Foz.

fizeram e muitas escusadamente; mas as que o telegrama menciona é que já não sei se se realizaram. É possível que, consultando os jornais do tempo se esclareça o assunto mas, verdadeiramente, não valerá o trabalho.

E, continuando: fez-se de novo silencio acerca das conspiratas. A 4 de Junho, o capitão Pinto Osorio mandou exemplares dos Estatutos da Liga, em folheto in-8º, impresso em 8 paginas, para indicação de tipografia, para serem distribuídos pelos socios.

O meu exº. ar fica arquivado na pasta da documentação geral a que já me tenho referido. A carta que o ramalde é simples, apenas dois periodos, não vale a pena transcrevê-la aqui.

Dois dias depois, contudo, veiu outra que já contem materia que faz parte mais importante da historia da Liga:

«Reservado. — Camarada — Enviamos uma relação de oficiais propostos para socios da L.M. de Lisboa e que, nos termos do convénio que fizemos com esta associação deve ser submetida á nossa aprovação. —

Como a maior parte deles é desconhecida para nós, resolvemos fazer circular esta lista pelas nossas delegações, pedindo aos nossos delegados o favor de informar acerca (?) das qualidades morais e políticas dos candidatos que conhecerem para nos habilitar-mos a dar uma resposta com conhecimento de causa. — Rogo que devolvais a lista com a maior brevidade que puderdes. — Espero dever-vos a fineza de me dizerdes qual é o espirito da guarnição militar dessa cidade em face da organização do exercito ultimamente decretada. — S. e F. — Camarada d.do — Porto, 6-VI-911 — (a) M.Osorio. »

Segue a lista referida :

« Inf.a 22 - cap. Joaquim Felizardo Velez Caroço — G.Fiscal - Tenente Jorge Frederico Velez Caroço — Inf. 16 - José Joaquim de Oliveira Simões — Caçad.s 5 - cap. Antonio Gomes Pinto Barreiro Osorio. - cap. Luis Augusto de Sousa Trindade - cap. José dos Santos Pinto — Inf. 15 - Tenente Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado - Tenente Julio Cesar Ferreira. — Cav. 10 - alferes, Antonio Elias Garcia — Inf. 5 — Major João Pedro

so de Lima — Companhia de Saude - alferes José Maria da Costa Monteiro — Companhia - Tenente Francisco Maria Henriques — Caçadores 2. Tenente Coronel Joaquim Julio Borges e asp. Ernesto Cardoso Cabral de Guadros — Adm.ão Militar - cap. Raul de Macedo — Colegio Militar - Ten.te de Inf.a - Ciriaco José da Cunha J.or — Inf. 1. Alf. Arthur Pais de Vasconcelos e Oscar da Silva Mota — Inf. 2 - cap. José Vicente de Freitas, cap. Paulo de Serpa Afonso e cap. Candido Sarmento e tenente Diniz Pedro Sales (sic)[1] de Sá e Melo — Cav. 4 : cap. Eduardo Augusto Lopes Valadas, cap. João Rodrigues Ascenção, ten.te José Maria da Cunha e alf. José de Sá Nogueira. — Guarda Republicana, ten.te do Cav. José Lucio de Sousa Dias. »

A esta carta respondêmos quase na volta do correio. Que trabalho perdido, afinal! Quantos nomes mencionados atraz são de creaturas que depois trairam!

E muitas vezes penso: onde parará o archivo da Liga? Quem se terá divertido a comentar toda a papelada remida?

---

[1] Aliás Sêbes.

Segue a resposta, datada aos 8 de Junho e dirigida ao capitão Pinto Soares:

«Ex.mo Camarada: Acuso a recepção dos Estatutos e a carta de 6 do corrente. Não envio ainda as declarações porque não tenho todas em meu poder. — A respeito da tarefa porque a guarnição da cidade encara a reorganização do exército, devo dizer que é de protesto, na sua grande maioria; pois que tendo a maior parte dos oficiais de Coimbra pertencentes á Infantaria, disseram, e com razão, que a arma com vinha a ser, como na Monarquia, a ultima em todas as vantagens e, sensivelmente prejudicada. Os sargentos pensam de identica forma, lamentando em todos o maior desgosto. — Quanto aos oficiais propostos posso dar informações de que são excelentes elementos os seguintes: — Inf.a 22, cap. Velez Caroço — G. Fiscal, Ten.te Velez Caroço — Inf.a 15, Ten.te Bivar Salgado (optimo elemento, até) e Julio Cesar Ferreira — G. Republicana, Ten.te J. L. de Sousa Dias. — E de que são maus elementos os seguintes: — Colegio Mil.ar, Ten.te Ciriaco José da Cunha J.or — Inf.a 1, alf. Artur Pais de Vasconcelos — Espero informar dos outros com a maior brevidade. —

Aproveito a ocasião para prevenir a Liga de que o Directório Republicano não tem sido leal e correcto com o nosso companheiro e nosso presado correligionário major José da Silva Bandeira e com o signatário desta — pois que intrigas se moveram entre políticos da terra que fizeram chegar ao nosso ministro afirmações absolutamente falsas. Tudo foi causado pelo facto de eu me propôr candidato ás Constituintes e o major Bandeira auxiliar a candidatura com o prestígio e simpatia que tem na população de Coimbra. Moveram-se influencias a fim de eu, tendo sido o mais votado pelas comissões do círculo, não ter a candidatura auctorizada pelo Directório ... por conveniencias políticas! — Os socios desta delegação ficáram, com todas estas coisas, profundamente desgostosos e na sua maioria não abster-se de toda e qualquer acção ou intervenção política, visto que se falta assim por cima dos principios, em beneficio deste ou daquele, tal como nos nossos tempos. — Saude e Fraternid.e — Pela delegação — (a) B.P.» (1)

---

(1) Este caso das Constituintes é contado adeante em capitulo áparte.

Uns dias depois seguiu nova carta para o capitão Osorio com novas lamurias e mais informações relativas a oficiais:

« 18 - VI - 911 — Ex.mo Camarada — Tem sido difícil averiguar, com rigor, as qualidades dos oficiais propostos pela L. M. de Lisboa. No entretanto conseguimos afirmar que: — São bons elementos — Inf. 16, José Joaquim de Oliveira Aires — Caçad. 5, asp. José dos Santos Pinto — Caval.a 10, alf. Antonio Elias Garcia — Caçad. 2, Ten.te cor.el Joaquim Julio Borges e asp. Ernesto Cardoso Cabral de Quadros. — Temos duvidas sobre: — Cav.a 4, cap. Eduardo Augusto Lopes Valadas e Ten.te José Maria da Cunha. — Os outros não são conhecidos por nenhum dos oficiais desta delegação da Lixa. — Tem sido reparado ultimamente entre os oficiais republicanos de Coimbra que seja quase certo que o novo comandante da Divisão general Sampaio, fique com um dos ajudantes do gen.al Silva Monteiro, o ten.te Martins de Carvalho e se afirme que o outro será o ten.te Antonio Soriano Mendes Lage: — Ora isto é, até certo ponto grave porque não só por questão de moralidade, nenhum dos oficiais do Quartel-General lá devia continuar, mas tambem por

se saber com precisão que o ten.te Martins de Carvalho era um dos nossos maiores inimigos, tendo até afirmado jubilosamente em 5 de Outubro quando em Coimbra constou que a revolução fôra vencida, que os candieiros da cidade seriam poucos para os republicanos; e q. o ten.te Mendes Lage, filho do medico jesuita Dr. Mendes Lage, expulso de Portugal logo após a revolução, é um autentico jesuita que nenhuma, absolutamente nenhuma, confiança merece. — Os oficiais republicanos continuam desgostosos por ver que tudo continua na mesma e vêem claram.te que estas branduras e transigencias é que nos tem trazido a este estado de receio e inquietação causado pelos acontecimentos do Norte que se teriam evitado se houvesse firmesa e menos transigencia. — Devo afirmar, em nome dos oficiais subalternos da Liga que nenhum deles aceita o lugar de ajudante do general se acaso fosse oferecido; mas tambem afirmo que é uma afronta ao nosso passado e á nossa dignidade se qualquer daqueles oficiais fica no lugar indicado. A Liga fará como lhe aprouver, mas pedimos para nisto pensárem a sério. — Contudo, Ex.mo Camarada, devo afiançar que todos nós conti-

mêmos absolutamente decididos a sacrificios e muito agradavel seria a todos nós se o Governo depositasse na 23 confiança (que pode ter) que o fizesse marchar para o Norte para a defesa da Patria. O desgosto ~~fez~~ certas coisas não faz obliterar os nossos deveres e oxalá tenhamos ocasião de assim o mostrar. — Viva a Republica! — Pela Delegação — (a) BB.»

Esta carta cruzou-se no correio com uma do capitão Pinto Osorio, escrita na mesma data e, como hoje se diz, em tempo ou quanto diferenciada com a nossa:

«Camarada: — Recebi a vossa grata carta de 8 e agradeço as informações que me dais acerca dos candidatos a socios da L. M. S. Aguardo as informações que me prometeu para breve acerca dos restantes nomes da lista que vos enviei. — Quanto ao estado de descontentamento que, na guarnição dessa cidade, provocou a reorganização ultimamente decretada, é muito parecido ao que em toda a parte existe. Somente a applaudem aqueles que a fizeram e alguns, nem todos, cuja situação melhorou. — Sendo tão geral o desgos

to causado pela forma como o exercito foi tratado — á antiga! — tudo leva a crer que a reforma sofrerá profundas alterações nas Constituintes. — Este caso, porem, não só de justificar de qualquer modo, o esfriamento da nossa fé republicana. Cologuemos os principios, que são tudo, acima dos homens, pequeninas creaturas que a Revolução trouxe á superficie e que ainda se aguentam porque de alguma maneira encarnam em si o espirito revolucionario. Hão de desaparecer com todos os seus erros, quando entrarmos definitivamente na nossa vida normal.(1) — Lamentamos profundamente as dissenções que aí houve com o Directorio por motivo da nossa candidatura que desejavamos muito ver coroada de bom exito; mas nesse facto, se explica o tom de magoado desânimo que transparece da vossa carta, não justifica a atitude da maioria dos membros da vossa Delegação que entenderam dever alestar-se de toda a acção e intervenção politica. E' necessario evitardes que assim succeda. A Refor-

---

(1) O prognostico feito com a melhor das intenções saiu completamente errado.

blica não está ainda suficientemente forte e vigorosa que possa dispensar as energias que a ampararam. Também por cá temos sofrido vários desgostos, mas isso não invalida que progridamos na nossa marcha, até julgarmos que, nem perto para o nosso ideal, possamos arrumar as armas e descansar — S. e F. — Camarada ag.º — Porto, 18-VI-911 — (a) Manuel Osorio.»

Começa aqui a manifestar-se, se não a aumentar, certo descontentamento e alguem desânimo. As eleições para as Constituintes deixáram sulcos de desgostos que mais adeante, em outro capitulo, serão falados; a organização do exercito acarretou desarranjos para muita gente e nessa gente entrou eu ou outro republicano historico, dos que andaram na propaganda e, possivelmente, na acção revolucionaria.

De tudo isto começou a crescer certo mal estar. O paraiso previsto nos tempos da Monarquia quando ao nosso espirito a República era uma maravilhosa ressurreição, uma nova Idade de Ouro para bem de todos, não foi mais do que uma reminiscença de go-

vernantes com costumes quase idênticos, q. não conseguiram dominar as agitações de uns e de outros.

Envolvidos como andávamos na barafunda, não víamos o trabalho reformador do Governo Provisório, as suas leis de renovação político-social, a ânsia de arejamento que havia em tudo; naturalmente só notávamos o que nos dizia respeito e daqui um grave erro de visão. É certo que a política de captação feita pela maior parte dos dirigentes era má e na verd.e o tempo provou que deu mau resultado e molestava os velhos republicanos que queriam política mais sã; mas também é verd.e que nem todos tiveram a grandeza de alma de calar para consigo o desgosto ou contrariedade e não mostrar o que lá ia dentro.

E o pior é que os monárquicos aproveitaram habilmente esse arrefecimento de entusiasmo ou de fé política e aumentaram por meios subtis a confusão que infelizmente se esboçára.

Os indiferentes, aqueles que poderiam constituir apoio do novo regime, começáram a duvidar da sua segurança perante a confusão estabelecida e as tentativas monárquicas

Camarada

Transcrevo, abaixo, uma moção que foi apresentada na ultima sessão da Commissão executiva da L. M. R., e que deve ser discutida na proxima assembleia geral, que se realisa em 2 de Outubro.

Moção approvada em sessão da Commissão executiva, de 18 de Setembro de 1911.

Considerando que a Liga M. Rep., não obstante ter sido fundada com os nobres e desinteressados intuitos de defeza da Republica, nunca encontrou nas estações officiaes, nem no alto corpo dirigente do partido republicano, o acolhimento e o appoio necessarios para o facil desempenho da sua patriotica missão;

Considerando que, ao contrario do que seria de esperar, as indicações da Liga, sempre tendentes a valorisar aquellas unidades onde a falta de bons elementos republicanos mais se fazia sentir, eram systhematicamente postas de parte, quando não manifestamente contrariadas;

Considerando que, nunca á Liga foi reconhecida importancia por quem tinha pleno conhecimento da sua existencia, por isso que, durante o periodo de agitação que tem lavrado no Norte do paiz, nunca os seus serviços foram reclamados, nem para cargos de confiança, nem para missões de propaganda;

Considerando ainda que, um anno depois da proclamação da Republica, a existencia de uma instituição d'esta natureza é pelo menos inutil, como orgão de propaganda republicana, dentro do exercito, porque esta, já deve estar feita pela analyse das medidas governativas que a Republica produziu neste anno de administração;

Considerando, finalmente, que a Liga dando por terminados os seus trabalhos, não pratica um acto de deserção, porquanto, votada a constituição politica do paiz, eleito o presidente da Republica, reconhecida esta por todas as nações do mundo, deveremos entrar num periodo de normalidade, no qual podem ser funestos organismos de excepção, como este.

A assembleia geral da Liga M. R., affirmando mais uma vez os seus sentimentos de fidelidade á Republica, resolve considerar d'hoje em diante dissolvida esta aggremiação, confiando que a acção individual dos officiaes que a compõem continuará exercendo-se como até aqui na alevantada tarefa de consolidação da Republica.

L. F.

Motoni

A reunião effectua-se na sala da "União Peninsular" no primeiro andar da casa onde está o café Suisso - ás 8 1/2 da noite.

Vou apparelhar
Bandeira

GL 44

de restauração e insensivelmente iam-se afastando ou esperando a ultima moda...

E o que tem de ser tem muita força.

Em Setembro, a Liga deu por terminados os seus trabalhos; aprovou em sessão da Comissão Executiva uma moção em que resolvia dissolver a instituição depois de considerandos curiosos; a moção que fica apensa nestas paginas vale a pena ler e considerar e mostra bem o estado de espirito dos componentes.

Entre nós, os de Coimbra, a solução era mais ou menos esperada; no entretanto causou certo desânimo nuns e protestos noutros como no major Silva Bandeira que deixou, a lapis, um «Não aprovado» que eu não apaguei e ainda se lê bem no papel da moção.

A 2 de Outubro respondêmos com a carta seguinte para o Pinto Osorio:

«Ex.mo Camarada: — Conhecida a circular ha dias recebida, é opinião dos camaradas que constituem a delegação em Coimb.e da L.M.R. de que, em vista do que nela se diz, realm.te, nós não fazemos nada já, tornando-se, por isso logico o fim dos trabalhos que ha mêses en-

estámos com vontade. — Se camaradas que não aprovam a resolução mas se submetem a ela á vista das circunstancias. — E' escusado talvez afirmar de novo que os oficiais que constituem a delegação não esquecerão por um momento os seus compromissos de honra e estarão sempre no mesmo firme propósito de defender, custe o que custar, a Republica Portuguesa. — Pela delegação — (a) B.P. »

E fez-se silencio...

Silencio que uns vinte dias depois se quebrou com esta outra carta para o capitão Pinto Osorio:

« Coimbra, 21 de Outubro de 1911. — Ex.mo Camarada — Alguns oficiais que constituiam a delegação em Coimbra da L.M.R. teem mostrado desejo de saber qual o resultado da ultima assembleia geral. Poderia o Ex.mo Camarada dizer-nos qualquer coisa? — Sem mais, etc. etc. — (a) B.P. »

O Pinto Osorio, amavelmente, respondeu na volta do correio:

«Ex.mo Camarada — Não deixaria de cumprir o dever de participar-lhe qual a resolução tomada em Assembleia Geral da Liga, se porventura esta se tivesse realizado. No dia marcado para ela estiveram os regimentos de prevenção, por motivo do sabido complot do Porto. Os acontecimentos que se seguiram obrigaram-nos a considerar inoportuna qualquer discussão sobre a moção apresentada pela Comissão Executiva. Em serenando isto convocarêmos nova reunião. — E' possivel que a marcha tortuosa que vai seguindo a politica portuguesa, que constitue um perigo para a tranquilid.e da Republica e talvez para a sua segurança, obrigue a comissão executiva a modificar os termos da moção apresentada. — De Vlec. Cam.da at.o e obrig.o — Porto, 22-10-911 — (a) Manuel Osorio.»

Naquela altura já Paiva Couceiro entrára em som de guerra pela fronteira norte de Traz-os-Montes, ocupára Vinhais e fôra obrigado a recuar para a Galiza; no governo, o Pimenta de Castro fôra demitido de ministro da Guerra; o Dr. Antonio José de Almeida, velho idolo popular, fôra apupado no Rossio

pela população... Tudo isto era grave e a Liga esperou ensejo para novas resoluções.

O certo, porem, é que na minha documentação nada mais ha que tenha relação com este assunto. Deixo aqui um quadro, por simples curiosid.e dos componentes da delegação de Coimbra:

Nº	Nomes	Data da aprovação
1	José da Silva Bandeira	27-1-11
2	Belisário Pimenta	"
3	José M.a de Sousa Napoles	"
4	Carlos A. de Mascarenhas Gomes	"
5	Jorge Correia de Almeida	"
6	Augusto Casimiro dos Santos	"
7	Ant.º Fernando do Rego Chagas	29-3-11
8	Orlando Quaresma de Paiva	13-5-"
9	Germano Roque dos Santos	"
10	Joaquim Maria Ferreira	"
11	Domingos da Ponte e Sousa	"

A Liga acabou os seus dias não sei bem dizer se com proveito para o novo regime ou se lhe faria falta. De facto, a politica, como escreveu o Pinto Osorio seguia caminho um tanto

ou quanto tortuoso e a agitação monarquica era de importancia e movida por gente de muito pêso.

Recordo-me bem do ambiente de incertéza em que se vivia e das desconfianças que a todo o passo nasciam por isto e por aquilo ás veres sem fundamento mas sempre prejudiciais. Encontro na papelada o borrão de uma carta escrita em Março deste mesmo ano de 1911 que condiz bem com o que fica dito embora não diga respeito directamente aos assuntos da Liga. Era para o Helder Ribeiro, meu condiscipulo e um dos Jovens Turcos do Ministerio da Guerra; aqui a deixo transcrita para acabar com o capitulo.

« Coimbra, 2 de Março — Meu caro Helder — Ha dias, quando o Bandeira te escreveu acerca duma conspirata cá na terra, eu, sabendo bem quem ele é, estive para te escrever lançando sobre a narração que certamente te fez, um balde de agua fria. — Como compreendes tudo isso me tem passado sob as vistas e devo confessar (sem optimismos) que me parece haver 90% de fantasia. — E' certo que é bom ter sempre vigilancia rigorosa e isso se tem

mandado pela Carbonaria, lá fóra e dentro do regimento — mas o que tambem é certo é que os elementos que essa vigilancia nos dá são insuficientes, alguns futeis e outros, queres crê-lo? ridiculos até. — Comtudo, estou convencido de que alguma coisa se trama e vejo-me obrigado a colocar o caso neste dilêma: ou o que elles tramam é aquilo que nós sabemos por pessoas que são de cotação inferior e, por consequencia coisa sem importancia, ou então vem uma conspiração organizada admiravelmente e que não deixa vestigios aos nossos olhos — o que ao meu espirito repugna. — Isto é, francamente o que me parece e que te quiz dizer, ha dias, quando o Bandeira escreveu; mas não o fiz porque não queria que pensáras que eu não ligava importancia a um caso tão sério. Agora que vejo como encáras o feitio do Bandeira, digo-to sem relutancia. — O caso é, em duas palavras, este: Tudo é mal firmado, não ha uma base solida; ha no comité carbonario cabeças excellentes mas algo lunaticas e que, em qualquer embuçado, fóra de horas, que se resguarde do frio, vêem um conspirador. E o Bandeira sofre um pouco d'isso. — Estou até convencido de que uma parte dos boatos espa-

thados veem da propria fantasia ciosa dos republicanos. Eu fiquei escaldado com muitas coisas quando estive no Comissariado e por isso, agora, vejo tudo friamente. — Já, por exemplo, a respeito do Quartel-General não digo o mesmo; aquilo por lá anda muito atalassado, alem de haver um pouco de desleixo no serviço — e o general tem se tornado muito pouco simpatico principalmente pela forma como ultimamente tratou o Chagas que o não merecia. Creio que o Bandeira te escreveu a esse respeito e, pondo de parte o que haveria de verdade no caso do cadete, a resposta dele ao Chagas e dum efeito desastroso.[1] — Enfim, não te quero tomar mais tempo. Agradeço-te a atenção de me quereres ouvir e mais diria se o tempo não fosse precioso.[2] E quanto ás conspiratas, cá por Coimbra está tudo prevenido quer quanto a vigilancia quer quanto a meios eficazes de lhes provar que o sebastianismo é... fumo e nada mais. — E agora o Brito e Silva... Coitado dele!... E' um embecil, estupido e vaidoso. Quem sabe! Tal-

---

(1) Ver atrás, pag. 196.

(2) O Helder Ribeiro, em bilhete de 2 de Março pedia a m.ª opinião sobre o que se passava e acerca do alferes Brito e Silva. [V. colecção de cartas].

ver que lhe passasse pelo espirito a possibilidade duma restauração monarquica ... em Benavente! [1] Sei-o suficientemente burro para se convencer de tal asneira. A sua moral é inferior; usa de varios processos exquisitos e ha entre os rapazes republicanos do 23 quem o conheceu souteneur. Como profissional foi sempre um calino. Contudo, apesar destas qualidades o poderem levar á categoria de inofensivo, é certo que pode ser mau elemento no exercito e acredito que seja homem para se meter em aventuras dessas. Teve um sonho dourado em tempos: ser ajudante do Rei. É possivel que sejam ainda os cordões a chamalo... — Sem mais, etc. etc. »

A respeito destes assuntos ainda terei mais que contar. Fiquêmos, porem, agora, por aqui.

E já não foi mau o q. aqui ficou.

Coimbra e Paz:
27 de Agosto de 1958 a 20
de Fevereiro de 1959.

---

[1] Terra natal do Brito e Silva.

IV

«Não é mau que isto se deixe,
Escrito como passou...»
Dum fado popular.

«Ele tomado la mano de mi mocedad como la de un amigo fiel [...] Ele empujado su espalda hacia el pretérito, y he dicho: "Adiós, puedes ir-te tranquila".»
J. Ortega y Gasset: Mocedades

Neste ano de 1911 houve muita coisa para arquivar. Quero ver, pois, se levo a tarefa com mais ou menos metodo se bem que a memoria já não acode como seria necessario. Sirvo-me da papelada guardada e é com essa que agora vou fazer figura.

Entremeados com o caso da Liga do ultimo capitulo, aparecem as eleições para as Constituintes em que eu, no distrito, tive certo papel. E' agora o assunto que se segue, tanto mais que, logo a seguir ao acto eleitoral, tive

a boa ideia de escrever com certa minucia o que se passou em volume limpo, de oitenta e Val paginas, como estão em que agora escrevo.

Vai pois o proprio volume intercalado nes Ve, apesar do papel não ser da mesma qualidade e a mancha ser tambem um pouco diferente. Emendarei a numeração e rasparei certas cotas marginais que já não teem razão de ser e assim evitarei copiar as 86 paginas da Historia. Os possiveis futuros leitores de certo desculparão...

Intitulei o volume A minha candidatura ás Constituintes de 1911 pelo circulo de Coimbra e era oferecido aos 2008 cidadãos que nos votaram em mim.

Desabafo, apenas, para não dizer creancice...

Coimbra
21-Fever.º-1959.

Aos

2008 Cidadãos que votaram no meu nome em 28 de maio de 1911,

of.es

o autor.

As cousas começáram assim...

Vagamente, um ou outro amigo, em conversa amena perguntava se eu não ia ás Constituintes. Como é natural, tinha sempre um gesto de modestia e respondia discretamente:

— Eu?... Oh!...

Mas tantas vezes ouvi fazer a pergunta que me habituei a ella, e por fim perguntava a mim mesmo se eu, realmente, não ia ás Constituintes...

Um dia, porem, o Calixto Mendes, recebedor na villa de Miranda do Corvo, conversando no quartel comigo sobre politica, lembrou-me á queima-roupa a minha candidatura por Miranda do Corvo...

— Eu?... Oh!...

— Qual! você mesmo, porque não?

Escusei-me, com modestia, mas immediatamente ante-vi a facilidade da cousa. Em Miranda

o meu nome sendo sympatico aos republicanos, não assusta a talassaria que ha ainda, abundantemente, por lá; sou creatura neutral naquelle meio pequeno onde se guerreiam valentemente uns aos outros.

O Calixto insistia:

— Não esteja com acanhamentos, meu amigo; é ir para a frente. Eu logo converso com o Batalhão a esse respeito.

Isto foi em meiados de abril, quando as arvores começam a florir alegres, e os campos a reverdecer fecundamente...

×

Dois ou tres dias depois, uma carta do Calixto, veio dar-me a certeza da victoria em toda a linha, no concelho de Miranda.

Eu pensei então a serio no caso.

— E porque não?

Já nos primeiros dias d'abril, o Alvaro de Castro, em larga conversa, mostrou-me a necessidade da ida ás Constituintes de um certo numero de elementos militares que defendessem a politica do ministerio da guerra e mantivessem a linha avançada que é necessario dar-lhe. Disse-me mesmo que me lançasse na empresa.

E eu... confesso, comecei a sério a olhar.

Não era impossivel o facto. Até certo ponto, ti-

nha direito a ir lá; probabilidades, havia algumas; e quanto a mim ... não desgostava de ir.

No entanto, pensava no assumpto porque não me queria abalançar ao acaso, quando, no dia 20, vi-jo no Diario Popular de 19 d'abril, uma correspondencia de Miranda que dizia:

«Dá-se como certa a proposta do snr. Belizario Pimenta a deputado por este circulo. A escolha não podia ser mais acertada; porquanto sua ex.ª, filho desta terra, descendente duma importante familia e intelligente como é, saberá cumprir com dedicação o mandato que lhe confiem.

Estamos certos que o povo deste concelho, admirador do snr. Pimenta, receberá com jubilo o seu nome e gerante a urna provar-lhe-ha quanto o estima.

Consta-nos que logo que esteja definitiva essa proposta, o sr. Belizário Pimenta percorrerá todo o concelho, fazendo conferencias. Bemvindo seja.»

Em 22 d'abril no Diario de Noticias:

«Miranda do Corvo, 20. — Segundo nos consta, dá-se como certa a proposta do sr. Belizário Pimenta, distinto official do regimento d'infanteria nº 23, para deputado por este circulo.

Oxalá que sua ex.ª seja o escolhido porque estamos certos que o povo deste concelho o receberá como sincero e antigo democrata, e provar-lhe-ha quanto o estima gerante a urna.

Diz-se que o sr. Pimenta virá fazer conferencias a este concelho, logo que essa proposta esteja assente.

Vivamente aplaudimos a escolha do brioso e incan-

savel republicano que conta aqui geraes sympathias.»

E no Seculo de 23:

«Miranda do Corvo. — Consta que o sr. Elizario Pimenta, official do regimento d'infanteria nº 23 será proposto a deputado por este circulo. Diz-se que o sr. Pimenta virá fazer conferencias a este concelho logo que essa proposta seja definitiva.»

Vê-se que as tres noticias tiveram o mesmo autôr... Mas eu então, na presença da publicidade da candidatura, lancei-me...

E no dia 24 d'abril escrevi uma carta ao Manuel Ferreira Batalhão, de Miranda do Corvo, velho republicano e amigo e ao José Cardoso, administrador da Louzã, sondando-os...

Coimbra = 24 - abril - 911

Meu presado amigo:

Tenho querido escrever-lhe mas tenho tido um certo melindre em o fazer. Conhece o meu feitio e sabe como eu sou incapáz de vaidades e incapáz de procurar situações p. me coloquem em destaque, porque me conheço sem cathegoria para isso.

Pois bem: umas noticias p. os jornaes deram acerca da minha candidatura por Miranda do Corvo, encheram-me de satisfação por ver como foi bem aceite essa ideia, se é verdade o p. disem os jornaes.

No entanto, como comprehende, eu nada faria sem ter conhecimento do p. pensam os meus amigos de

comissão municipal — pois q. em tudo quero concordancia.

Peço pois que me responda sobre o caso com a maior franqueza para eu me decidir — visto q. estou resolvido a aceitar e disposto a trabalhar pelo concelho se, da vontade de todos, fôr a minha candidatura.

Com muita estima, etc, etc.

Coimbra: 24-abril-911

Meu caro José Cardoso:

Os grelos generam já... A minha humilde pessôa anda em bolandas na imprensa...

E' o caso q. deve saber da minha candidatura proposta por Miranda do Corvo — terra da minha gente e onde eu sou estimado por todos.

Ora o concelho pertence ao circulo de Coimbra a q. pertence a Louzã.

Já está a ver...

Eu disfiz-me a aceitar, dado o caso q. em Miranda levem a efeito a proposta; e dispus-me por coisas q. lhe contarei com vagar.

Vaidade das vaidades!...

Mas q. quer? eu atiro-me... e depois falarei.

Agora o q. desejava saber era a sua opinião, bal como eu espero, para regular a vida.

Alea jacta est!

Um abraço, etc, etc.

Neste mesmo dia, o alferes-poeta Augusto Casimiro, um dos q. me empurrava a decidir-me, escreveu ao João Pessoa, medico em Cantanhede e presidente da comissão municipal politica, uma carta carinhosa...

Coimbra = 24 - IV - 911

Meu valente João:

Escrevo-te e — compõe as lunetas primeiro, resfira fundo e segura-te — é para tratar de cousas politicas q. te escrevo.

Temos á porta as eleições, dentro de casa a reunião das comissões q. ham de propor os candidatos. Quer dizer: é licito a individuos como eu, galofinar para fazer justiça e honrarmos a Republica.

Tu conheces e admiras como eu o Belizário Pimenta. Do passado delle falam as perseguições q. sofreu dignamente e os serviços q. ficam ocultos porque são de toupeira e ... secretos.

E' um caracter q. eu me preso de estimar entre os q. vivem pertinho da minha devoção. Espirito e caracter, inteligencia e tesura, vá o termo, ahi está o homem para nossa alegria e para bem da Republica se os Belizários abundassem.

Pois o Belizário é proposto, carinhosamente proposto pelo concelho de Miranda do Corvo; com Cantanhede e Coimbra, Mira e Lourã forma o circulo eleitoral aquelle concelho.

João amigo: — E' preciso q. para honra de Cantanhede, vocês o proponham tambem.

Elle não é do Affonso, descança. E' um candidato q. se não lembrou de desejar ser eleito, de quem nos lembrámos, nós q. o admiramos.

Para honra de Cantanhede é preciso q. o Belizário seja proposto. Nós correremos o circulo fazendo democratica, sinceramente, a propaganda da sua candidatura. E eu q. sou o q. sabes, irei a esses comicios, irei á urna rasoavelmente contente com o acto, rijamente satisfeito com a Justiça praticada.

O Belizário não é um politico. Será um trabalhador sincéro e necessário.

Ninguem terá de arrefender-se. Tu resfonde-me.

Eu creio q. temos a coisa certa. Coimbra se não fôr nossa officialmente, ha-de o ser bastantemente na urna. Resfonde bréve e anfére um abraço, etc, etc

(a) Augusto Casimiro.

A cousa, como se vê, estava começada. Agora era necessário lançar-me abertamente na luta — embora me não sentisse muito politico...

Mas enfim...

No dia seguinte, ao passar na rua Larga, vejo o José Cardoso que nessa altura não recebera ainda a minha carta.

Falámos no caso. Eu disse-lhe abertamente o q. havia e refarei q. elle ficou pensativo.

O José Cardoso tem o seu quê de conselheiro: e em que pensaria elle? Si naquelle tom pensativo a linha do bom politico...

Não gostei. O José Cardoso teve, pela primeira vez para mim, um ar grave que me deu na vista. Era o politico, era já o politico, tomando atitudes e modificando a fisionomia...

No entanto, afirmou boa vontade e que lá falaria ás comissões.

E eu voltei para casa, pensativo tambem, não percebendo a razão porque é que um rapaz alegre e desempenado como o José Cardoso, ao falar-lhe de

politica e mostrando-lhe a minha vontade de ir ás constituintes, se fez de regente pensativo e tomou um ar grave de velho esperimentado...

E a pensar nisso, no dia seguinte, 27, uma carta do Alvaro de Castro chegou e na qual me dizia, entre outras cousas, o seguinte:

« Com respeito á questão politica, dir-te-hei novamente o q. tiveste ocasião de me ouvir — é preciso q. defendas a tua candidatura. Não é uma questão de vaidade (não te iludas) é uma questão de interesse politico nacional. A abdicação, nesta altura, ou a renuncia, é um crime. »

Isto fez-me pensar mais a sério no caso. Que diabo! Um homem não é de ferro e eu comecei a ver q. realmente as Constituintes, sem mim, seriam uma cousa banal, uma cousa quasi morta...

E depois do almoço, antes de ir para o quartel, procurei o Augusto da Costa Pereira na repartição porque o julgava da comissão municipal politica. Afinal não era mas animou-me, achou excelente a minha decisão e prometeu trabalhar.

No outro dia, como andava receioso da forma como seria recebida esta cousa, entre os oficiaes do regimento, sondei-os a pouco e pouco, começando até, se me não engano, pelo Napoles e pe-

lo Mascarenhas q. contra a espectativa, aplaudiram a ideia; depois o major Bandeira, lealmente disse que trabalharia por mim e um ou outro oficial q. ouvia a conversa agoiava tambem.

A pouco e pouco eu vi firmar-se em volta de mim uma certa corrente de sympatia; o q. era necessário era fazer correr a ideia e ver se ella encontrava em todos a mesma adesão atenciosa.

Eu contava com o meu passado e com o meu afastamento presente ás questiunculas da terra; o meu nome deveria ser bem aceite por todos, pois que a minha situação assim o deveria indicar. Era questão de trabalho e de habilidade.

Escrevi de novo ao Batalhão, para Miranda, para saber uma resposta:

Coimbª = 28-abril-911

Meu caro amigo:

Desculpe o ir importunal-o outra vez... Sei q. é muito bréve a convocação das comissões para a escolha dos candidatos ás Constituintes. Como considéra ahi essa comissão, a minha candidatura? Votarão em mim?

Creio q. na Louzã e Cantanhede as cousas não estão mal.

Peço resposta, se isso o não massa — para tratar da propaganda ahi e nos outros concelhos.

Sem mais, etc, etc.

Decidi pois, ir correr as comissões, uma a uma, consultal-as, sondal-as...

E no dia 29, antigo dia da "Carta constitucional", antes de ir ao quartel fui falar ao Candido Nazareth, mestre de oficinas na imprensa da Universidade e q. é Irmão da minha Loj.·.

Achou bem q. eu me propozésse, não só por ser filho de Coimbra mas por ser imparcial na politica, etc., etc., mas sem mostrar um ar decidido q. me desse a ideia do sim ou do não. Não percebi bem, é claro, os motivos; agora vejo-os claramente porque foi um dos q. guerreou a minha lista — como adeante se verá...

Cousas do mundo.

Á tarde, jantado e bem disposto, fui a Santa-Clara falar ao Francisco da Fonseca, o grande Francisco da Amalia, velho revolucionario e amigo.

— Amigo e sr. Francisco: vou propôr-me deputado!

— Pois valeu, vamos a isso!

E espregando as mãos, corridente:

— Oh q. grande ideia!

E ali se pactuou q. elle falaria á comissão e q. a comissão diria q. sim, q. aprovaria o meu nome. E afontando-me o punho fechado, dizia-me convencido:

— Tenho-a na mão!... aqui!...

— Pois vamos a trabalhar, amigo Francisco!

— O sr. ha de ser sempre o nosso homem! Eu bem sei o q. o sr. fazia no regimento...

Eu, modestamente, despedi-me e voltei á cidade, disposto, contra o meu feitio e habito, a mecher-me alguma cousa.

Fui á Praça do Commercio falar ao Carlos Gomes Lobo, filho do Jayme Lopes Lobo. Contei-lhe o caso singelamente:

— Bem vê... Em Miranda talvez me propunham e eu queria saber se seria bem aceite aqui... De resto, o meu amigo sabe... eu não tenho ambições nem categoria...

E o Carlos Lobo disse q. trabalhava por mim.

Na rua encontrei um rapaz tipographo cujo nome não sei, a quem contei identicamente o caso e q. identicamente prometeu trabalhar. Este pertence á comissão parochial de Santa Cruz, assim como o Lobo pertence á de S. Bartolomeu.

Já tinha tres comissões faladas...

E eu via-me a caminhar de vento em pôpa! A politica, afinal, era uma cousa bem facil...

Tudo amabilidades, reverencias, promettimentos; tudo côr de rosa, como uma manhã alegre e doce do maio alegre e florido!...

Ao outro dia houve comicio em Souzellas organisado pelo major Bandeira.

Era um domingo, 30 d'abril. O José Maria de Sousa Nagoles levou-nos no seu automovel até lá; eramos quatro: o Bandeira, o Nagoles, o alferes Carlos Mascarenhas e eu.

Choviscava. Na aldeia o povo, depois da missa, esperava no largo fronteiro á egreja. O Alberto Dias Pereira, bello rapaz de 18 a 20 annos, filho do antigo cacique de Souzellas, manobrava de um para o outro lado, recomendando cousas. E ahi cerca do meio-dia, sob a ameaça de borrasca, nós lá trepámos a um pequeno estrado construido á ultima hora sobre dois bancos de carpinteiro e deu-se começo ao comicio.

Duzentas pessoas, não mais, com mulheres e creanças; o major abriu o comicio e apresentou as contas dos adeantamentos á familia real; depois foi o Nagoles q. desatou a descascar nos padres com anedotas alegres e picantes de tal forma q. conservou constante hilaridade; depois o Mascarenhas q. fez a sua estreia e q. se apresentou bem; a seguir ... eu!

Tomei uma atitude digna, sem emphase, é certo, mas com linha ... Começava o meu discurso quando na estrada passou um automovel com

republicanos de Coimbra q. otháram esfantados... Dir-se-hia que eu, naquelle estrado improvisado, em frente de camponios embasbacados, aconselhava elixires ou jornadas miraculosas...

Elles seguiram a rir e eu comecei por me apresentar como candidato ás Constituintes. Procurei tirar efeitos, não os massei muito e recebi fartos aplausos no fim...

Falou ainda o Alberto Dias Pereira e o por fim o major encerrou o comicio entre vivorio e palmas e o toque da Portugueza executada por uma tuna, obrigada a pandeireta...

E, emquanto se fazia horas para o jantar, tivemos de conferenciar com as comissões politicas da terra, do Botão, de Brasfemes e não sei se mais alguma, traçando planos, conversando sobre as necessidades da região...

E eu, tomando ares, ouvia-os, ás vezes distraido e a tudo lhes ia dizendo amavelmente:

— Sem duvida... Isso é negocio para se ver depois, bem vê...

— Sem duvida, meu senhor.

E cerca das 3 da tarde, começou o jantar, um suculento jantar em casa do Dias Pereira, entre a conversa alegre e a discussão com o padre da freguezia q. dera sorte com o Nagoles.

Do busco fusco, voltamos no comboio, alegremente, como de quem vinha de um fic-nic alegre...

Em casa, olhando os jornaes do dia, vi a seguinte noticia no "Sargento": [nº 23, de 29-IV]

Uma bella noticia

Vae ser proposto defutado ás Constituintes, por este circulo, o nosso ex.mo amigo e inclito cidadão Belizário Pimenta, nosso digno tenente do regimento d'infanteria nº 23.

Rejubilamos com a grata noticia, tanto mais q., com certeza, será um advogado extremo q. nelle terão todos os sargentos do exercito.

Segundo a lei eleitoral, não se póde pedir votos, mas francamente, faremos um comiciosinho com os nossos amigos a fim de lhe conseguirmos alguns.

Os nossos sinceros parabens não só ao paiz, como a todos os sargentos.

Começáva o reclame na imprensa. Era a celebridade a buscar-me, a fazer-me subir, para q. a queda fosse maior...

Vanitas vanitatum...

×

Veio o dia 1º de maio.

Eu desci cedo á cidade e fui á estação do caminho de ferro falar ao Alvaro de Castro q. ia no rapido para Lisboa.

Poucas palavras houve. Só ~~me~~ me animou a não desistir da propaganda da minha candidatura, tal como na carta q. ahi ficou atraz — e deu-me a nova extranha de q. no ministério do interior se tramava a eleição por Coimbra do dr. Alves dos Santos e do José Cid.

— Isso póde ser?

— Verás...

— Posso fazer uso d'isso?

— Podes... Não fales no meu nome; de resto, deixa correr a nova...

— Extraordinario!

— Mas certo.

O comboio lá foi; e eu, como um foguete, vou á Calçada, encontro o typographo Cunha Rocha e abiro-lhe a novidade; passa o alferes Mascarenhas e digo o mesmo; a este e áquelle a mesma cousa; em pouco vi germinar a noticia e vi esgalhar-se ligeiramente, causando gestos indignados, essa irritante novidade.

Como, ás vezes, na melhor das intenções, se vae causar uma alteração d'ordem!

E, como vi assegurada a publicidade do caso, dispuz-me a subir ao Quartel-general, onde me ia apresentar por estar de ronda — quando me apareceu o Jayme Cortezão.

Maldito encontro!... Antes não o visse — a esse poeta-anarchista-maçonico-candidato a deputado, que nessa altura me apareceu como os diabos de magica, promptos a seduzir os incautos...

Pois senhores: foi a minha maior tolice... o elle ter aparecido!...

Viera a Coimbra para me falar, para entrar comigo em combinações... politicas.

— Oh seu malandro!... Você fala-me em politica, assim, sem mais nem menos?

— Venha d'ahi, homem, q. eu acompanho-o ao quartel-general.

E fomos. Quer no caminho quer á entrada do quartel-general, elle expôz as cousas: era necessário reagir contra o conservantismo, trabalhar pelo radicalismo e elle estava disposto a ir ás Constituintes; o Pires de Carvalho tinha desejo q. elle lá fosse e propunha-se apoial-o no circulo da Figueira, onde elle, Cortezão, poderia arranjar votação razoavel; o mesmo Pires de Carvalho queria formar um grupo de homens de caracter, decididos a irem independentes á lucta e a não se deixar eivar de conservantismo; e, finalmente, contavam comigo.

Eu confesso q. não percebi bem e confesso agora q. melhor seria ter percebido.

Eu observei-lhe q. o meu nome não era um

nome de peso e muito menos de prestigio; eu não melhorava o grupo...

— Mán... não esteja você com cousas...

— E' isto, homem, já lhe disse. No entanto, estou ás ordens se houver nisso vantagem.

— Então não ha? Você é um homem de caracter e depois... póde auxiliar-nos em Miranda do Corvo...

Ora aqui está o fraco da questão: a minha influencia em Miranda do Corvo!

Eu então não o percebi, confesso; percebo-o agora, depois de ter sido comido...

Mas enfim, lá subimos á Penitenciaria para falar ao Pires de Carvalho q. não estava, felizmente; de lá segui para o quartel com o Jayme, assentando na união leal e forte de alguns bons republicanos radicaes decididos á lucta pela pureza da Republica e pela superioridade dos principios.

E eu, apesar dos meus 31 annos, lá fui, como qualquer moço de vinte annos, arrastado na musica bella q. o poeta-anarchista me ia tocando, e com a qual me sensibilisava o pobre coração entusiasta...

Ai dos bons!

Ha sempre ao lado d'elles, como nos teatros, um alçapão mysterioso de onde surge um diabo de

magica, amavel e risonho, captivante, como sereia da fabula, grompto a enganar meio-mundo...

E depois este, com a linda figura de macho-goeta, louro, barba ligeiramente arruivada, cabeleira coredia e setinosa, elegante e empolgante... Ah! pobre do q. é bom e credulo!...

E depois, no caminho, desfiamos um longo plano maçonico: o Pires de Carvalho é Veneravel da Loj.·. Redempção; elle, Jayme, fôra já proposto para esta Loj.·. e assim a Maç.·. trabalharia tambem por nós, solidariamente, como cumpria a Irmãos...

Ai dos bons!

No quartel fômos combinar com o Napoles o elle levar-nos no dia seguinte a Cantanhede: era necessario começar intensamente a campanha.

O Napoles disse q. sim, mas desejava q. eu fosse com elle a Taveiro, procurar o Julio da Fonseca por causa do Ramada Curto.

Fomos. No automovel ia tambem o Orlando Paiva e o Mascarenhas q. iam troçando comigo á conta da candidatura.

Passava um grupo de operarios q. me cumprimentava e elles logo:

— Fóra o cacique!

Eu, ás vezes, contando-os, dizia-lhes:

— São seis votos! São quatro votos!

E elles:

— Fóra o caciquismo!

Mas o Julio estava e por signal q. dormia.

— Que malandro!... a dormir a esta hora!

— Nalguma cousa ha-de a gente passar o tempo numa terra divertida...

Mas nós entrámos na questão: era necessário trabalhar por uma lista radical: Ramada Curto, Pires de Carvalho e eu, em oposição a uma lista provavel em q. entrasse o Angelo.

O Julio estava prompto a trabalhar; não se profunha porque não tinha meios para se sustentar em Lisboa durante o periodo legislativo; mas ia á lucta decidido e contassemos com elle.

Comemos e bebemos, como é custume em casa desse bello rapáz, e voltamos de novo, a 40 á hora, para Coimbra.

A campanha não começáva mál de todo, que diabo! Passeios de automovel, bolos e vinhos em casa dos amigos...

Isto não era tão máu como se dizia...

Em casa tinha uma carta do Batalhão, de Miranda, em resposta ás duas q. eu lhe escrevi. A carta não é bem clara, não é uma cousa cathegorica, diz mesmo: "creio q. aqui tambem ha de ter amigos..." e eu fiquei sem perceber bem se aquillo era

uma forma de fugir com o rabo á seringa... Que demonio! menos palavras mas mais claras, era o q. eu queria.

D'noite voltei á baixa, e falei com o Alvaro Machado, de Murtede, quartanista de medicina q. me prometeu, como membro da comissão parochial da sua freguesia, votar em mim e falar em mim aos seus colegas. Falei com o Floro q. me animou tambem, q. metesse, sem esitações, hombros á empreza, q. me deixasse de acanhamentos...

O Candido Nazareth de quem já falei atraz, encontrando-me, disse q. encontrou em todos a quem falou, a melhor vontade a meu respeito.

E eu... levado em tudo isto, não via q. caminhava pelo mar traidor da politica...

×

No dia seguinte, ás 7½ da manhã, com nevoa fina a cobrir o campo, abalámos eu e o Napoles, no automovel deste, estrada fóra, á doida, dando largas ao motor, na ancia de velocidade q. chega a ser vertigem. Fomos a S. João do Campo buscar o Jayme Cortezão na casa do qual o pae, o erudito Antonio Augusto Cortezão, abrindo a porta me recebeu vernaculamente:

— Com q. então... fervet opus?

— É verdade, sr. dr.. Isto são tolices de rapazes...

E dentro em pouco seguimos estrada fora, de novo, por Ançã, Portunhos, direitos a Cantanhede, á vista da qual, cerca de 400 metros, uma pane veio demorar meia-hora certa a nossa marcha triumfal. Mas, passado o mal entrámos na vila e dentro em pouco, abancados á mesa do João Pessoa, medico, presidente da comissão municipal — nós entabolamos uma conversa politica, como se fossemos velhos politicos experimentados...

Para encurtar razões: o Pessoa tinha já reunido as comissões parochiaes para troca de impressões e resolveram votar nos seguintes, pela ordem q. se segue:

Ramada Curto,

José Cardoso,

Belizário Pimenta.

O João Pessoa prevenio-nos q. no concelho todos são dedicados ao Antonio José d'Almeida e q. as comissões são disciplinados ás indicações do Directorio; nós ali pouco fariamos se nos apresentassemos como amigos do Afonso Costa ou formassemos uma lista sem a aprovação do Directorio...

Inteirados e bem almoçados, demos uma volta pela vila e voltamos para Coimbra, mas dando a volta por Arazede — bella volta por signal, com

largos e verdes panoramas sobre o mar, ao longe, como um grosso traço negro; com um extenso panorama sobre o vale do Mondego, na descida para Tentugal; e depois, com a exuberancia das terras no vale, atravez das quaes a estrada segue, em largas curvas.

Que beleza, uma campanha eleitoral!...

A' noite, na baixa, dei conta ao Alvaro Machado da minha viagem... politica; e o Guilherme d'Albuquerque, amavel e risonho, veio dar-me parte q. a comissão parochial de Santa Clara iria votar em mim, no Ramada, no Quim Martins e no Julio da Fonseca...

— No Julio?

— E' verdade... Resolvemol-o hoje. Tanta cousa lhe fizemos ver q. elle disse-nos q. sim.

— Bom, bom... Gosto da companhia.

Mas afinal esta lista foi modificada, porque, no dia seguinte, a comissão votava os seguintes:

Amilcar de Sousa Ramada Curto

Antonio Pires de Carvalho

Belizário Pimenta

Julio Vieira de Figueiredo Fonseca.

Como se vê, o meu trabalho começava a dar alguns resultados praticos...

Já uma comissão dissera de sua justiça, caram

ba! e tudo iria de vento em fouga, alegremente, no melhor dos mundos...

Ai dos q. crêem!

×

No dia 4, com o coronel Chagas, fui para a Figueira, para fazermos uma sindicancia a um caso de conspiratas q. por signal deu em resultado a demissão do capitão Luis Augusto Ferreira.

A minha vida militar - I - ...

Em quanto lá estive, com o trabalho estofante da sindicancia, nem pensei nas eleições; só no dia 6 é que o Mascarenhas q. lá foi em serviço me deu novas e... e q. novas!

No dia 5 de maio, o Angelo da Fonseca q. viera de Lisboa, reuniu em sua casa os presidentes das comissões municipaes dos concelhos q. constituem o circulo, os administradores dos mesmos concelhos e o governador civil; houve troca de impressões — segundo se dizia — e dessa tróca sahiu a seguinte lista, mirabolante lista:

Angelo Rodrigues da Fonseca
Antonio Candido d'Almeida Leitão
Belisário Pimenta
Jayme Zuzarte Cortezão

Quando o Mascarenhas me disse isto, cahi das nuvens! Eu, aprovado pelos srs. conselheiros!...

— Essa é boa, oh Mascarenhas! E lá, o q. se diz?

— Refonta-se... Chamam-lhe lista de conselheiros e não a querem...

— É boa... como eu escolhi...

Mas d'ahi a pouco refarei eu: como é q. o Jayme Cortezão aparece numa lista por Coimbra? Não tinha elle dito q. se groforia pela Figueira? Ali andava tramoia e a ideia foi tola...

E depois, comecei a pensar: o governo recomendou aos governadores civis e administradores dos concelhos q. não interviessem no acto eleitoral; e o Angelo convida-os para uma reunião em sua casa, para a escolha de candidatos... A lei eleitoral determina q. as comissões parochiaes reunam primeiro e levem os seus votos ás comissões distritaes; e aqui era a comissão distrital a escolher ouvindo apenas os presidentes das comissões municipaes.

Que diabo de trafalhada! Calcava-se assim as leis, as circulares, os bons costumes, o bom senso e os principios?

Eu resolvi não aceitar a inclusão do meu nome numa lista assim formada; e na primeira occasião diria publicamente q. não tive, naquelle facto, a menor interferencia. Tudo serei, menos conselheiro...

Cheguei mesmo, d'ahi a Gouco, a sentir-me escamado com o caso...

Ahi está como eu me via envolvido numa cousa bem desagradavel — sem ter a menor culpa!

Voltámos á noite da Figueira e eu, na Calçada, á chegada, conversando com este e com aquelle, tive ocasião de ver a má vontade q. causou em todos essa tal lista, e até uma certa má vontade contra a minha pessoa pela inclusão do meu nome.

E esta?

Em casa, lendo jornaes, deparei com um numero da Tribuna em q. vinha um artigo de fundo do Augusto Casimiro, sob o pseudonimo de Castro Affonso, e com o titulo de "Um homem" — em q. eu sou elogiado excessivamente. O Casimiro é um bello rapaz, mas tem umas admirações exageradas; e esse artigo é uma prova.

Neste mesmo numero da Tribuna vem na 1ª pagina, em letras grandes, o aviso ao publico de q. vão ser propostos candidatos ás Constituintes os drs. Alves dos Santos e José Cid...

Era ainda o meu aviso do dia 1 de maio, a correr, a germinar...

Mas, na Defeza, de 5 de maio, havia duas noticias q. eu não liguei muito bem.

Uma, com o nome de "A' ultima hora", dizia-se

4-35

q. na reunião da Comissão distrital com os repre-
sentantes das comissões municipaes, foram esco-
lhidos os candidatos.

Diz q. foram escolhidos.

Mas, mais adeante diz sob o titulo de Reu-
nião politica q. em casa do Angelo da Fonseca se reu-
niram os presidentes das comissões municipaes ja
ra... trocaram impressões acerca do proximo acto
eleitoral.

Alguma troca de impressões...

×

Ora, para não embrulhar, vamos contar como
as cousas succederam até eu ser acitá pelo Ange-
lo meio famigerado listá.

O José Cardoso, depois daquelle conversa comigo
em 25 d'abril, teve q. ir a Lisboa e lá falando com o
Angelo da Fonseca, lembrou-lhe o meu nome, visto q.
eu tencionava votar-me.

O Angelo, não me conhecendo muito ligeiramen-
te, pediu logo explicações:

— Que politica tem elle?

O José Cardoso elucidou logo sobre a minha in-
clinação ao Antonio José e deu em resposta infor-
mações mais precisas acerca da minha pessoa —
e de tal forma q. o homem disse q. eu convinha

a politica delle e q. seria util entrar na lista q. se viesse a combinar...

Mas, ainda mais: o Nogueira Lobo contou-me q. no dia da tal reunião, de manhã, encontrando o Angelo e conversando acerca dos provaveis deputados, lhe disse:

— Ha ahi um rafaz, bem aceite por todos e q. parece ter sua vontade de se profôr...

— Quem é?

— E' o Belizário...

— E a politica?... para q. lado vae elle?

O Nogueira Lobo elucidou o Angelo acerca da minha politica claramente almeidista...

E o Angelo levou a tenção de me aceitar de braços abertos...

E aqui está como eu entrei na lista.

×

Mas, continuando...

No dia 7, domingo, logo pela manhã, mandei perguntar ao Casimiro se havia ou não comicio em Eiras e se houvesse a q. horas ia elle com os oradores.

A resposta veio logo, a lapis:

Admiravel amigo: Hurrah! pelas nossas coisas. Ás 9½ parte o automovel do Napoles, para Eiras da

Porta do Quartel. Venha rapido! Belissimo... Seu do C. (a) Augusto Casimiro.

E na verdade, cerca das 8 1/2 lá fomos no automovel do Napoles: o Napoles, o aspirante Germano dos Santos, o Casimiro e eu.

O comicio era promovido pela comissão parochial da Sé Velha; e na estrada lá iam, em char-á-banes, amontoados, quando de certo, esses bravos patriotas q. faziam a festa e q. largávam o dinheiro...

Em Eiras, uma filarmónica rompe com a Portugueza q. nos fez estar protocolarmente com a cabeça ao sol um bom bocado; houve foguetório e nós lá fomos, num cortejo improvisado, ruas fóra, ao largo da egreja onde se fez o comicio.

No adro da egreja, no proprio adro, cousa de tres degráos sobre o largo, um rapaz da comissão da Sé Velha, abre o comicio e propõe-me para presidir. Eu, aceitando, abri a serie dos discursos apresentando-me como candidato ás Constituintes, disse duas lérias sobre eleições e dei a palavra seguidamente aos oradores inscritos...

E aqui recomendo a resenha dos discursos q. veio num numero do Povo de Santa Clara q. á parte a piada, vem mais ou menos exata e com certa graça.

Eu, por fim, querendo encerrar o comicio e co-

mo o gôvo se acumulava em volta da meza, tive de saltar para cima dela e de lá encerrar o comicio lembrando aos eleitores de Eiras o dever de ir á urna e quasi faltou para lhes dizer q. votassem em mim....

Passe a graça, e vamos agora a um caso de maior importancia.

×

No dia seguinte o Jayme Cortezão entra no quartel e ex-abrupto mostra-me uma carta do João Pessoa em q. vinha um telegrama do Angelo.

Nesse telegrama q. devia ser de 6 ou 7, isto é, do dia seguinte ou dois dias passados sobre a reunião não falada em casa do mesmo, dizia-se o seguinte:

« E' indispensavel alterar lista Coimbra, ficando Angelo, Francisco Vilaça, dr. Leão Azedo, Antonio Leitão.... .. conveniencias politicas exigem esta modificação. Escrevo. Director geral — Angelo Fonseca. »

Este telegrama foi enviado a todos os presidentes das comissões municipaes politicas e administradores dos concelhos, á excepção do Floro Henriques q. tambem já não fôra convidado para a reunião citada acima.

Nesse mesmo telegrama dizia-se tambem q. o meu nome ficava incluido na lista do circulo

d'Arganil... Um telegrama circular do director geral de instrução superior e secundaria, tratando de eleições oficialmente!

Eu fiquei a olhar...

Mas de repente lembrei-me:

— É verdade! Como é q. você agora aparece progosto por Coimbra?... Não foi essa a combinação...

— Não foi, realmente... Mas o Pires de Carvalho é q. me metem lá, garante-me a eleição... e você comprehende... eu não sou uma figura apagada...

— Foi uma grande asneira, meu caro: você, por aqui, perde-a! Você em Coimbra não leva um voto!... Isto é a verdade núa e crúa...

Ora eu com isto fui ferir o orgulho do poeta... Este Jayme tem um orgulho intoleravel — e nesta minha irreverencia pelo seu talento e pela sua importancia é q. eu cifro a guerra q. elle depois me fez e q. talvez me fizesse perder a eleição.

Discutimos, berrámos e eu fui talvez um pouco agressivo; mas enfim disse a verdade e o q. julguei dever dizer-lhe.

Não me arrependo.

O diabo foi o orgulho ferido e a vaidade abatida por um Zé-ninguem como eu.

Nisto entrou o Antonio Nazoles o grande amigo do Ramada Curto...

E aqui entra o Mamada Curto em scena...

O Mamada viu as cousas mal paradas por Coimbra, quanto á sua eleição — e decidiu-se pela Covilhã, abandonando os seus amigos de Coimbra e as comissões q. por causa delle tiveram largas questões com o Directorio e se colocáram em hostilidade com o Angelo.

E' humano deixar o duvidoso pelo q. é certo e humano tambem foi os amigos q. por elle trabalháram largáram-no lógo como valor liquidado.

Pois bem: o Nazoles vinha ver se metia o Mamada outra vez em Coimbra...

Eu fiz-lhe ver q. talvez se não fizesse nada, mas elle disse-me q. era um engano, q. o Mamada havia sempre de ser bem aceite e q. até lhe mandára um telegrama para elle vir no rapido da tarde. E demais, á noite, em Santa Clara, havia uma reunião para se discutir a prepotencia do Angelo...

Vinha tudo a calhar!...

— E você, oh Pimenta: você vae-nos fazer um favor: você vae a Cantanhede, ainda hoje...

— Eu?... a Cantanhede?... Como?...

— Vae no automovel do Paiva, e vae falar ao João Pessoa para ver se é possivel ainda aguentar o Mamada na votação das comissões.

Eu quiz argumentar com a inutilidade destes

esforços; mas o Nagoles colocou esta cousa como um favor pessoal e eu não tive remedio senão dizer q. estava ás ordens.

E lá fui, seriam 4 horas da tarde, sem jantar, no automovel excelente do Orlando Paiva, entregue a uma razoavel velocidade, atravez dos campos belos, sob uma tarde alegre e tépida.

O Paiva larga o carro numa doida corrida; tem um pouco a vertigem da velocidade; e realmente, antes de Ançã, um cão atrevido foi imolado á nossa furia... eleitoral e ao passar em Ançã, uma galinha nédia estoirou cávamente sob uma das rodas do carro — pobre victima, coitada, da nossa vertigem... politica.

Mas o Pessoa, em Cantanhede, manteve as afirmações anteriores; e como o José Cardoso ia pelo circulo de Arganil, ficava em campo o Ramada, depois eu e por fim o Jayme, como cunhado e amigo, etc, etc. Tornou a fazer-me a prevenção da disciplina ao Diretorio e...

E pela tarde fresca e amavel, nós largámos da vila, estrada fóra, para Murtede, com o fim de evitar o pessimo estado da estrada por Ançã.

Assim passou Murtede, Lemede, Casal-Comba, Mealhada, numa corrida doida q. mal deixava ver a serenidade do horisonte largo, com o fundo da

serra do Bussaco, meia envolvida em nevoa; assim passou a estrada do Porto até que, ao lusco-fusco, nós entrámos em Coimbra, e eu fui, finalmente, jantar!

Jantei á pressa, tirei a farda de cotim com q. fôra aganhado, vesti-me "á paizana" e desci á pressa a Santa Clara.

Ai dos q. crêem!... ai dos bons!...

×

A noite estava escura; ao longo do muro mal caiado havia vultos quiétos; a mole do convento de S. Francisco, enorme, tinha o seu quê de lugubre; ao longe, da cidade, vinha um leve ruido abafado...

Pela porta da ladeira, gente sahia e entrava, como q. esgreitando; um grupo estacionava caládo a meio da subida, numa inquietadora imobilidade.

Qualquer cousa de gráve se ia passar...

O Francisco da Fonseca, interrogadôr, avança, olhos vivos inquietos, prescutando:

— Já estão todos?

Eu não sabia se estavam todos, mas respondi:

— Devem estar...

Da porta continuavam a surgir cabeças investigadoras e eu então avancei...

Mas nada de mysterios, leitores amigos: nada

de mysterios porq. tudo aquilo foi a maior chuchadeira deste mundo!

O scenario e as atitudes prestavam-se a cousas de capa e espada; mas não quero romantisar as cousas veridicas, as cousas extraordinariamente veridicas...

Seja-se.

A' porta estavam, com ar grave e circumspecto de "cousa no ar" os seguintes cidadãos: major Bandeira, Pires de Carvalho, Floro Henriques, Costa Ramos, Julio da Fonseca, Guilherme d'Albuquerque, Jayme Cortezão, Soares Neves, Joaquim Gandarez e talvez um ou outro mais, mas de q. me não lembro.

Falámos-nos mysteriosamente; e depois de um pouco de espera porq. o gaz do centro republicano de Santa-Clara estava aos lampejos, a sessão começou soturnamente por uma explicação do Floro acerca da causa q. ali nos reunia.

A causa era a lista q. se devia apresentar e o protesto gerante as imposições do Angelo.

A discussão começou, houve insultos ao Angelo, prometeu-se aniquilal-o e varias cousas no genero; eu tomei a palavra e a proposito tentei defender o Jayme no meio dum silencio embaraçoso — para mim e para o Jayme...

E o Pires de Carvalho, trombudo, ao lado, ouvia

sem dar um ligeiro signal de aprovação. Elle, q. me-
teu o Jayme na dança, ouvia e calava; e eu, q. re-
provei a candidatura delle é q. o defendia...

Tive até uma questão, dias depois, com o Au-
gusto Casimiro porq. este entendia — na sua cega ad-
miração pelo Jayme — q. eu devia arriscar a mi-
nha eleição mas devia impôr o Jayme ao povo repu-
blicano de Coimbra... Altercámos até e eu disse-lhe
q. sacrificaria a eleição mas não sacrificava a ami-
zade q. o povo parecia ter por mim, impondo-lhe um
individuo q. lhe era antipatico. Eu disse-lhe q. em
Santa-Clara, nessa noite, só eu o defendi, apesar de
tudo e q. o Pires esteve mudo...

— O Jayme não precisa q. o defendam!...

E eu tive de encerrar a questão com um gesto e
uma palavra pórcos...

Mas não interrompâmos.

O caso é q. ia a vingar uma lista com os tres no-
mes seguintes: Julio, Pires e eu, ficando o Jayme
de fóra apesar de tudo, quando, da porta sôa um vi-
va estridulo:

— Viva o dr. Damada Curto!

Olhámos: como em sceva, o Damada entrou,
largou um rico sobretudo forrado de peles claras,
lançou-o sobre o bilhar e, emquanto soava na
sala o unico "viva!" q. acompanhou o primeiro,

o Mamada, solene, esfatáculoso, entoou um cantico a Coimbra, á sua terra querida, á terra onde o seu coração desabrochára, onde se fizera homem á custa dos seus amigos, onde...

E olhou em volta: a maior parte dos q. estavam tinham-se safado á sucafa; e de todo o grupo só estava eu, o Pires de Carvalho, o Bandeira e ao fundo, encolhido nas suas barbas loiras, o Jayme... E o Mamada, sem perder a linha, largando o ar pomposo de orador em caso gráve, vae direito ao Jayme e afagando-lhe as barbas, diz-lhe:

— Adeus oh Buiça! estás cada vez mais barbado...

Que dizem a isto?...

Era uma farça, aquillo... E emquanto todos esgarávam uma hypotética carta q. o Mamada escrevera e entregára não sei a quem, eu procurei rasgar-me tambem á sucafa e cá fóra, ao fresco da noite, á vista do Mondego, eu tive vontade de rir...

O Mamada é um átor, é um excelente átôr; e com o seu belo pórte e a sua eloquencia, arrasta, sem duvida, quem não tem a preparação suficiente ou alguns conhecimentos de... arte cénica para se não deixar embair.

A mim não me comeu elle...

No largo da Portagem (Miguel Bombarda) tive

a má sorte de encontrar o Jayme e o Pires de Carvalho, á minha esfera. Má sorte!... Andávam como os abutres em volta de presa, os malvados...

Mas vamos seguindo a via dolorosa...

O Jayme queria, assim como o Pires, encetar rapidamente a campanha; o Damada era homem liquidado, como se viu; era pois urgente começar a campanha eleitoral, de comum acordo, com lealdade, com habilidade...

Ai dos q. crêem!...

Eu disse-lhes q. sim, mas q. deviamos começar por procurar o Julio da Fonseca q. devia estar então (seriam 11 h. da noite) a cear ruidosamente no "restaurant dos caçadores". E fomos.

O Julio largou a ceia e veio á rua; e á pergunta do Jayme a respeito da nossa atitude, respondeu animadamente:

— Isto agora... é ir para a frente!

E ali, naquele silencio do Arco do Bispo, sob a protecção do colosso da Sé Nova, entrámos em combinações: na quarta-feira seguinte, 10, iriamos a Miranda e á Lousã; o Jayme, no dia imediato iria a Cantanhede e na quinta-feira iriamos todos, se necessário fosse, a Cantanhede e Mira. A campanha seria unida, todos como um só homem e como nós, por sermos quatro, teriamos de fazer des-

dobramento, logo ali se combinou q. depois, ao enviar as listas se mandaria numero perfeitamente egual para toda a parte, para haver lealdade...

Ai dos q. crêem!...

Ficou assente tambem q. na quarta-feira seguinte, o Jayme faria uma conferencia no centro Fernandes Costa.

E aqui está outro motivo da guerra q. o Jayme me moveu depois. Queria q. eu o apresentasse e eu disse-lhe q. não, q. não estava nas condições; e como isto lhe foi ferir o orgulho disse-me:

— Mas q. diabo... eu tenho confiança em mim... você comprehende q. eu não sou um desconhecido...

— Você tem confiança em si, mas eu é q. a não tenho no publico...

— Porquê?

— Porque o não assobiar, talvez...

Elle calou-se, mas agora eu comprehendo bem o silencio. Mais uma picada no orgulho q. eu lhe dava e q. elle não tolerou.

Deu meia-noite e despedimos-nos. A combinação fôra de pedra e cal, caramba!...

Mas, quem sabe? ali, á sombra do antigo colegio dos jesuitas, é possivel q. todos afirmassem a sua lealdade inalteravel e profunda mas... com alguma reserva mental...

287

Ora pois... Continuemos a história, q. ella está a complicar-se...

×

No dia 10 de maio, por uma manhã explendida, ahi vamos nós, no automovel do Paiva, estrada fóra, para Miranda e Lousã.

Ia eu, o Pires de Carvalho e Julio da Fonseca.

No caminho pouca conversa houve; só eu animava a "sociedade"; agora vejo eu bem q. parecia q. iamos desconfiados uns com os outros...

Mas só agora é q. vejo...

Em Miranda falámos apenas com o José d'Almeida e com o Batalhão. Muita festa para a festa e entrámos no assumpto: as comissões votariam no Pires de Carvalho, no Julio e em mim — apesar de o Angelo querer outra cousa, á ultima hora...

— Já sabemos...

— Mas isto chegou hoje, dizia o José d'Almeida mostrando um sobrescrito da "Direcção da Instrucção secundária, superior e especial."

— Obra do Angelo, gritou o Julio. Vejam...

Era uma meia-folha de papel de oficio, no sobrescrito sem estampilha (como cousa oficial) e dizia o seguinte:

Circulo de Coimbra

Doutor Angelo Rodrigues da Fonseca
Director geral de instrucção
secundaria, superior e artistica.

Dr. Leão Magno Azedo
Director geral da instrucção
primaria

Marso V-
36-F

Dr. Antonio Candido d'Almeida Leitão
Director da Escola Normal
de Coimbra

Dr. Ricardo Paes Gomes
Actual governador civil
do districto de Vizeu e
futuro Director geral
do Ministerio do Interior.

Parece-me que
esta lista satis-
fará a todos.

(a) Angelo Fonseca

Ficámos a olhar... Nova modificação teve a desgraçada lista aprovada em casa do Angelo!

Extraordinário, tudo isto! Como se faz isto em plena e florescente republica, contradizendo sem vergonha os principios proclamados, mentindo impudentemente ás afirmações d'outros tempos!

Que vergonha!

Uma especie de circular dum diretor geral ás comissões politicas, sobre eleições!

Conversou-se um pouco em casa do Batalhão; eu ainda fui á farmacia do José Cunha ouvir os talassas da terra darem tareia nas comissões "da canalha" e d'ahi a pouco seguiamos para a Lousã onde soubemos tambem q. as comissões votariam no Ramada, Pires de Carvalho, em mim e não me recordo se no Angelo se no Julio.

E para encurtar razões, o automovel largou da Lousã para Coimbra em 40 minutos, dando tempo ainda assim para o Julio ruminar cousas varias para a Tribuna q. continuava furibunda...

×

No dia seguinte escrevi ao José Cardoso q. eu procurára na vespera e no proprio dia da ida á Lousã, a carta seguinte:

Coimb.ª 11-maio-911

Meu caro José Cardoso:

Não houve meio de o encontrar ante-hontem; e hontem quiz procural-o de manhã, em casa, mas o meu amigo dormia o somno dos justos.

Fui hontem a Miranda e Lousã. Queria dizer ao meu amigo muita cousa q. direi noutra ocasião, mas principalmente q. por forma alguma aceito imposições do Angelo.

Se não fôr proposto pelo circulo de Coimbra, não que

no sel-o por mais parte alguma, como comprehende.

Ando extenuado e aborrecido com tanto processo é antiga. E' o demonio.

Commessando lhe direi cousas e lhe agradecerei a parte q. tomou na minha eleição.

E com um abraço, etc, etc.

Mas nesse dia, 11 de maio, as ~~[illegible]~~ comissões reuniram-se para votarem os candidatos. Deram apenas conhecimento ao publico da votação das comissões da cidade, mas eu aqui ponho as votações todas, pela ordem do maior numero de votos:

		Cidade:		Freguez.ª ruraes:
Belizario Pimenta	: 57	= 21	+	36
Julio da Fonseca	: 53	= 25	+	28
Antonio Leitão	: 44	= 13	+	23
Pires de Carvalho	: 31	= 13	+	18
Angelo da Fonseca	: 34	= 11	+	23
Jayme Cortezão	: 14	=		14

Isto foi só no concelho de Coimbra. No circulo todo nunca cheguei a saber ao certo o numero de votos mas creio q. tive cousa de 130 e tal.

O q. é certo é q. no aguramento geral do circulo os quatro mais votados foram, pela ordem q. se segue, os seguintes — bem contra vontade dos conselheiros:

Belizário Pimenta
Antonio Pires de Carvalho
Jayme Zuzarte Cortezão
Julio Vieira de Figueiredo Fonseca.

Estava eu pois eleito, com a maior votação, afesar de certas cousas como esta q. em carta do João Pessoa se vê claramente:

Cantanhede - 15-5-911

Am.º Belizario.

Deve estar impaciente. Ahi vae o resultado d'aqui.

Jayme	—	63 votos	Coll. Cartas.
Pires de Carv.º	—	50 "	II - ..
Belizário	—	46 "	
Ramada	—	20 "	

. . . . . .

Parabens, pois. Abraça-o, o

(c) João Pessoa J.º

E aqui está como as comissões de Cantanhede mantiveram as suas afirmações: 1º: Ramada, 2º: eu, 3º Jayme...

Oh a coherencia!

Mas não antecipemos...

×

Como era de prever, o resultado da votação da cidade exasperou os amigos do Angelo q. viram o seu ido-

lo assim posto fóra do combate pelas comissões rebeldes á lei dos conselheiros...

O q. é certo é q. venceram os principios e nisso está a minha victoria — q. foi grande.

Indiscutivelmente grande, e disso me orgulho; o q. depois se seguio foi um desastre para a ideia democratica mas eu fiquei limpo de tudo.

Ora no dia 12, os amigos do Angelo começáram a mexer-se, a andar dum lado para o outro, como quem quer qualquer cousa.

Disseram-me até q. elles iam ver se calavam os demagogos (começou então a ser empregada esta palavra) apresentando uma lista com o Angelo, o Leitão, o Leão Azedo e... e eu!

É claro q. se riram e todos fizeram a justiça de calcular q. eu não aceitava a solução.

Mas elles não desistiram e convocáram para o dia seguinte, sabado, 13 de maio, uma reunião de comissões parochiaes.

Os elles eram: Nogueira Lobo, João Simões da Fonseca Barata, Cassiano Martins Ribeiro, Manuel (a) Villaça da Fonseca e outros de menor importancia

A reunião foi uma cousa interessante q. vem relatada mutatis mutandi na Defesa e na Tribuna mas q. terminou pela desautoração dos conselheiros q. a convocáram.

(a) Francisco

Elles queriam conciliar as cousas e apresentávam o alvitre seguinte: a lista seria formada pelo Angelo, Leitão, por mim — q. tinha sido bem aceite pelos dois lados — e por um outro á vontade das comissões. A generosidade não era por ahi alem, de modo q. palavra puxa palavra, desatam em invectivas, em vivas e dentro em pouco ninguem se entendia.

O Nogueira Lobo foi desacatado, os outros fugiram, foi um sarilho...

Eu passava neste momento no Calçada quando ouvi vivório no centro José Falcão; gente corria pelas escadas acima e dizia

— Vae lá castanha de meia-noite!

Mas d'ahi a pouco vi gente na rua e ouvi distintamente:

— Abaixo os conselheiros!

— Viva a Republica!

— Viva Julio da Fonseca!

— Viva Belizário Pimenta!

Então safei-me e escondi-me na loja de retroseiro do João Pessoa; e ajuntamente aproximou-se e deante da drogaria do Rodrigues da Silva a manifestação ia sendo agressiva para com os conselheiros; depois rodou Calçada fóra até não sei onde e eu então sahi á porta, a tomar ar...

Nesta altura apareceu o Julio, radiante com a

derrota dos conselheiros e já começávamos a gosar o triumfo, quando de novo a multidão — então já era multidão — voltou aos vivas, ameaçadoramente.

Nós então escondemos-nos num cubículo estreito, ao fundo da loja; o Julio, gesticulando, tanto quanto consentiam as exiguas proporções do cacifo, dizia-me alegre:

— Já podemos perder as eleições! A nossa vitoria está nisto...

E lá fóra, a turba, rugidôra, clamava:

— Viva Julio da Fonseca!

— Viva Belizário Pimenta!

E nós, encolhidos, no cubículo exiguo, suando com o calôr abafado do esconderijo, gosávamos inefavelmente essa alegria amarga do triumfo...

E o Julio, romantico:

— Ora ouve... Nisto é q. está a nossa vitoria, rapaz!... E agora, o resto, já nada vale... Já vencemos, homem, já vencemos!...

— Já... isso já... Eu já venci uma constipação formidavel: não vês q. estou aqui a suar como um cavallo?...

E lá fora a turba rugidôra clamava com ancia e sinceridade:

— Viva Julio da Fonseca!

— Viva Belizário Pimenta!

×

No dia seguinte uma ordem imperiosa fez com q. de novo o coronel Chagas voltasse para a Figueira levantar um auto ao ainda capitão Ferreira e com elle lá foi eu, q. durante quatro dias escrevi, escrevi, escrevi...

Mas, antes disso, vejamos uns factos isolados anteriores.

Na noite de 12, sempre houve a anunciada conferencia do Jayme Cortezão, no centro Fernandes Costa. Eu, como tinha tido varias altercações com o Augusto Casimiro e como elle, do alto do seu orgulho — porq. tambem o tem — disse q. o Jayme não precisava de apresentação, fugi do grupo delles e conservei-me afastado, discretamente.

Como me mantive assim, continuei a picar-lhe o orgulho. Mas... triste orgulho: a conferencia tão anunciada foi um desastre, um desastre enorme, um fiasco colossal. E ahi está a q. se reduz o orgulho e a tal confiança na sua pessoa q. o mesmo é q. dizer no seu talento! Adeante...

Uma cousa q. não quero passar sem reparo e a atitude da Defesa para comigo.

O Agapito Pedroso Rodrigues é um dos q. agora quasi faz o jornal e já me tem pedido artigos para elle;

pois a sua atitude têm sido extranha, pois q. nem uma vez ao meu nome se referiu e por vezes me jogou piadas certas.

Num artigo de fundo, em 12 de maio, com o título de Os que furam, o Agapito permitia-se chamar sobre si a attenção, dando por tabela ficadas mais ou menos fortes, a mim e aos meus companheiros de oposição. Patéta...

Mas no numero seguinte, então, vinha cousa superior, nos "echos":

Engraçado:

Certos candidatos têem andado numa dobadoira — automovel para o norte, automovel para o sul, numa propaganda do seu nome q. não fica a dever nada aos velhos processos da galopinagem monarquica.

Depois dizem q. com todo o socego q. os outros é q. cacicam.

Ora os maganões!

Ora quem sempre andou de automovel fui eu e mais ninguem. A cousa é transparente.

Bem fiz eu q. no começo de junho devolvi a jornal. Pagar a quem me trata assim...

Mas ainda no dia 13 de maio, o Noticias de Coimbra, tomava a liberdade de nos dar concelhos, a proposito da divisão da eleição das comissões.

Dizia:

Sejam quaes forem, bom será q. se comprometam a defender os interesses do seu circulo.

. . . . . .

Quem se não sentir com forças de assumir a grande responsabilidade em q. incorre aceitando a candidatura por Coimbra, q. recuse essa honra.

Etc. etc.

Até parece q. estamos a ler versiculos da Biblia... E' muito interessante este jornaleco reacionário.

×

De 14 a 17 de maio, curvado sobre o auto, no quartel d'artilharia na Figueira, quasi nem dei por o q. passava pelo mundo.

Em 16 recebi um telegrama do alferes Mascarenhas a quem eu tinha encarregado de me organisar os documentos q. são necessarios para se apresentar a candidatura. Dizia elle: « Mande procuração ou venha. »

E' claro q. tive de pedir ao Chagas e nesse mesmo dia 16 vim a Coimbra onde arranjei a papelada necessária; e no dia 18 lá fui entregar tudo, na Camara, solenemente, e lá cobrei o recibo da lei e q. conservo... para memoria. Coll. Cartas

De volta da Figueira, em 17 á noite, li em casa uma carta do Calixto Mendes, de Miranda q. me dá a entender q. irei ter oposição oculta na propria Coll. Cartas

vila e diz q. talvez o proprio José d'Almeida seja o q. se ofará...

Nada é para admirar em politica.

Lendo o Mundo desse mesmo dia, surpreendeu-me uma correspondencia de Arganil q. ataca a resolução do Angelo em me pôr na lista do ~~[illegible]~~ circulo de Arganil, chamando-me candidato imposto pelo dr. Angelo e acrescenta q. eu sou certamente um bom rapaz mas não tenho eleitores nem meritos reconhecidos para representar Arganil...

Aqui está o q. fez a manigancia conselheiral... Andei sujeito áquelas piadas sem eu ter culpa de qualquer qualidade.

No dia seguinte, o Calixto volta á carga; e como a eleição se aproxima pede-me para q. eu o transfira para Condeixa, já q. os de Miranda o não querem lá. Em vespera de eleições é assim...

Coll. Cartas. ...

Eu porem é q. não sou assim e puz a carta de lado. Foi para o archivo.

Manda a verdade q. se diga q. já andava aborrecido com estas cousas. Não via lealdade, não via franqueza, não via senão o interesse.

Eleições!... Que foram elas sempre senão o mais furioso embate de interesses e paixões pessoaes, o mais ignobil dos motivos para desabafar odios e causar mal aos outros?

Nesta altura tive vontade de desistir; o Bandeira e o Chagas é q. me não deixáram...

Estão perdoados...

Em 19 escrevi ao João Pessoa:

Meu prezado amigo:

Na Figueira, onde fui num serviço de sindicancia a conspiratas, por signal q. autenticas, recebi a sua cartinha q. muito lhe agradeço.

Desculpará só hoje responder porq. só hontem voltei mas devo confessar q. a anciedade q. julgou em mim, não é bem de saber se fui um dos 4 mais votados, mas sim... — o q. é o mundo! — de saber q. perdi a eleição...

Eu, decididamente, não tenho geito para politico... Eu agradeço ao meu amigo a boa vontade a meu respeito sem a qual, indubitavelmente, eu não teria os votos q. tive no seu concelho; mas sinto-me sem forças para combater contra gente q. emprega armas com as quaes eu não sou capaz de entrar na liça

Não sei se me desinteresse se não... Isto de politica... E depois, não sei q. interpretação levou seu cunhado a zangar-se comigo, de modo q. eu vejo as amizades á prova por causa da maldita politica.

Enfim, estou quasi a desanimar.

Tenha paciencia com estes desabafos q. são talvez impertinentes mas q. são sinceros.

Os meus respeitos, etc, etc.

E no dia seguinte, 20, ao José Cardoso:

Meu caro José Cardoso:

Deve estar bem zangado comigo, por causa do folhetim...

Mas calcula como agora ando preocupado, não é verdade?

O Angelo e companhia refudiam o meu nome tão estimado e considerado até ha pouco e vão guerreial-o; o diretorio não me reconhece como republicano; e eu... sabe bem o José Cardoso q. sou incapaz de usar de processos de politico... monarquico.

E ainda bem! Talvez perca a eleição e isso é para mim um alivio

Eu, politico!... O q. me passou pela cabeça! Vençam os Angelos, os Leitões e eu volto para os meus livros. Desistir não desisto; mas peço em orações ao S.·. A.·. do U.·. q. me faça perder a eleição...

Que diz a isto, José Cardoso?

Vá lá um abraço, etc, etc.

E no mesmo dia, ouvre ao Calixto:

Meu caro Calixto:

Pouco tempo tenho tido para responder ás suas cartas. Hontem quiz falar ao Pires de Carvalho mas elle andava tão embaraçado na Penitenciaria por causa dos presos politicos q. lá estão (cerca de 3 duzias) q. não consegui q. elle tivesse um momento livre e socegado.

Hoje estou de inspeção, mas amanhã vou tentar falar lhe novamente no seu caso.

Quanto a eleições vejo a cousa fusca. O meu nome (visto q. foi votado pelas comissões) vae ser guerreado e creio q. á valentona. Eu, como sabe, não tenho geito para estas cousas e se não fosse o mais votado, tinha já desistido. Mas vamos lá...

O meu amigo fica prevenido, pois, como deseja. A luta vae ser grande e é natural q. elles se agarrem aos indiferentes de Miranda. Será assim?

Oxalá q. perca a eleição e um abraço, etc, etc.

Ora eu andava assim, meio zangado, meio inclinado a desistir quando surge na frente, o Diretorio do partido!

×

O Diretorio do partido republicano não sancionou a minha candidatura...

Eu não era republicano para aquele corpo superior do partido. Embatuquei.

Cheguei a embezerrar...

Não me sancionáram o nome q. foi o mais votado; passáram por de cima do Jayme e do Julio, sancionando o Pires de Carvalho, o Angelo da Fonseca e Antonio Leitão!...

Que é dos principios? Onde estão as afirmações do tempo da monarchia?

As ilusões...

No dia 19 de maio, dia seguinte ao q. se soube do caso, reunimos-nos na Penitenciaria: Julio, Jayme, Pires e eu. Assistiu o Soares Neves.

A discussão foi acalorada; eu não gostei de ver o ar delles todos; até o Julio me pareceu esquivo. No entanto resolveu-se:

a) combinar com as comissões para fazerem um convite ao povo de Coimbra para um comicio em 21 e a todos os candidatos para dizerem de sua justiça;

b) comparecermos todos quatro ao comicio para a hypotese de os outros lá irem;

c) fazermos uma ativa propaganda nos concelhos de combinação uns com os outros, com toda a lealdade;

d) como tinha de haver desdobramento na lista, enviar-se depois para toda a parte, egual numero de listas sem um dos nomes.

Etc, etc.

Combinou-se tudo com liberdade, egualdade, fraternidade e mais cousas congeneres — mas eu, á cautela, senti os primeiros rebates...

Os homens parece q. olhávam para mim desconfiados, a ponto de eu uma vez ter de me escamar com elles a sério, tendo o Soares Neves de intervir. Mas enfim, lá nos aguentámos e de lá sahimos decididos á luta...

A' luta!... Que ironia!

O q. é certo é q. sahimos de lá resolvidos á luta de uns contra os outros...

Esta resolução é q. foi a mais firme.

Liberdade, egualdade, fraternidade!...

Que ironia...

×

Mas o silencio do Diretório a meu respeito fez

-me dar parte e fez-me escrever duas cartas: uma ao Eusebio Leão; outra ao Antonio José d'Almeida. Do primeiro foi o seguinte:

19-V-911

Ex.mo Snr.

Dirijo-me a V. como secretario do Diotario.

Uns amigos lembraram-me a propor-me candidato ás Constituintes pelo circulo de Coimbra; a cidade acei-tou o meu nome e pelos votos das comissões parochiaes fui o mais votado; em todo o circulo algarve tambem o meu nome com mais votos q. qualquer outro.

Pois bem: o Diotario não parecia-me a minha candi-datura, porque os jornaes d'hontem diziam e os d'hoje não desmentem.

Porq. seria? estão me reconhecem como republica-no antigo, ou veem na minha vida motivos q. me de-vem afastar da Assembleia constituinte?

E lastimavel alguem, ex.mo Eusebio Leão q. as ra-zões q. levaram o Diotario a rejeitar o meu nome não levassem tambem o mesmo Diotario a afastar-me, durante a monarquia, dos trabalhos revolucionã-rios por causa dos quaes duas vezes fui transferido e sofri diasabores; é lastimavel q. se calcue assim a votação q. tive na minha terra, a qual, com verdade o digo, eu não pedi um voto; mas acima de tudo, o q. me magôa, é o não reconhecimento como republicano, contra o qual eu protesto sinceramente perante V. como homem de bem e caracter q. dizem ser.

Estou protesto publicamente porq. creio sufficiente-mente a Republica para não trazer para fóra o q. me deve trazer em familia — mas creio V. q. lastimo sinceramente estes factos q. quero crer, não naturalmente

equivocos e não propositos. E sem mais, disponha V. etc, etc.

B. Pimenta.

Agora, a do Antonio José:

Coimb.ª = 21-V-911

Ex.mo Sr. Dr. Antonio José d'Almeida:

Consinta V. q. lhe escreva, com a franqueza a q. a sua estima dá direito.

Amigos leváram-me á aventura extranha, na vida obscura e socegada q. levo, de me propôr candidato as Constituintes pelo circulo de Coimbra.

O concelho de Coimbra, pelas suas comissões, aceitou-me de tão bom grado q. fui eu o mais votado; e o circulo todo, imerecidamente, votou tambem em mim mais q. em qualquer outro.

Enganou-se o circulo de Coimbra?

De certo! De mais sei eu q. não é para mim tão alto papel e conheço bem a quanto chega o meu pouco prestimo; mas é certo tambem q. os republicanos de Coimbra sabiam seguramente q. eu, nos tempos da monarquia, era para elles a creatura de confiança no 23 d'infanteria; q. eu trabalhava com sinceridade e desinteresse; q. eu sofri duas transferencias de terra por me não ocultar convenientemente e comodamente na propaganda sem valor q. fazia; e sabia tambem q. eu, já em tempos da Republica comprometi a minha saude no trabalho violento do Comissariado de policia, acedendo aos desejos do mesmo povo republicano q. me estimava.

Desculpe V. estas palavras mas ellas não representam um memorial: são apenas para encarreirar o assunto.

E assim, chego ao ponto de dizer q. embora fosse o

mais votado no circulo (sem ter pedido um voto), embora ainda esteja a sofrer, na saude, os estragos de modesta dedicação, o Diretorio do partido, sr. Ministro do Interior: não aprovou a minha candidatura!

Não imagina V. a magua q. isto me faz!

Magua de não ir ás Constituintes? Mágua de não não ver o nome nos jornaes? Mágua de...

Não, simplesmente a magua de mais uma injustiça — e por pensar q. as razões q. o Diretorio teve para me afastar agora, não o tivessem levado, durante a monarquia, a afastar-me dos trabalhos revolucionarios onde fui um valor nulo, mas pelos quaes me comprometi e pelos quaes...

Mas isto não é um memorial...

Isto é talvez um desabafo para quem, noutros tempos me acolheu sempre com amizade e para quem tem um nome q. eu gostaria de ver livre e limpo dum certo numero de cousas q. por cá vejo.

Dê-me V. as suas ordens porq. pode crer q. muito o estima e admira, o

[illegible]
Ten.te d'Infr.as

A resposta a estas cartas foi uma nota oficiosa nos jornaes q. dizia o seguinte:

«Na sanção dos candidatos a deputados, o Diretorio e Junta consultiva, obedeceram, como sempre, unica e exclusivamente, ás conveniencias politicas do Partido.»

Isto em 23 de maio; e no dia 25 recebi uma carta do Eusebio Leão, atenciosa, amavel, compri-

da, extensa, resumindo tudo nas mesmas razões da nota do Diretório: "as conveniencias partidarias..."

Coll. Cartas.

As conveniencias partidarias... Como se neste momento houvesse outras conveniencias q. não sejam as do país!...

×

No dia 21, domingo; realmente, lá se realisou o comicio, anunciado por um pagelinho q. pelas ruas se distribuio.

Mas... como o sol inundava o Patéo da Inquisição e o calor era grande, o comicio cá a desandar num fiasco porq. ninguem queria estar ao sol e os proprios oradores não tinham coragem para o suportar com resignação... Por fim, lembráram-se do salão do Centro Fernandes Costa e nós lá fomos, para esse enorme celeiro onde a retórica iria limpar um pouco as téias d'aranha do teto enegrecido.

Enfim: candidatos agareceram: o Jayme, o Julio e eu... O Pires de Carvalho, foi para Miranda do Corvo... O Leitão e o Roseta foram para Cantanhede galopinar.

Presidiu o velho republicano Manuel Antonio da Costa; a sala encheu-se; o entusiasmo... é q. já não é o dos tempos de oposição em q. a vibração do

auditório era uma causa interessante de surpresa e de delírio.

Não vale a pena descrever o comício; os discursos foram uma série de loucuras no Angelo, no Diretório, no Antonio José, etc, etc. E eu G. quis dar a nota da independencia, quando me chegou a vez, e quando modestamente agradecia a ovação G. me fizeram, quis começar por uma ironia:

— Meus senhores... Eu não sei se devo estar aqui, neste comício republicano... Não sei se a minha presença dará tranquilidade ao bom povo republicano de Coimbra... Como talvez saibam, o Diretório do partido não me reconheceu como republicano e uma causa há G. devemos acatar — é a disciplina partidária. O Diretório se assim o entender e' partg. o entender bem e eu talvez aqui não possa estar...

— Não apoiado! não apoiado!

O major Bandeira disse com toda a força:

— Não apoiado! O Diretório pode mande!

E como houvesse pressuro inquietador, eu ri-me de sorrir e dizer calmamente:

— Perdão, meus senhores: eu estou mudando a ironia...

Explicado assim o incidente continuei dizendo G. na verdade se o Diretório me não reconhecia es-

mo republicano, o povo presente bem sabia quem eu era e se nos tempos da monarquia contava ou não comigo...

— Apoiado! apoiado!

E eu entrei então, propriamente no assunto:

— De resto, meus senhores, poucas palavras tenho para dizer: o q. tenho para dizer resume-se em pouco. Não faço discurso nem apresento programa pela simples rasão de q. não sou orador nem tenho meritos para definir, desde já, um programa, q. o mesmo é q. tomar compromissos. Nada prometo para a nada faltar; não me comprometo na minima cousa para em nada trair a vossa confiança.

« Só lhes posso afirmar q., se porventura eu fôr á futura Constituinte — o q. vejo pouco provavel — trabalharei acima de tudo pelos interesses da Republica; trabalharei com dedicação pelos interesses do meu circulo e especialmente pela minha terra q. me deu uma prova de amisade e confiança q. eu não merecia. Votarei sempre com a minha consciencia em todas as cousas em q. tenha de votar; e se um dia vir q. esse voto segundo a minha consciencia, póde vir ferir os interesses da minha terra, eu, q. sou incapaz de votar doutra maneira, assim como de contribuir para os prejuizos de Coimbra, — eu, dizia, largarei o meu logar e vi-

rei dizer ao povo republicano de Coimbra q. assim como não faltei á minha consciencia tambem não quiz trair a confiança q. em mim depositára-ram e voltarei á minha obscuridade, onde, na verdade, deveria minha pequena personalidade permanecer.

— Não apoiado! não apoiado!...

— Coimbra, em mim, não terá um reformador tão brilhante, capaz de fazer discursos q. encham, ou capaz de procurar arranjar-se, voltando com empregos chorudos, creando clientela, tentando fraudulentamente crear importancia á custa dos velhos processos. Não, em mim, Coimbra, não terá um reformador assim; mas terá, posso afir-mal-o, um reformador modesto, sem duvida, obscuro mesmo, mas acima de tudo, honesto.

«Meus senhores: faltam 8 dias... Ha tempo para reconsiderar. Se eu lhes não servir assim não voltem mais q. ficamos amigos como d'antes.

E terminei...

Uma forte salva de palmas (estilo reporter...) coroou a minha oratoria...

Fui abraçado, até, até.

Mas q. aborrecimento! E eu morto por chegar o dia da eleição, para... a perder!

×

No dia seguinte encontrei o Elias Rosado Gordi-
tho, administrador em Mira.

Contou cousas esfantosas, ameaças do Angelo por
elle, Gorditho, não querer patrocinar-lhe a lista; cen-
suras do Eduardo Vieira pelo mesmo motivo, etc,
etc, terminando por dizer q. eu devia ir a Mira, á
propaganda, porque o meu nome era bem aceite
lá, teria a vantagem de ser conhecido, etc, etc.

Ficou resolvido com o Gorditho ir lá, a um comi-
cio, a uma conferencia, enfim, falar aquela gente,
ainda antes da eleição; mas á noite...

Ai dos q. crêem!...

A' noite, em casa do Braz Simões, os quatro de-
putados do Povo (q. ironia!) reunidos em fraternal
convivio, discutiram a propaganda necessaria du-
rante a semana q. faltava; e dividiu-se a causa
de modo q. eu ia para Lousã e Miranda e o Pires de
Carvalho e Jayme para Cantanhede e Mira.

Eu olhei-os desconfiado. Observei-lhes q. não pre-
cisava de ir á Lousã nem a Miranda; eu queria ir
a Mira e a Cantanhede. O Pires respondia:

— Quem vae a Cantanhede e Mira sou eu e o
Jayme; em Cantanhede ha disciplina ao Diretorio e
eu, como sabe fui sancionado...

— Mais uma razão: os outros é q. necessitam fa-
zer propaganda...

Elles não queriam concordar; eu quiz explicar-lhes q. não ia fazer nada a Miranda e á Louzã; palavra puxa palavra, e eu, como vi naquilo tudo egoismo e malandrice, terminei por diser:

— Pois muito bem: á Louzã e Miranda não vou... Quero-lhes confessar q. me não sinto disgosto á disciplina garbidaria... Eu sou um rebelde, meus senhores, e por isso, passem muito bem...

E ia a retirar-me. Não sei quem lá me segurou e assisti ao final da cena q. foi o resolver-se pedra e cal q. ninguem iria a Mira ou a Cantanhede.

Isto foi em 22, 2ª feira, ás 10 h. da noite.

No dia 25, 5ª feira, ás 8½ da manhã, ia para o quartel, quando vi passar num automovel... quem?

O Jayme Cortezão, o Braz Simões e o Julio da Fonseca q. eles agarráram á ultima hora!...

O carro parou; o Jayme, deslavado, diz:

— Vamos para Mira!

— Então boa-viagem...

— Eu lá faço o seu elogio historico...

E seguiram. O Braz Simões ainda disse:

— Quér vir?...

E eu então refarei q. o automovel era uma voiturete e ia com os logares cheios...

×

Ora aqui devo eu entrar em cena com os outros...

Ah! os outros!... Os outros tiveram reuniões, conciliabulos, com o Nogueira Lobo á frente e resolveram apresentar a lista com os nomes:

Angelo da Fonseca,
Antonio Leitão e
Luis Rosete.

Este ultimo nome tem uma historia interessante q. eu contaria, se tivesse vagar, mas não tenho. Foi o nome q. melhor lhes serviria em Coimbra e em Cantanhede para os fins q. tinham em vista — mas com o q. eles não contavam é q. fosse ele um dos eleitos.

Ironias da sorte.

O q. é facto é q. eles serviram-se dos antigos processos de corrupção e q. não vale a pena mencionar; foi uma vergonha. O Malva do Valle veio para Coimbra para trabalhar pela lista e lá andou em todo o circulo, realmente, promettendo, pedindo, oferecendo.

Em Miranda prometeu ao José Camilo, simples amanuense de fazenda, uma promoção a escrivão de fazenda; a um taberneiro da Geria (estrada da Figueira) prometeu nomeal-o nem mais nem menos q. ... governador de Moçambique! Não houve cacique de quem eles se não servissem: em Miranda afagáram os mais retintos talassas; em Cantanhede a mesma cousa... Uma vergonha.

Cidadão

O primeiro acto eleitoral da Republica, a realisar no proximo domingo, deve ser uma manifestação inilludivel da vitalidade do Povo português.

Delle vão saír os deputados á Assembleia Nacional, destinada a dar, por uma constituição, forma legal ao acto revolucionario de 5 de Outubro, e a estabelecer, por meio de novas leis, o mecanismo administrativo, economico, financeiro e juridico, das novas instituições.

Mais que em qualquer outro momento politico, impõe-se agora a todos os cidadãos a necessidade moral de cumprirem o seu dever civico, votando, escolhendo para fazerem parte d'aquella Assembleia os que fôrem competentes pelo seu saber, pelo seu caracter e pelo seu patriotismo.

Os abaixo assignados, em nome de um grupo de republicanos de Coimbra, tendo em consideração os interesses geraes do Pais, e não esquecendo tambem os desta terra, que devem encontrar nos altos poderes do Estado quem dedicadamente os defenda, teem a honra de vos apresentar a lista inclusa, constituida pelos cidadãos: Angelo Rodrigues da Fonseca, director geral de instrucção secundaria e superior; Antonio Candido d'Almeida Leitão, professor e advogado; Luiz Maria Rosette, medico.

Os abaixo assinados, assim como o grupo de republicanos que representam, julgam que esta lista satisfaz ás conveniencias do actual momento politico. Sujeitam-na, por isso, á vossa consideração, confiados em que cumprem tambem o seu dever concorrendo quanto lhes é possivel para que a representação parlamentar seja a expressão consciente e livre da vontade collectiva.

Saude e Fraternidade

Coimbra, 25 de Maio de 1911.

∴ *Cassiano A. Martins Ribeiro* ∴
Jayme Lopes Lobo
Manoel Augusto da Silva
∴ *Francisco Villaça da Fonseca* ∴
∴ *João Simões da Fonseca Barata* ∴
∴ *Candido Augusto Nazareth* ∴
João Corrêa Ayres de Campos
Domingos Miranda
Alberto dos Santos Nogueira Lobo
Virgilio Paiva Santos
Ricardo Pereira da Silva
∴ *José Corrêa Amado* ∴
Augusto Luiz Martha (filho).

Uma vergonha e uma tristeza. Triste amostra deram os homens da Republica nascente, cá por estes sitios.

A respeito do Angelo, então... Serviram-se de tudo, tambem e fizeram crer ahi na cidade q. se elle não vencesse a eleição, Coimbra é q. o pagaria... Fizeram distribuir um papel avulso transcrevendo um artigo do Magalhães Lima, algo encomiastico; e mandaram imprimir uma circular...

Ai, a circular! Essa é tão notavel q. fica afensa a esta veridica historia, como documento imorredoiro. Essa até foi distribuida aos domicilios, com uma lista, amavelmente, atenciosamente...

Merece até um pequeno comentario:

Nos signatarios dela, ha cinco Ir.·. da minha Loj.·. q. assim faltáram á solidariedade maçonica para com o seu Ven.·., agravada ainda essa falta com o facto de o Angelo da Fonseca ter sido irradiado do quadro por... falta de pagamento. Era ele o C.·. e D.·. Ir.·. Tolstoï e como não pagava ha muito, foi irradiado ha cerca de dois meses. Por este motivo o alferes Mascarenhas, na sessão da Loj.·. em 26, pediu a palavra e propôz um voto de pesar pelo facto de 5 obr.·. da Loj.·. terem assinado uma circular propondo defutado um Ir.·. q. fôra irradiado como caloteiro...

Causou um certo escandalo, mas foi aprovado por todos menos um q. foi o Adriano Lucas.

Curioso é tambem lembrar q. um dos signatarios é o Candido Nazareth com quem eu falei, como aqui ficou narrado.

Cousas...

Seguindo, lembrarei q. em Cantanhede distribuiram um papelucho amarelo, exaltando os tres deputados "angelicos" mas exaltando principalmente o Rosette.

Enfim, isto foi uma barathada de tal ordem q. de certo eu não sou capáz de reproduzir — nem talvez valha a pena.

Só convem q. fique para a historia que: se serviram dos processos usados pela monarquia, nas eleições reunidas; — q. como o meu nome e o do Julio lhes metem medo (e com razão, sem vaidade) se agarráram aos antigos caciques "talassas" autenticos; — q. o governador civil se metem abertamente protejendo o ato eleitoral, contra a natural moralidade e as recomendações do governo; q. não recuáram perante qualquer meio para conseguir ... muitos votos.

E adeante, q. ainda ha mais q. contar.

×

No dia 26, 6ª feira, tirando-me de cuidados fui no comboio da madrugada á Louzã, escrevendo previamente ao Calixto para ir á estação e ao José Cardoso para ir tambem á estação; queria saber a ultima palavra sobre eleições...

E alguma cousa fiz. Em Miranda, o Calixto entrou no comboio e foi comigo até á Louzã e voltou outra vez; por ele soube q. o Malva já andára a manobrar no concelho, q. fizera promessas, que oferecera cousas, mas q. tinha a certeza q. os antigos monarquicos (os caciques...) se abstinham.

— Mas isso é certo?

— Pois não é? Ja lhe disse e pode ter a certeza. Livre-se o meu amigo mas é dos correligionarios...

Com a conversa, fiquei aturdido. Até em Miranda! até em Miranda eu ia ser derrotado!

E na Louzã?... Ai! na Louzã...

Na Louzã, o José Cardoso não estava porq. fôra a Arganil, na propaganda; mas falei ao Padilha, creio q. Presidente da comissão municipal politica e com esse me elucidei...

Ai, q. elucidação!... Ora ouçam:

— V. Exª, como sabe, não é votado cá...

— Eu?... não sou votado?...

— Então... é boa!... ora esta... Então isso não é combinado?

— Combinado o q. sr. Padilha?

— E' boa... Pois o Pires de Carvalho é q. o mandou dizer...

— Mas dizer o quê?

— Ora está... Mandou dizer q. V. Exª tinha a votação certa nos outros concelhos e q. não era preciso votal-o aqui...

— Foi o Pires de Carvalho?

— Foi, foi ele...

Nisto deu o Sinal e o comboio partiu, e eu vim a pensar na ~~...~~ fragilidade das cousas humanas...

Muito fragil é o homem!

Ao chegar a Coimbra encontrei o Alvaro Machado de quem já falei aqui, e q. seguia no comboio para Murtede. Diçam:

— Então vae até á sua aldeia?

— E' verdade, vou lá ver aquilo... Ouça cá: o sr. mandou dizer alguma cousa para lá?

— Eu não...

— E' q. me disseram de lá q. o sr. não era votado no concelho...

— E' boa!...

— Eu vou lá ver isso. Disseram-me q. tinham mandado ordem para o não votar porq. tinha a votação certa nos outros concelhos...

— Interessante...

— Deve ser causa do Jayme, não lhe parece?... Eu vou a Murtede ver o q. ha...

E o comboio partiu. Como tudo é fragil neste mundo!...

×

No dia seguinte, o Diario de Noticias noticiava a minha passagem por Miranda do Corvo «para tratar da sua candidatura.»

A ironia dos correspondentes...

E o correio trouxe-me, enviado não sei por quem, um belo papel impresso com o retrato do Pires de Carvalho, com prosa, á volta, interessantemente estupida... Era um reclamo, como outro qualquer, com a diferença de ser estupido.

Ironia de aduladores...

×

Nisto chegou a vespera do grande dia.

Eu já então andava morto por perder a eleição, cançado de tanta porcaria, e um pouco abatido fisicamente.

Mas na vespera chegou o aperto das listas. Mandou-se fazer listas, creio q. 12.000, ao Porto; e como houve desdobramento, é claro q. cada 3:000 listas não

tinha um dos nomes — a maior, a mais tremenda asneira do caso!

No quartel, claramente, todos iam votar em mim e uma grande parte dos militares levou uma lista só com o meu nome. Mandei até fazer 500 listas em branco para eles preencherem á vontade.

E aqui vae uma nota interessante: os outros, os da circular, mandáram a cada soldado e a cada sargento e a cada oficial, um subscripto, uma circular e uma lista. Nalgumas companhias inutilisaram-nas todas...

A liberdade do voto!...

Mas, cerca da 1 hora, recebo um telegrama do Batalhão, de Miranda do Corvo, dizendo: «Mande hoje 500 listas comboio.» E' claro q. as fui procurar a casa do Braz Simões, e achei graça q. ao querer juntar listas com todos os nomes para mandar, reparei q. todas elas tinham o meu. Isto é: as 3:000 listas q. não tinham o meu nome sairam lógo... Milhares delas ali estavam, com o meu nome bem claro, como desnecessário...

Lá empacotei 500 listas e lá fui ao comboio debaixo duma grande carga de chuva e lá as dei a pessoa conhecida. Mal empregáda mótha...

A' noite, seriam 10 h. e meia, estava eu no quartel, de prevenção, com um grupo de oficiaes — na

esfeitativa até, duma incursão de monarquistas pela fronteira do Minho — recebi novo telegrama de Miranda do Corvo: «Mais listas. Bastos.»

Sahi, fui juntar mais 200 listas, e de madrugada lá fui ao comboio entregal-as ao carteiro q. por sinal as entregou ao farmacentico José Cunha, inimigo do farmacentico Antonio Bastos.

Acasos...

E aqui cabe lembrar o numero de listas que eu distribui, a pedido dos proprios:

Ao José de Campos, Souzelas	50
Ao Felix Horta, freg.ª de S.ta Ant.ª dos Olivaes	80
Ao Batalhão, Miranda	500
A' policia civil	110
Ao ten.te Baptista, do 23.	50
Ao D.R.M. n.º 23	10
No Quartel	350
Aos empregados telegrafo-postaes	50
Ao Bastos, Miranda (em 28, manhã)	200

Tudo isto forma um total de 1:400 listas q. eu distribui, porq. me foram pedidas.

Mas o interessante foi a azafama... Vinha um e queria uma lista; vinha outro ao telefone e dizia:

— Mande já 20 listas!

Outros, zangados, chegávam e ex-abrupto:

— Então não ha listas, homem?!

E eu, como agente ou gerente de grande casa comercial, ouvia, refletia e... providenciava...

E perdi a eleição!

×

A' noite, no sabado, os socialistas que apresentáram candidato — por signal q. muito mal escolhido — lançáram o seu manifesto, correto, discreto e honesto.

E o jornal "O Sargento", no num.º q. sahiu nessa mesma noite, incitava os camaradas a votar por mim, como cidadão capaz de juguar pelos interesses da classe...

E eu passei a noite de sabado para domingo no quartel, numa cama de campanha, vestido, na espectativa pouco amavel da incursão monarquista pelas fronteiras do norte.

E dormi tranquilamente...

×

No grande dia, 28 de maio, lógo de manhã, quando do quartel sonolentamente recolhia a casa, depois dessa noite ao léo, ao passar na esquadra de policia, o cabo n.º 12, melifluo, abordou-me:

— Meu tenente... eu posso desde já dar os parabens a sua excelencia...

E depois, com um tom mais intimo:

— A policia vota toda com sua excelencia. Não ha nenhum q. risque o nome do meu tenente.

— Obrigado... Vejo ao menos q. não ficáram mal comigo...

— Não faremos nada de mais.

— Obrigado, cabo 12, até logo...

E a chuva miudinha caía, insistente, dando ás ruas o lamaçal chafinhento dos dias de invernia teimosa.

Fui a casa; sahi ás 8 horas, fiz a barba, fui para o quartel porq. o regimento estava de prevenção, almocei e... fui votar.

Não andei a mostrar-me: fui á assembleia da Sé Nova, esferei a minha vez, votei, desci pela Sé Velha, onde ia havendo conflito e... voltei para o quartel. A' tarde ~~[illegible]~~ sai, e...

Tinha perdido a eleição.

×

Vamos por partes. Eu desejava perder a eleição, é certo, mas tinha grande magua se na cidade a perdesse; queria q. o circulo m'a não desse, mas Coimbra... E depois, dizia toda a gente q. eu levá-va a cidade em fezo, q. o Angelo ia ter uma derrota enorme... Etc, etc.

Veja-se a votação, notando q. as freguezias ruraes q. vieram votar ás assembleias da cidade, deram um contingente insignificante:

Nomes:	S. Bartolomeu	Sta Cruz	Sé Velha	Sé Nova	Total
Antonio Leitão	303	414	205	205	1127.
Luis Rosetta	325	452	134	191	1102
Belizário Pimenta	282	387	109	134	912
Angelo da Fonseca	263	295	129	182	869
Julio da Fonseca	300	300	101	125	826
Pires de Carvalho	109	237	101	100	538
Jayme Cortezão	126	183	41	49	399
Ernesto Donato	14	32	16	20	82

Tive a terceira votação, eu q. levaria a cidade em peso... O Angelo q. levaria uma apontosa derrota ficou em quarto logar... E o Julio da Fonseca, heroe da vespera, ficou de fóra!...

Como se compreende isto?

A este respeito, ainda ha pouco, o Alvaro Costa, sobrinho do Afonso Costa, me dizia:

— Fóra Julhas!

Eu não vou tão longe; porque enfim... na cidade, apesar do trabalho deles, tive a maioria e isso me consola.

Agora, vamos ás freguezias ruraes, do concelho de Coimbra e veja-se o quadro elucidativo:

Nomes:	S. Martinho do Bispo	Taveiro	Castello Viegas	Cernache	S. João do Campo	Sourelas	Total (1)
Ant.º Leitão	241	81	272	398	299	21	2358
Luis Rosette	193	80	272	255	284	21	2.207
Angelo da Fonseca	190	81	273	385	286	19	2103
Julio da Fonseca	163	123	1	204	94	99	1347
Belizário Pimentel	160	34	—	66	5	93	1207
Pires de Carvalh.º	43	116	2	4	102	81	895
Jayme Cortezão	69	87	1	54	109	20	596

(1) Este total refere-se ao concelho todo.

No concelho fiquei já em quinto logar... Mas o quadro elucida:

Em Castello-Viegas foi uma autentica chafelada para eles, com 273 listas, devidas de certo ao Augusto Gonçalves e Silva, meu ilustre amigo e autentico patife. Mas, regarem: houve uma lista com Julio, Pires de Carv.º e Jayme, e outra com Angelo e Pires de Carvalho; se não foi assim, foi pouco mais ou menos e quem as deitou foi o Manuel José Telles q. presidia á mesa e o vice-presidente q. eu não conheço. O Telles q., quando eu estava comissario, tanto me afoquentou com pedidos, não teve uma lista

com o meu nome para deitar... Mas respeitemos a liberdade do voto.

Em Souselas tive 93 votos; julguei eu q. eram devidos ao Alberto Dias Pereira em casa de quem comi um jantar, como aqui ficou dito; afinal, este menino nem se mexeu... Cousas. Os 93 votos foram devidos a outros.

Mas refarem em S. João do Canigo! Tive nessa assembleia... 5 votos! A vingança do Jayme Cortezão, ainda a trabalhar, infamemente. Cinco votos! Numa terra onde o Jayme me fôz a presidir a um comicio, com solene elogio e cofiosas adulações! O q. são os homens...

Enfim... fez-se o q. eu queria: tinha a eleição perdida. E agora vamos ver o resto do circulo, porq. ainda ha mais surprezas.

Ahi é q. eles mais se vingaram. Vejam a Louzã e Cantanhede. Vejam especialmente neste ultimo concelho onde a disciplina partidária era um facto, segundo o Pessôa me dizia; vejam como ele proprio trabalhou pelo cunhado q. o diretorio não reconheceu, e por consequencia estava fóra das normas seguidas... Vejam bem.

E' um excelente quadro elucidativo, e duma flagrante moralidade...

E' vér:

Nomes:	Miranda do Corvo.	Lousã	Cantanhede.	Mira	Total geral:
Antonio Leitão	534	8	1.580	636	5180 (?)
Angelo da Fonseca	372	9	1317	677	4478
Luis Rosetta	510	4	803	687	4211
Pires de Carvalho	395	512	989	196	2887
Julio da Fonseca	189	501	4	216	2419
Jayme Cortezão	117	483	745	305	2246
Belizário Pimenta	431	20	49	239	2009

Aqui está o final de tudo...

Na Lousã e em Cantanhede, como tinha a votação certa nos outros concelhos... não fui votado. Aqueles poucos votos q. tive foram isolados, creio q. até nenhum foi na assembleia de Cantanhede onde o meu ilustre amigo Pessoa devia ter votado... E na Lousã...

Ora pois...

Em Miranda mesmo, para o q. se dizia, a cousa foi fraca, bem fraca. Entráram 592 listas na urna e eu tive só 431 votos, menos 161 do q. todos diziam... Vá a gente lá fiar-se...

Dias depois, o José Cunha, falando comigo no quartel diz-me descaradamente q. não sabia q. eu me profunha defutado, só na vespera o Calixto th'o

dissera, pois se o soubesse ... sim, se o soubesse ...

— Ia tudo raso, não é verdade?

— Raso não ia, mas o meu amigo havia de vencer. Seria.

Eu quiz então disputal-o e conversei largamente:

— Está você enganado, eu perdia na mesma...

— Já lhe disse q. não.

— Ora havia de ver...

— Bastava o meu amigo dizer uma palavra...

— Palavra magica, ein?

— Magica não, mas era a suficiente.

— Então qual era?

Ele fez-se rogado mas por fim lá foi:

— Era o meu amigo fazer soltar o Guimarães da Boiça e tinha 2:000 votos em Miranda...

Este Guimarães da Boiça, era o ex-conselheiro Adolfo Guimarães, talassa ao quinto grão, cacique d'alto lá com ele e nessa ocasião preso como conspirador. A moral daquela gente é esta.

Ah Cambrone, Cambrone! Eras muito delicado, meu valente! Para gente desta, a tua frase é uma fina amabilidade!...

×

O q. é facto é q. eu perdi a eleição e foi bem feito.

Ninguem me mandou meter onde não era chamado.

Mas agora uma ligeira observação: se na Lousã me não roubam cerca de 500 votos e em Cantanhede já quero só uns 700, quem ganhava a minoria era eu, seguramente. E se não ha o desdobramento, calculo q. iria até pela maioria.

Mas adeante, meus leitores.

×

No dia seguinte de manhã recebi telegramas atrasados, de Miranda, expedidos quasi á meia-noite. Eram telegramas de... felicitações...

Um até dizia sómente: «Um afectuoso abraço. Bastos.»

Mal empregado dinheiro...

Recebi depois um telegrama de Mira, dum sr. Levy Louro, q. gressuroso enviava o resultado da votação ao sr. deputado...

Elles todos a contar...

A' noite recebi uma carta do Calixto q. começa sentenciosamente: «Não conheço ainda o resultado final da sua eleição no circulo; mas pela boa-fé como tratou desse assunto, é facil de sugôr q. tenha sido traido...» Coll. Cartas.

Que novidade, amigo Calixto!

E depois dá-me a entender q. houve uma traição a q. eu julgo ter sido do dr. Costa e Silva.

Seria? O tempo o dirá.

No dia 30 recebi uma carta do Armando Lima, felicitando-me — carta carinhosa e amiga, de uma boa alma e um excelente coração. Respondi-lhe até com uma carta felicidade... literaria, d'ahi a uns dias.

Coll. Cartas. II -

Cartas - II -

No domingo seguinte, o José de Ribeira, bom velhote dos Bujos (Miranda) e creio q. ainda meu parente, veio a Coimbra abraçar-me por ter ficado deputado e... trazer-me 5 litros d'azeite.

Bom velho!... Bons cinco litros de azeite, valeram bem os dois mil e tantos reis!...

E o mais curioso é q. meu Tio Alvaro, em 11 de junho, escreve-me uma carta, acompanhando me no desgosto q. deveria ter sofrido...

Coll Cartas. II -

Eram os ciumes.

Era só o q. faltava...

×

Mas o peior de tudo é q. no dia 30 de maio, foi uma carta de minha irmã para meu pae, vi q. alguma coisa houve contra mim no ministerio da guerra, q. meu cunhado me aconselhava cuidado, cautela, q. me não metesse em coisas, tal

como nos bons tempos da monarquia, os conselhos de meu Tio José.

Fui aos ares; as traições dos amigos tinham-me irritado; andava maluco de todo; a ocasião foi azada e sem perder tempo escrevi a seguinte carta ao Helder Ribeiro:

30-maio-911

Meu caro Helder:

Acabo de receber em carta do Costa-Ferreira, a grata noticia de q. o nosso ministro está zangado comigo porq. eu, num comicio, declarei não obedecer ao general da divisão e mais cousas neste genero.

Estranha cousa na Verdade!

Os processos pelo q. vejo são os mesmos. Como chegou essa infamia ahi? Quem a insinuou?

E ha no gabinete do ministro rapazes q. se dizem meus amigos e, ou não desfazem a infamia (se me conhecem) ou não me previnem para eu me defender!

E' extraordinario!

Vocês teem-se mostrado amigos, para quê? Para agora deixarem correr uma calunia ignobil como essa? Para não defenderem uma creatura q. sempre lhes foi dedicada e q. durante a monarquia vocês sempre procuráram para os trabalhos revolucionários?

E' assombroso!

Em Coimbra fui somente a um comicio apresentar a minha candidatura e em 2 ou 3 minutos disse q. não ia tomar compromissos senão o de trabalhar para o bem da Republica, se chegasse a ser eleito. E ahi chega a nova q. eu me revoltei contra o general! E vocês deixam correr a infamia, calam-se, consentem q. o nosso ministro fique com a impressão má q.

realmente um facto desses não póde deixar de causar!

E' espantoso!

Quem o disse ahi? Não m'o disem? Naturalmente não o disem q. é para os processos continuárem a ser os mesmos.

Eu não merecia isto. Fui um perseguido e vejo q. continuo a sel-o. E' logico.

Façam o q. quizerem q. eu tudo supportarei serenamente, sem me baixar. Descancem q. lhes não farei um unico pedido.

E quanto ao general...

E' melhor calar-me para lhes não dar razão...

Sem mais. Teu antigo condiscipulo

— Blizário.

Era pois uma carta agressiva, talvez forte de mais. Mostrei-a no quartel aos oficiaes republicanos. O major Bandeira escreveu no mesmo sentido ao Sá Cardoso, e o caso fez uma certa sensação.

Eu fui talvez violento, mas paciencia. Fui sincero e é o principal.

Uns dias depois veio resposta: o Helder mega ou-se, «por eu o supor capaz de deixar sobre mim uma acusação;» diz q. nada ha a meu respeito no gabinete e atira as culpas para o Bandeira.

Coll. Cartas.

Fiquei parvo... Não percebi. Cheguei á conclusão de q. andamos todos doidos.

Será verdade?

No dia 6 de junho lá respondi ao Helder, mais manso, é claro, e talvez um pouco arrependido:

6-junho-911

Meu caro Helder:

Depois da tua carta quiz ver se meu cunhado me dizia quem o informára de taes cousas a meu respeito. Elle não disse quem foi; apenas fala vagamente em perigos para mim, no diretorio, em q. tome cuidados.

O q. foi não sei ainda, mas é certamente intriga, como intriga é o dizer-se isso do major Bandeira. Enfim...

Só te digo, meu caro Helder, q. desculpes a forma talvez agressiva com q. te escrevi, mas estes ultimos tempos teem-me causado uma grande irritação desde o diretorio me não reconhecer republicano para candidato ás Constituintes, até a companheiros de trabalhos q. me guerréaram a eleição com tal deslealdade e tal gana q. a perdi ingloriamente.

Compreendes q. a ocasião era azada para acreditar em qualquer cousa q. me dissessem.

Meu caro: tive a veleidade de supôr q. poderia ser util trabalhando; mas não: volto á minha vida antiga, obscura e simples, com a qual andarei mais socegado.

Desculpa, pois, os desabafos e a minha irritação. Deves comprehender o meu estado de espirito e manda o teu velho amigo, etc, etc.

E ficou encerrado o incidente, e concluindo q. houve em tudo manobra do diretorio por causa da eleição.

Eu na verdade, fiz sombra...

×

E agora, q. mais?

Agora, só o resto nos póde interessar. Isto é quasi o arrumar de feira.

Em 2 de junho, o José Cardoso, da Louzã escrevia-me: « Não percebo nada nem já agora quero "perceber. Não comprehendo a razão porq. o não vo-"taram aqui ... » etc.

Coll. Cartas.

Em 3 de junho, o jornal "O Sargento" consolá-va-me, num artigo, dizendo q. eu tive uma « honrosissima votação » no circulo...

E em 9 de junho, a "Defeza", largava mais outra piada ás sanções das candidaturas. Imbecis e marotos.

Que mais ha?...

Em 31 de maio, tristemente, o Gordilho, administrador exfulso de Mira, procurou-me, lembrando-me a sua situação, lembrando q. por nossa causa elle perdeu o logar... etc, etc. Eu emfurrei-o para o Pires de Carvalho, está claro. (E o q. é interessante é q. ele tem razão.)

Neste mesmo dia 31 comecei com os agradecimentos: e assim escrevi para Miranda ao Calixto, ao José Camilo, ao Batalhão, ao José Bastos e ao Manuel Correia Dias.

Escrevi ao José de Campos, para Sousselas. Escrevi ao Levy Louro q. nunca vi mais gordo.

Não sei se a mais alguem; mas mesmo assim, foram 175 reis em estampilhas...

E o Pires de Carvalho lá foi para Lisboa, solenemente, feito deputado... á custa dos outros, e dalguma cousa mais.

Na Lourã, nos ultimos dias, lá andou ele, apresentando-se como homem do Antonio José d'Almeida; e uns dias depois da eleição, encontrando-me á noite com o Julio da Fonseca, disse para este:

— Viu a sua votação na Lourã?

— Vi... respondeu o Julio.

E eu, encostado á parede, estive nae não nae para dizer:

— E eu tambem vi a minha...

×

E aqui está como tudo se passou... Nem mais nem menos, meus caros.

Hei-de rir? hei-de chorar?

Ah! q. a minha vontade não foi rir ou chorar; a minha vontade foi poder esfaucar esses dois cavalheiros de industria q. são o Pires de Carvalho e o Jayme Cortezão...

Sim, esfaucal-os!

Eu tinha a eleição certa se aqueles dois cavalheiros não veem com a sedução da politica radical e independente...

Ai dos q. creem!...

E eu q. acreditei!... Parece q. não tenho já os meus 30 annos e mais um, e ainda estou nas minhas desoito e generosas primaveras...

Paciencia.

30 de maio a 24 de junho
1911

Aqui ficam, pois, tal como a escrevi ainda debaixo das impressões do momento, a descrição mais ou menos pormenorizada, do que foi a minha eleição para as Constituintes de 1911 — a que aspirei, diga-se a verdade, com certo desejo.

Como disse na pag. 248, vai assim intercalada tal como então a escrevi. Custou-me a copiar e alterar mais ou menos fonte; mas, francam.te, isso seria tirar-lhe o sabor do tempo e possivelmente falseá-la. Assim fica verídica, saída como foi do meu desalento no que não exclue bastante azedume.

Hoje, passado quase meio século, vejo aquele período com certa frieza se bem que ao reler as papinas q. aí ficam ainda sentí por vêres vislumbres da indignação que ao tempo me invadiu. Na verdade, o que conto e o que fica junto em caixa especial como complemento destas memórias, quer em recortes de jornais, folhas soltas, telegramas, etc. é o suficiente para se compreender como me senti ferido e indignado.

336
16
352

Aí fica, pois, toda essa lenga-lenga pa-
ra o futuro... se alguem um dia lançar so-
bre estas linhas olhar complacente.

Nas margens duma ou outra pagina ha si-
nais de raspadeira. De facto raspei estas que
na ocasião lancei para indicar o local de cer-
ta documentação que mencionava; essa docu-
mentação, como disse acima, está agora em
caixa especial onde reino, por ordem crono-
logica, tudo quanto me diz respeito.

E agora, dadas estas explicações... vamos
seguir com as memorias.

Já é tempo de me não esquecer de que ha
ainda muito que contar.

Coimbra:
4-Abril-1959.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

Apendice :

(De pag. 71)

Carta dirigida a Olília Miranda, irmã hospitaleira de S. José de Cluny, no recolhimento de S.ta Clara de Coimbra:

«Il.mas Ex.mas Snr.as: — Lagôa, 14-10-910 — Peço por caridade a Vex.as e o favôr de as mandar até Macedo de Cavaleiros; pois elas são umas infelizes não teem meios; para irem para aí foi a poder de esmolas e sabe Deus como se viram julgando eu que iam a ser tão felizes!... Farei os maiores sacrificios; se não poderem até Macedo, ao menos até ao Porto. — Deus lho recompensará — De Vex.as at.a vene.r ser.ra obrig.da — (a) Anna Miranda.»

×

(De pag. 87)

«Policia civica de Coimbra. — Repartição de Judiciaria. — Il.mo e Ex.mo Snr. — Incluso envio a V. Ex.ª uma carta da faculdade de direito e uma fa. ca grande que foram apreendidas no café do Sr. Francisco José Costa, sito no arco de Almedina, que ali foram dadas a guardar por Armando de Oliveira Bernardes, estudante, morador na rua dos Sapateiros e por um filho de um tal Fonseca das arrufadas, tambem estudante, morador na rua dos Gatos e por Mario Paixão, morador na rua do Correio n.º 2, declarando este Paixão q. os estudantes ainda levaram uma outra carta

...

branca, da faculdade de Teologia, onde já mandei em guarda afim de lhe ser entregue os quais se recusáram a entrega-la, dizendo não a terem mem pedirem dela. O filho do Fonseca chama-se António dos Santos Fonseca. — E' o quanto tenho a informar Vêe. para os fins que julgar convenientes. — Coimbra, 18 de Outubro de 1910. — O cabo nº. 8 — (a) António Simões J.or »

×

(De pag. 98)

« João Augusto Simões Farias — comunica a Vêe. que em Coimbra estão dois antiquarios do Porto hospedados no Hotel Bragança que hoje teem corrido as casas religiosas á procura de antiguidades; se Vêe. entender que os deve mandar vigiar ou pelo menos vigiar os despachos que fizerem, pode mandar uma pessoa autorizada que eu lhe indicarei os sujeitos. — De Vêe. creado ven.or — Coimbra — 25/10/1910 — (a) João Augusto Simões Farias. »

×

(De pag. 102)

« Ex.mo Sr. Governador Civil do Distrito de Coimbra — Tendo tomado posse deste logar de Comissário de Policia em 9 do corrente, na ausencia do sr. Comissario anterior, recebi a cha-

. . .

ve do cofre da corporação e conferi juntam.te com os demais membros do conselho adminis trativo o dinheiro existente no mesmo cofre. — Tive duvidas, porem, a respeito de algumas quantias mencionadas na acta da entrega em 30 de Junho de 1910, como a de 138:500 rs. representativa de quantias abonadas ás praças do corpo a titulo de emprestimo e a de 13:970 rs. de despesa feita para o commissariado pelo fallecido commissario Krusse Gomes. — Alem disto, vendo, embora ligeiramente, o estado do chamado cofre das pensões (aposentações) pareceu-me ne cessario que ele não correspondesse ao que devia ser, bastando para isso reparar que existindo o cofre desde 1878, tem somente dinheiro sufficiente para pagar a aposentação de um cabo e dois guardas. — Por isto e por mais coisas cuja ave riguação me é difícil, não mandei lavrar ain da a acta da entrega, para pedir a V.Ex.ª para auto risar um inquerito ao estado do cofre, á escri turação e bem assim p.º V.Ex.ª determinar que se estude o meio de não serem prejudicados al guns guardas já velhos e quase invalidos q. por saberem que não ha dinheiro no cofre se não aposentam; e se estude tambem uma reorga nização na escrituração destes serviços todos. — Saude e Fraternidade. — Coimbra, 21 de Outu bro de 1910. — O commissario — (a) B.P.

×

. . .

(De pag. 405)

« Lx.ª : 25 de Outubro — Meu caro Belisário. — Escrevo-te rapidamente para te pedir informes e vigilancia sobre o que vou narrar. — Constou-me aqui que um tal José Gama, de Coimbra [1] conspirára por aí, tendo até havido reuniões no antigo centro franquista sito, suponho que, na rua do Visconde da Luz. — Vai para aí, no comboio de hoje, o "cavalo de pán", tenente de Infant.ª de nome Brito e Silva que teve conferencias amendadas com o Alvaro Pinheiro Chagas. [2] — E' necessario, pois, que vigies tal e me informes do que ha de verdade em tudo isto. — Dizem-me até que eles se correspondem por meio de cifra cuja chave está já em meu poder. — O Chagas vai hoje comandar o 23 e para lá vai tambem o Bandeira. [3] — Vigia o Cunha [4] e os talassas daí. — Um grande abraço e dispõe sempre do teu amigo — (a) Helder Ribeiro. »

×

---

(1) Nunca se soube quem era este José Gama que conspirava.

(2) Era o António Sergio de Brito e Silva, pobre diabo com manias de grandesa.

(3) Eram o cor.l António Fernando do Rego Chagas e o major José da Silva Bandeira

(4) O coronel António Ernesto da Cunha comand.te, por engano (!!) de Infantaria 23.

...

(De pag. 105.)

« Meu Ex.mo Tenente: — 28-10-910 — . . . .

. . . . . .

Ontem vi o nosso tenente Brito e Silva, esteve na farmacia Donato, falando com o alferes Ferreira [1], tendo dado uma volta pela Avenida, indo novamente para a farmacia onde se encontrou com o sr. ten.te Correia de Almeida [2] — O comandante está no Hotel Mondego. — Qualquer coisa que se dê, comunico. — De V.Ex.ª sub.º e obrig.do — (a) Augusto dos Santos da Conceição. »

×

(De pag. 105.)

« O Manuel Ratha diz que lhe contaram que D. Afonso está em Portugal. — O Alcantara, oleiro, diz que Adriano Augusto de Sousa seu patrão, oleiro da rua de João Cabreira lhe contara que os republicanos ainda haviam de ir, por seu castigo, ; o D. Manuel que ha de voltar aqui a Portugal e que ha já 37:000 assinaturas e ele, patrão, já assinara tambem. Isto não é grave? — Conta o mesmo Alcantara que o cidadão Ezequiel Donato gerente da casa do seu patrão, de quem é genro, se fechára com um operario no escritorio e lhe dissera que Gas

---

(1) Herculano Jorge Ferreira.

(2) Adriano Jorge da Silveira Correia de Almeida

...

par Lobo (?) tinha um processo pendente por causa do antigo apedrejamento no comboio, mas Alcantara desconfia que isso é meio de aliciar tal empregado Manuel Ferreira. Seria bom chamar o Alcantara? — Dizem que ~~ontem~~ houve reunião na Quinta das Sete Fontes. Prometeram-me nomes por escrito. — 31-X-910 — (a) F. J. C. Ramos.»[1]

×

(De pag. 105 a 107)

«Coimbra, 31-Outubro-1910 — Meu caro Helder — Pelo que tenho mandado dizer, como vês, nada era positivo. Hoje, porem, tenho dados mais certos e que teem importancia, segundo me parece: 1º: O Ivens não se tira da Inspecção de Engenharia de que é inspector o coronel Soeiro de Gamboa (que pediu a demissão e é retinto monarquico) e de que é sub-inspector o capitão Urbano[2], talassa conhecido. Quase todos os dias la passa o tempo, tendo até, algumas vezes, ido para lá á noite. — 2º: No dia 28, sexta-feira, o Ivens foi á inspecção, com um estudante que se não conheceu, ás 11½ h. da noite; como não visse luz, desceu á cidade e foi para casa do coronel Soeiro. Desta casa, depois da meia-noite, sairam: o Ivens, o

---

[1] Francisco José da Costa Ramos. Averiguei que este doc.º era fantasia como m.tas outras saidas do cerebro esquentado deste policia amadôr.

[2] Abel Dias Urbano, cap.ão de Engenh.ª

...

estudante, os capitães Hermenegildo dos Santos Pestana e António Gaspar Marques David e o tenente Luís José da Mota, do nosso curso, que á hora a que o Ivens entrou já lá deviam estar.(1) — 3º: No dia 29, o Ivens esteve de dia na Inspecção e á tarde, indo para a Baixa e encontrando o Soeiro, voltou para casa deste onde ficou á noite. — 4º: Ontem, 30, o Ivens, como de costume, esteve na Inspecção de dia. — Como vês são dados mais claros. Não haveria ligação com a agitação dos soldados de 23 ?... — O Soeiro não se dá nem com o Ivens e muito menos com a tropa de Infantaria; o Soeiro, mesmo, é intransigente com os republicanos. — Teu amigo, etc. — (a) B. P. »

x

(De pag. 124)

— Que foi muito notada a prudencia do sr. commissario de policia nos desmandos dos academicos, hontem, no theatro circo.

— Que, systhematicamente, um grupo de malcreados procura aquelle logar para dar margem á sua falta de educação.

— Que quem vae para ali com o criterio que deve presidir áquellas reuniões, nem póde nem deve estar á mercê de taes mariolões.

— Que será bom tapar o suspiro a estes meninos da *briosa*.

Do jornal O Povo de Santa Clara, de 13 de Novembº de 1910, nº 71.

(1) Soube-se depois que os três oficiais mencionados nunca estiveram em casa do coronel Soeiro. Eram as vizinhanças a trabalhar.

...

De pag. 126:

«Ex.mo Snr. Redactor do Mundo. — Surpreendeu-me bastante a noticia que o Mundo publicou no nº 3:620 de 26 do corrente, no Diario de Coimbra que fazia referencia á saída do snr. Tenente Belisario Pimenta do cargo de comissário de policia, dizendo que «enquanto esteve á frente do "comissariado soube cumprir o seu dever, captando as simpatias de todos.» Esta noticia não é verdadeira, snr. Redactor, e, ou o correspondente foi mal informado ou então houve da sua parte mais amizade pessoal do que a imparcialidade que deve ter um correspond.te especialm.te dum jornal como o Mundo tão lido e apreciado por todo o país. Eis uma prova do que afirmo: — Tendo-me dirigido ao snr. Tenente Belisario Pimenta pedindo-lhe para me fazer entregar um filho meu de 3 anos que daqui foi mandado ou feito sair sem minha autorização por um tal senhor Antonio Mota Carneiro, logo aquele senhor se prontificou a fazê-lo aqui apresentar, dizendo que eu tinha toda a razão porque era sua mãe e que mais ninguem tinha poder sobre ele. Pois, snr. Redactor, como o tal senhor Mota Carneiro instou com o snr. Comissário para não fazer caso do meu pedido, antes que impedisse o regresso da creança, logo este senhor mudou de opinião dizendo-me daí a dois dias tão prontamente que não, como me tinha dito que sim, alegando coisas que nada de importancia tinham para o caso e indo assim contra a opinião do advogado snr. Dr. Gaspar de Matos e ou

...

tros fazendo só justiça ao pedido do snr. Mota Carneiro. — Bom era, snr. Redactor, que fizesse ver no seu apreciado jornal que a justiça tambem se fez para os pobres e que as autoridades não devem ter paixões por pedidos. — Especialmente nesta terra estão-se precisando autoridades com energia porque se assim não fôr tarde ou nunca veremos chegar aqui um raio dessa luz brilhante que desde 5 de Outubro iluminou a capital. — Se Vm.ce, Snr. Redactor, fizer inserir no Mundo estas palavras rudes mas verdadeiras, muito grata lhe ficará a sua muito obrigada — (a) Felicidade de Carvalho Veloso — Coimbra, 28 de Novembro de 1910. — Rua do Borralho, nº 10.

*

De pag. 128.

Commissario de policia

O sr. tenente Belisario Pimenta pediu a exoneração de commissario de policia.

Para o referido cargo indigita se o sr. major José Miguel de Carvalho, que já exerceu o mesmo cargo.

No jornal Noticias de Coimbra, de 26 de Novembro de 1910.

...

De pag. 157

Pela ultima ordem do exercito foi collocado em infanteria 23, o nosso presado amigo, Sr. tenente Belizario Pimenta, que durante alguns mezes exerceu o cargo de commissario de policia de Coimbra, de maneira a conquistar não só a estima dos seus subordinadss, como a consideração publica.

Ao caracter lidimo do brioso militar, nada ha a dizer mais do que, todos assim deviam ser, deixar e espalhar por onde passam, a consideração, respeito e estima dos seus subordinados, e a saudade de o deixarem partir.

Ao regimento d'infanteria 23, os nossos sinceros parabens.

O Bargantão, de Coimbra, nº 6, de 31 de Dezembro de 1910

x

De pag. 155:

Administrador do concelho

COIMBRA, 19.—Tomou hoje posse o novo administrador do concelho, Floro Henriques, secretario da comissão municipal demissionaria e vereador da camara municipal. A nomeação foi de toda a justiça porque Floro Henriques foi sempre um trabalhador incançavel, sempre na brecha para a defesa do ideal republicano. O dr. Nogueira Lobo, no pouco tempo que esteve á frente da administração, desempenhou com zelo e inteligencia o seu logar. Floro Henriques desempenha tambem o logar de comissario de policia, pela saida do tenente Belisario Pimenta que ha tempos já tinha pedido a sua exoneração e que se encontra bastante incomodado de saude.

Em 22 de Dezembro de 1910.

...

De pag. 168 :-

« Regimento de Infantaria nº 22. — Por autorização da Secretaria da Guerra. — Marcha desta cidade de Portalegre para Lisboa, seguindo o itinerario á margem indicado, afim de ser presente á Junta Hospitalar de Inspecção que deve reunir no Hospital Militar daquela cidade no dia 29 do corrente, o tenente B. P. da 1ª companhia do 1º batalhão. — {...} — Quartel em Portalegre, 28 de Agosto de 1910 — O comandante — (a) Jacinto Eduardo Pacheco, coronel.

« Itinerario : Via ordinaria : Dias : 28 — Kilometros a percorrer : 11, estação de Portalegre — Via ferrea : Dias : 28 (tarde) : Entrada na estação de Portalegre. Saida na estação de Lisboa em 29. — Quartel General em Portalegre, 28 de Agosto de 1910 — O major interº de brigada — (a) J. Costa, capitão ajudante de campo.

« 3580 — Apresentado e vai apresentar-se hoje pelas 11 h. da manhã ao presidente da Junta Hospitalar de Inspecção. — Quartel-general da 1ª Divisão Militar, 29 de Agosto de 1910 — Pelo chefe do Estado-maior — (a) Fernão de M. C. Fernandes Tomás, ten. de artelhª 1.

« Apresentado e foi julgado incapaz do serviço temporariamente. — Hospital Militar de Lisboa, 29 de Agosto de 1910. — O Presidente da Junta — (a) J. Barbosa Leão, ten. corel

...

«3589 — Apresentado e em conformidade com a nota da 1ª Direcção da Secretaria da Guerra nº 1611 de hoje, segue para Coimbra onde vai fixar residencia enquanto estiver na inatividade. — Quartel-general da 1ª Divisão militar, 29 de Agosto de 1910. — O chefe do estado maior — (a) José Joaquim de Castro, cor.el

«404 — Apresentado. — Quartel-general em Coimbra, 3 de Setembro de 1910. — Pelo chefe do estado-maior — (a) José Joaquim Guedes de Melo, ten.te

«470 — Em virtude do determinado pelo Ministerio da Guerra em seu telegrama de ontem, vai apresentar-se no Governo Civil de Coimbra afim de desempenhar as funções de Comissario de Policia. — Quartel-general em Coimbra, 12 de Outubro de 1910. — Pelo chefe do estado-maior — (a) Antonio Julio Belo de Almeida, ten.te

«Vai ser presente á Junta da 5ª Divisão Militar que se ha-de reunir no dia 5 do corrente mês, conforme lhe foi concedido pelo Exmo Comandante da Divisão Militar — Governo Civil de Coimbra, 3 de Dezembro de 1910 — O Governador Civil — (a) Antonio de Cerqueira Coimbra.

«566 — Apresentado e vai ser presente á Junta Hospitalar. — Quartel-general em Coimbra, 5 de Dezembro de 1910 — O chefe do estado maior — (a) Alvaro Pereira de Gouveia, major.

«Foi presente á Junta que o julgou prompto para todo o serviço. Quartel-general em Coim

...

tera, 5 de Dezembro de 1910. — (a) Guilherme Augusto Gomes Pereira, ten. c.el de Infant.ª 23.

«567 — Apresentado e regressa á sua anterior situação. — Quartel-general em Coimbra, 5 de Dezembro de 1910 — O chefe do estado-maior — (a) Alvaro Pereira de Gouveia, major.

«Tendo deixado de exercer o cargo de Comissario de Policia Civil deste distrito, vai apresentar-se no Quartel-general da 5ª Divisão Militar. — Governo Civil de Coimbra, 30 de Dezembro de 1910 — O Governador Civil — (a) Antonio A. Cerqueira Coimbra.

«610 — Apresentado e por concessão do Ex.mo Sr. o General Comandante da Divisão foram-lhe concedidos dez dias de licença nos termos do regulamento dos quarteis-generais e comandos militares com principio hoje, por ter sido colocado no regimento de Infantaria nº. 23 pela O. E. nº. 12 de 28 do corrente. — Quartel-general em Coimbra, 31 de Dezembro de 1910 — O chefe do estado-maior — (a) Alvaro Pereira de Gouveia, major. »

×

Indices:

I - Anos
II - Nomes proprios
III - Varia

III. –
II. –
I. –

...

I

Anos:

1910 - - - - - De Pag. 1 a ...
1911 - - - - - De Pag. ... a 336

II

Nomes proprios

Alarcão {José Maria Alves de) : 32
Afonso {Infante Dom) : 105.
" {Paulo de Serpa) cap.ão de Infant.e : 230
Aires {José Joaq.m de Oliveira) : 229 e 233
Albuquerque {Guilherme de) : estud.te : 270 e 282
Alcantara {José Nunes), oleiro : 24.
Alemão {Aníbal da Costa), estud.te : 227.
" {Dr. Manuel da Costa) : 227.
Almeida {Dr. Ant.o José de) : 87, 88, 89-93, 148, 241, 259, 274, 303-305, 307 e 333.
" {Domingos de) : func.o dos correios : 26
" {Eduardo Augusto de) : 31
" {Dr. Fortunato de) : 226-227.
" {João de Brito Pimenta de), cap.tão : 27.
" {Jorge da Silveira Correia de), ten.te inf.a : 183, 187, 188, 194, 199, 204, 209, 215 e 242
" {Dr. José de Almeida), medico : 287 e 298
" {José Augusto Lopes de) : 26
" {Lourenço Chaves de) : 11
" {Luis Lopes) : 32-33
Amado {José Correia) : 24 e 157
Amante {Dr. Cruz) : 49-50
Amaral {José M.a do) : func.o dos correios : 26

Aureal (Visconde do): João Mexia Aires de Campos: 104, 113-117.
Antunes (P.e Antônio): 63-64.
Araujo (Humberto de Sousa): 31.
Arriaga (Dr. Manuel de): 86-87, 88, 89, 91 e 93
Ascenção (João Rodrigues), cap.ão do Cavalr: 230
Assis (Machado de): 163.
Arêdo (Dr. Leão): 277, 288 e 292.
Arenêdo (.....), tenente: 215.
Bandeira (José da Silva), major: 182, 187, 188, 194, 199, 201, 209, 232, 239, 242, 243-245, 257, 260-261, 282, 284, 299, 307, 330 e 331.
Baptista (João Rodrig.o), ten.te: 319
Barachô (Sebastião Dantas): general: 124.
Barata (João Simões da Fonseca): 24 e 292.
Barreto (Ant.o Correia), cor.el: 105, 119-121, 156, 157 e 220.
" (Fernando Bissaia), estud.te: 89 e 91.
Barros (João de), sec.o XVI: 96
Basto (Ant.o), farmaceutico, Min.o: 319, 327 e 332
" (José Camilo da Silva): 312 e 332
Bastos (Dr. Ant.o Maria de Sousa): 96-97.
" (José), fotografo: 22-23.
Batalhão (Manuel Pereira): 250, 252-253, 257, 267-268, 287, 289, 318, 319 e 332.
Bettencourt (Dr.): 227.
Birne (Antônio), engenh.o: 33.
Borges (França), jornalistas: 126-127.
" (Joaquim Julio), ten. cor.el: 230 e 233.
Botelho (.....) chefe estação correio de Valença do Minho: 32
Braga (Dr. Alexandre): 142 e 143.

Brandão (Abel de Melo) : 147
Braz (Henrique), estud.te : 33
Caldêdo (Dr. José Bruno de) : 27 e 72
Câmara (D. Rui da) : 122-124
Campos (Augusto da Silva) : 33.
" (Dr. João Maria Dias de) : vide Ameal
" (José de) : alfaiate, Bruxelas : 319 e 333.
" (Mario), estud.te : 82.
Cardoso (Alfredo Ernesto de Sá) : 320.
" (José Maria), estud.te : 118, 252, 253, 255, 269, 274, 280, 289, 299-300, 315 e 332.
Carneiro (Antonio) : operario : 24.
Carôço (Joaquim Felizardo Veloso) : capitão de infantaria : 229 e 231.
" (Jorge Frederico Veloso), ten.te : 229 e 331.
Carreiro (José Bruno Tavares) : 108-109.
Carvalho (Dr. Ant.º Dias de) : 264-267, 270, 278, 282, 283, 284, 285, 287, 289, 290, 291, 300, 301, 306, 310, 316, 317, 322, 323, 325, 332 e 333.
" (Cesar Diniz de) : 24
" (Franc.º Miranda Martins de), tenente, 233 e 234.
" (Inácio de), maquinista : 34.
" (Dr. Joaq.m Martins Feix.a de) : 270.
" (José Miguel de), major : 15-18 e 127
" (Dr. José Carlos Ber.ra de) : 32
" (Luis Guilherme Nunes de) : 166 e 201
Casimiro, guarda do Museu das Bolas : 114 e 116
" (Augusto), alferes : 119-121, 184, 187, 194, 204, 215, 242, 253-255, 273, 275, 283 e 295.
Castelo-Branco (Camilo) : 1 e 75
Castro (Alvaro de) : 250, 256, 262-263.

Castro (Dr. Augusto Mendes Simões de): 22
" (Gonçalo Picarreta de) Cor.el: 166
" (Joaquim Ber.no Picarreta de), Gen.al: 241
Carneiro (Evaristo José): 96
Chagas (Ant.o Fernando do Rego), ten. cor.el: 22, 165, 168, 187, 188, 196-197, 209, 226, 242, 245, 271, 295, 297 e 299.
Cid (Dr. Augusto de Matos): 38.
" (Dr. José Soliral): 264 a 273.
Coimbra (Dr. Ant.o Carneiro): 110-112, 117, 127, 129, 133, 145, 151-153, 156, 157 e 166-147.
Correia (Marquês de Jácome): 108-109.
Cortezão (Dr. Ant.o Augusto): 268
" (Dr. Jaime): 263-267, 268-269, 271, 272, 277-280, 282-286, 290, 291, 295, 299, 301, 306, 310, 311, 317, 322, 323, 324, 325 a 333.
Costa (Dr. Afonso): 62, 64-66, 254, 267 e 322.
" (Alvaro), estudante: 322
" (Ant.o José da): piculor: 24
" (Carlos), tipografo: 24
" (Francisco da): escrivão da Policia: 65 e 79
" (Dr. Franc.o José Fernandes): 11, 12-14, 36-61, 64, 65, 80, 86-87, 88, 89, 90, 94, 95, 104, 110-111, 115-117, 128-130 e 166
" (Joaquim Emiliano da): 27 e 205.
" (Manuel Ant.o da): 23 e 306
Coutinho (Antonio), 1.º oficial do Gov.º Civil: 15
Cruz (Alfredo Eduardo da), cap.am de Inf.a: 182, 190, 203 e 206
" (José Coelho Carneiro da Cruz), idem: 27 e 157.
" (Olimpio da), Caligrafo: 28.